



Nuno Manuel Fortuna Malheiro Lopes

SÉRIO FERNANDES E A ESCOLA QUE “NÃO EXISTE”

Volume II

Tese de doutoramento em Estudos Artísticos, na especialidade de Estudos Filmicos e da Imagem, orientada por Sérgio Dias Branco, e apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Abril de 2018



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Sério Fernandes e a escola que “não existe”:
contributo para uma reflexão sobre a escola do Porto
Volume II

Nuno Manuel Fortuna Malheiro Lopes

Ficha Técnica:

Título	Sério Fernandes e a escola que “não existe”
Subtítulo	contributo para uma reflexão sobre a escola do Porto
Autor	Nuno Manuel Fortuna Malheiro Lopes
Orientador	Sérgio Dias Branco

Constituição do Júri	Presidente:
	Pedro Jorge Cardoso Carvalho
	Vogais:
	José Alberto Ribeiro de Campos Martins Pinto
	Bruno Miguel dos Santos Mendes da Silva
	António Manuel Dias Costa Valente
	Fausto Cruchinho Dias Pereira
	Sérgio Emanuel Dias Branco

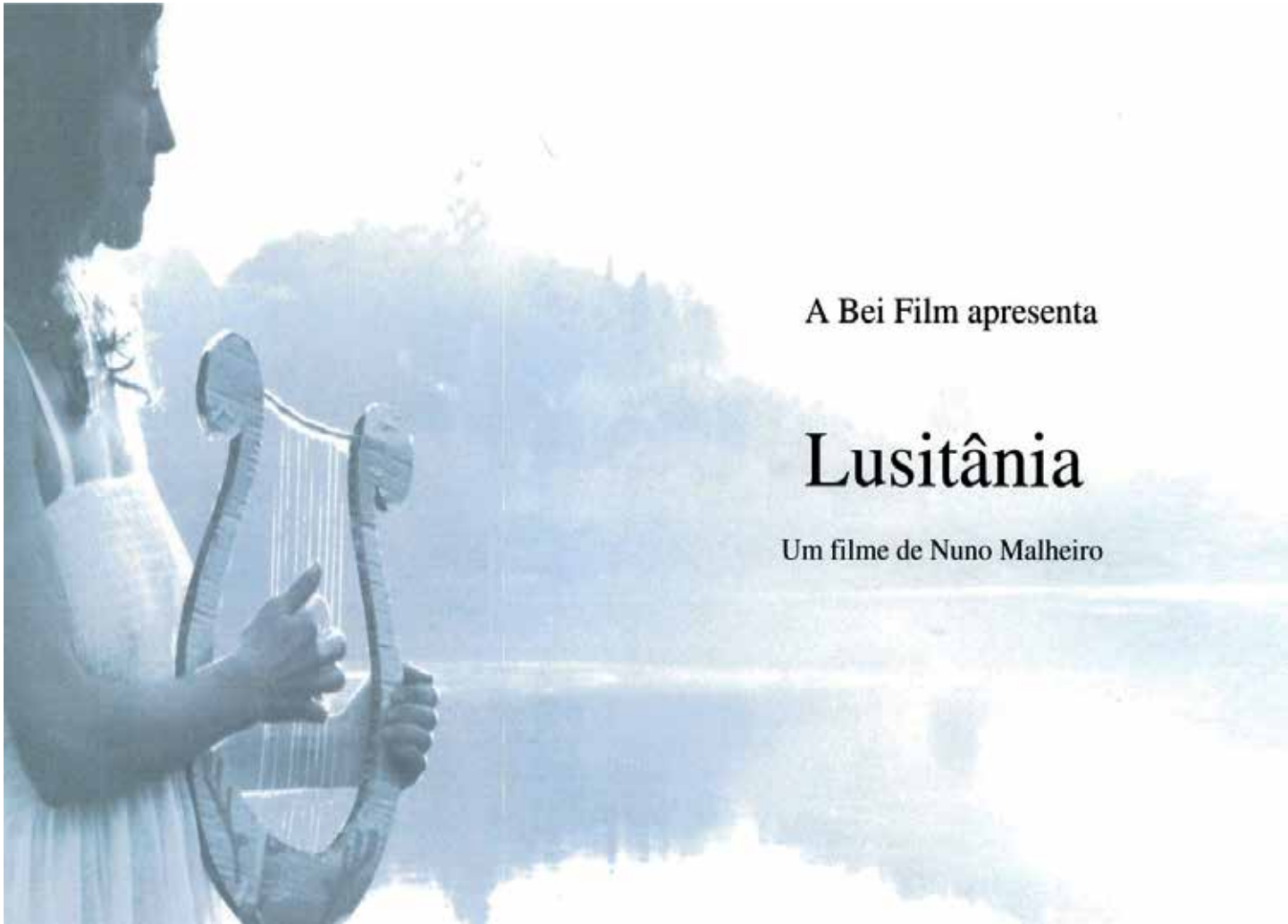
Área Científica	Doutoramento em Estudos Artísticos
Especialidade	Estudos Fílmicos e da Imagem
Data	03 de Abril de 2018
Classificação	Aprovado com distinção e louvor



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Índice

Apêndices.....	5
I. Dossier de Produção do filme <i>Lusitânia</i>	7
II. <i>Lusitânia</i> , minha pátria poética.....	101
III. Divagações estético-filosóficas em torno do Quadro Artístico Cinematográfico.....	113
Arquivo Documental da escola do Porto.....	123



A Bei Film apresenta

Lusitânia

Um filme de Nuno Malheiro

APENDICES

- I. Dossier de Produção do filme *Lusitânia*
- II. Texto “*Lusitânia, minha pátria poética*”
- III. Texto “Divagações estético-filosóficas em torno do Quadro Artístico Cinematográfico”

Dossier de Produção do filme

Lusitânia



Apêndice I: Dossier de Produção do filme *Lusitânia*

Texto do Realizador - Uma introdução ao Dossier de Produção do filme *Lusitânia*

Nota Prévia

A dissecação do mito é um acto criminoso.

É por este motivo que a introdução que se segue deve ser lida como uma transmutação, uma extensão do transe criador que possuiu um realizador durante a concretização de um Filme.

A sua estrutura está dividida em duas partes, Portugal e Lusitânia, sendo esta última parte do prólogo do filme homónimo.

Sem mais prefácios, remeto a vossa atenção para os textos, mas especialmente para o filme, pois como alguém disse um dia: “Uma imagem vale mais do que mil palavras”.

Nuno Malheiro



Ao fundo, a magnífica cidade do Porto. Vista do plateau do Quadro do Fado. Fotografia de Cena de Raquel Dora Pinho.

I Portugal

*Hoje vou dizer-te toda a verdade!
Tudo o que sinto por ti
Odeio-te!
Sim, é verdade
Odeio-te!*

*Abomino os teus tecnocratas
Os teus sociólogos das superfícies*

*Detesto o teu atavismo confuso
Todos os teus sincretismos caóticos
Beijando mão à razão crua*

*Odeio o teu governo desgovernado
A sua ignorância de ti
Ó bravo Povo!*

Detesto a estrangeirada máscara que te deforma!

*Os teus políticos imbecis
A tua elite decadente e invejosa
A tua juventude morta ou confusa
Os teus apetites baixos e inconscientes
Tudo isto eu odeio!*

*Os teus papagaios burros
A tua cobiça corrosiva
O teu “progresso” sem rumo
O teu medo de Existir*

Tudo isto eu vomito!

*Carcaça pútrida e malcheirosa
Caravelas podres num mar de indiferença
Revolta calada da Esperança morta
Pornográfico sedativo de futebol e telenovelas*

Morre agora Portugal!

Sucumbe à força deste desprezo satirizado!

Morre e Renasce ao som de uma Invocação itemporal:

Ergue-te Lusitânia!

Ergue-te Quinto Império!

Ergue-te escola do Porto!



Sofia de Pina, a Moura Encantada do filme *Lusitânia*. Fotografia de Cena de Raquel Dora Pinho.

II Lusitânia

*Presencio imperturbável
Esfinge de gesso e solidão
O esquálido cortejo que passa triste
A sanguínea lava das gerações
Turba demoníaca de vorazes apetites
Corrente enraivecida arrastando monstros feridos*

*Que nome darei a este Rio?
Eu que também sou náufrago
Nas avenidas e montes
Reflectidos nestas águas ondulantes...*

*Que nome darei a este Rio?
Eu que também sou cadáver adiado
Vociferante espectro contorcido
No desejo que espreita
Por detrás de olhos receosos...*

*Que nome darei a este Rio?
Eu que também sou lenda e riso
Coro de estrelas trágicas
Sinfonia de astros cadentes
Elegia do silêncio
Canto da amizade venturosa
Oceano aveludado e mágico...*

*Diz-me que nome guardam teus lábios
Divina Musa*

*Diz-me enquanto deslocas
A sua superfície fria
Um sopro quase imperceptível
Diluindo-se no espaço imenso*

*Um momento irrepetível
De concentração infinita*

*Diz-me sempre que moves
Os teus ardentes contornos
Nesta prisão que me cerca*

*Diz-me enquanto ondulas
Numa Odisseia imprevista
Improviso do Destino ocioso*

Silêncio

*Um pó de estrelas negras
Traz-me a notícia dos teus suspiros*

*A sonora vibração da Lira informe
O corpo desnudado desse nome
Lusitânia...*

Vaidades

*És a História
De um lento Despertar
Cavaleiro da triste figura
Príncipe da matinal bruma
Espada em riste
Ternura no olhar*

Simulacros

Desertos

E nada mais...

És o mais belo poema de Amor

Ó Musa!

*Porque me envenenaste com sonho?
Porque me iludiste com as miragens do teu corpo?*

*Canto cristalino e puro
Brotando do peito saudoso
Pedro e Inês colhendo a Esperança em flor*

Tem piedade de mim!

*Deixa-me encostar o rosto no teu regaço
Agora que o meu canto fraqueja
Sob o peso insuportável desta Humana Cruz*

És Primavera trágica, Outono em fogo

*Um segredo imaginado
Nas áureas terras d’Ourique
Profecia de um império do Sonho
És o glauco espelho no Tâmega de Pascoaes*

*“No mais Musa, no mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não nos dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
De uma austera, apagada e vil tristeza”*

*És uma caravela perdida
Ecos distantes da Idade d’Oiro*

*És uma princesa encantada
E o negro Fado dos teus Poetas*

És o Povo humilde e suplicante

És o santo Conde aos pés da Santa Virgem

Silêncio

*Uma densa cortina
Projecta a pétrea dor
No olhar mais penetrante*

*Que vejo eu?
Profetas sufocados
Pela pestilência asséptica
Da Razão fria*

*Heróis agrilhoados
Pela tirania pérfida
Do vil metal*

Juventude sem fogo...

Velhice sem dignidade...

*Esperança moribunda
No solo ensanguentado
De uma praia distante*

1. Breve Contextualização Histórica dos Mitos tratados pelo Filme

Introdução

Ulisses

O mito é o nada que é tudo.

O mesmo sol que abre os céus

É um mito brilhante e mudo –

O corpo morto de Deus,

Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,

Foi por não ser existindo.

Sem existir nos bastou.

Por não ter vindo foi vindo

E nos criou

Assim a lenda se escorre

A entrar na realidade,

E a fecundá-la decorre.

Em baixo, a vida, metade

De nada, morre.

(Fernando Pessoa, Mensagem)

Por detrás da aparência corpórea, límpida, apolínea da realidade quotidiana esconde-se o império espiritual e avassalador do mito.

Nas palavras de Nietzsche:

“Música e mito trágico são, do mesmo modo, expressões de faculdade dionisíaca de um povo; e são inseparáveis. Ambas emanam de uma esfera da arte que está para além da apolínea; ambas iluminam uma região de harmonias gloriosas onde deliciosamente se extingue a dissonância e se desvanece a imagem horrível do mundo; ambas brincam com o agulhão do desgosto, confiantes na potência infinita dos seus encantamentos; ambas justificam por este jogo a existência até do “pior dos mundos possíveis”. Ao olhar do apolíneo, o instinto dionisíaco manifesta-se aqui como força artística, primitiva e eterna, que chama à vida o mundo inteiro da aparência, no seio da qual uma nova ilusão transfiguradora é necessária para prender à vida o mundo animado da individuação.” (Nietzsche, 2004: 171-172).

Duas linhas se interceptam neste ponto fugidio e inabarcável a que chamamos presente; dois tempos se cruzam e aglutinam numa condensação de infinito em que a nossa percepção flutua.

O primeiro desses tempos é o governante secular e metódico da nossa percepção histórica, do nosso espaço euclidiano, das nossas máscaras existenciais, dos nossos valores, da nossa cultura intranquila, da nossa medida, da nossa hierarquia social, da nossa individuação, da nossa justiça imperfeita e terrena, em suma, da ilusória torre de Babel que denominamos realidade.

O segundo tempo do Universo é o caminho cristalino do invisível, da metáfora, dos corpos etéreos, das naturezas secretas e perenes, das ideias perfeitas e intangíveis, dos arquétipos silenciosos e omnipresentes, de tudo o que transcende a sua mera funcionalidade mecânica, das leis pétreas e trágicas inscritas no fundo negro da nossa visão interior e penetrante.

O mito é o veículo que nos permite a ascensão ao segundo tempo do Universo. Ele transporta-nos ao território da Arte na epifania poética que revela a nossa natureza profunda, a nossa realidade derradeira, a nossa condição existencial, o tesouro prístino e intemporal a que chamamos alma.

Destes dois tempos tratará o presente capítulo. Do primeiro, explicitaremos o enquadramento racional, os aspectos visíveis da imagem, a contextualização cronoló-

gica e histórica de cada um dos Quadros do filme.

Em relação ao segundo tempo, o tempo do mito, verdadeiro “objecto” do nosso filme, acenderemos apenas uma ténue luz que permita clarificar a perspectiva pela qual cada Quadro é abordado no filme, uma vez que a construção de uma grelha de leitura do conteúdo da obra resultaria forçosamente redutora e contrária aos princípios e natureza da abordagem que a norteia.

Terminamos esta introdução com algumas palavras que desvendam eloquentemente o espírito que sustenta a construção deste filme.

Como escreveu Miguel Esteves Cardoso na sua introdução à Arte de Ser Português, de Teixeira de Pascoaes:

“Para um país como o nosso, em que se perdeu a dimensão colectiva dos gestos, a extraordinária coragem de Pascoaes, de falar no que não pode ser posto em prática, provado ou legislado, parece cada vez mais sensata. Faz falta falar na alma. Faz falta querer o bem eterno de Portugal.” (Esteves Cardoso, 1991: 11-12)

Viriato

Viriato considerava a auto-suficiência a sua maior riqueza, a liberdade, a sua pátria e a superioridade que lhe advinha da coragem, a sua mais segura posse.

(Diodoro)

Os Lusitanos eram uma etnia ou grupo confederado de povos com características indo-europeias que habitava o território compreendido entre os rios Douro e Tejo aquando da ocupação romana da península Ibérica. Eles foram o povo peninsular que mais tenazmente se opôs ao jugo romano.

“O território lusitano era constituído por duas zonas muito díspares geograficamente: o interior, montanhoso e pastoril, e as zonas de planície, no sul, de carácter agrícola e com melhores perspectivas de desenvolvimento. Baseando-se nesta disparidade

geográfica, as fontes literárias falam das enormes dificuldades de sobrevivência dos Lusitanos e das suas contínuas razias aos povos da Meseta para debelarem a miséria em que viviam.” (Pastor Muñoz, 2003: 26)

A organização social e política dos Lusitanos era baseada no regime gentílico, no qual a união dos indivíduos é garantida por laços estabelecidos pela consanguinidade (clãs).

A sua sociedade era “aristocrática na medida em que o poder político, social e a maior parte da riqueza estavam nas mãos de um reduzido número de pessoas” (Pastor Muñoz, 2003: 28).

“Estes aristocratas mostravam o seu status social pela posse de uma panóplia completa de guerreiro.” (Pastor Muñoz, 2003: 28-29)

A sua forma de combate era a guerrilha.

Diodoro da Sicília diz-nos:

“Os Lusitanos são os mais fortes de entre os iberos; para a guerra, levam escudos muito pequenos, tecidos de nervos, com os quais, e graças à sua dureza, podem facilmente defender o corpo. Durante a luta, manejam-no com destreza, movendo-o de um lado para o outro do corpo, defendendo-se com habilidade de todos os golpes que caem sobre eles. Também usam lanças, inteiramente feitas de ferro e com a ponta em forma de arpão, e usam capacete e uma espada muito parecida com a dos celtiberos; lançam as sua lanças com precisão e a grande distância, causando frequentemente ferimentos muito graves. São ágeis nos movimentos e rápidos na corrida, por isso, fogem e perseguem com rapidez (...). Com estas leves armaduras e sendo muito ágeis nos seus movimentos e muito vivos de espírito, dificilmente podem ser vencidos. Consideram as rochas e as serras a sua pátria e nelas procuram refúgio por serem impraticáveis para exércitos grandes e pesados. Por isso, os romanos, que realizaram inúmeras campanhas contra eles, embora tenham conseguido conter a sua audácia, não conseguiram, apesar do seu empenho, pôr termo à suas pilhagens.” (Pastor Muñoz, 2003: 29)

A chefia militar dos Lusitanos ocorria em momentos específicos, mais concre-

tamente quando estavam envolvidos em guerras e era promovida através de assembleias populares com base nos méritos pessoais do guerreiro e não a partir da sua legitimidade hereditária.

A sua organização económica baseava-se na agricultura, na pastorícia, na caça, na pesca e na exploração mineira. A predominância destas actividades varia consoante a área territorial a que nos referimos.

Estrabão faz-nos uma interessante e vívida descrição da forma de vida dos Lusitanos:

“A região situada entre o Tejo e os ártabros é habitada por 50 tribos. Embora o país seja (em parte) rico em produtos do campo e gado, em ouro e prata, a maioria dos seus habitantes preferia o roubo ao cultivo da terra e viviam em constantes guerras entre si e com os seus vizinhos do outro lado do Tejo. Só os romanos conseguiram pôr fim a esta situação, convertendo a maioria das cidades fortes em locais abertos e transferindo algumas tribos para uma região melhor. Os autores das pilhagens eram, naturalmente, as tribos da montanha, que por habitarem uma má região e serem pobres cobiçavam as terras melhores dos outros. Estes defendiam-se e abandonavam a região e, por sua vez, tornavam-se ladrões (...).

Todas as tribos da montanha vivem de maneira simples, bebem água e dormem no chão nu. Usam o cabelo comprido como as mulheres; durante a luta, atam-no. Geralmente, comem carne de cabra; ao seu deus da guerra sacrificam bodes e também prisioneiros e seus cavalos. Organizam sacrifícios em massa (hecatombes) de todo o género como os gregos. Gostam de desafios, tanto os de ginástica como os de armas e a cavalo e exercitam-se no pugilato, no tiro e na luta em grupo. Dois terços do ano vivem de bolotas que secam, cortam em pedaços, moem e de que fazem pão para terem provisões. Também fazem cerveja. Falta-lhes o vinho, mas quando o têm, bebem-no logo, organizando para isso uma festa de clã. Em vez de azeite, usam manteiga. Para comer, sentam-se num banco encostado à parede, de acordo com a idade e hierarquia; a comida é servida em círculo. Para beber, servem-se de vasilhas de madeira como os celtas. Quando estão embriagados, fazem uma dança em círculo, ao som de flauta ou de corna, em que saltam e se ajoelham. As suas vestes consistem, geralmente, numa

capa negra sobre a qual dormem no chão; mas as mulheres gostam de trajes coloridos. Em vez de moedas usam objectos de troca ou umas grosseiras peças de prata. Os condenados à morte são despenhados do alto de penhascos e ao parricida apedrejam-no fora da cidade ou dos limites da povoação. Têm apenas uma mulher como os gregos. Colocam os doentes à beira dos caminhos para o caso de passar alguém que perceba da doença. Até à época de Bruto, usavam botes de pele por causa das inundações e dos pântanos e canoas, mas actualmente são raros. Esta é a vida das tribos da montanha, entre as quais incluo os habitantes da região nórdica: os galaicos, asturianos, cantábricos e até os vascões e os dos Pirinéus. Porque a vida de todos eles é idêntica.” (Pastor Muñoz, 2003: 36-38)

O elemento fundamental da organização urbanística lusitana é o “castro ou o povoado fortificado, estrategicamente situado em elevações fáceis de defender e na margem de rios ou ribeiros. Os castros céltico-lusitanos são de dimensões muito variadas e apresentam um urbanismo diferente nas zonas costeiras e nas zonas montanhosas: os da zona montanhosa são caracterizados por um habitat com poderosas defesas e casas circulares, cuja ergologia faz-nos pensar numa íntima ligação à zona castrense do Douro; os povoados ou castros litorais, por seu lado, caracterizam-se por um urbanismo pseudo-ortogonal de casas angulares dispostas ao longo de ruas, onde nem sempre estão presentes as fortificações, pelo facto de estarem localizados em locais com uma excelente situação estratégica” (Pastor Muñoz, 2003: 49-50).

O panteão religioso dos Lusitanos é composto por inúmeros Deuses cujas funções variam. As informações existentes acerca da organização do seu culto são escassas, no entanto, é possível afirmar com base nas fontes clássicas que a adivinhação e o sacrifício eram parte integrante do mesmo.

Viriato foi o chefe da insurreição lusitana contra Roma no período compreendido entre os anos 147 a 139 a.C.

Durante estes oito anos infligiu inúmeras derrotas e contrariedades ao poderio romano na península a ponto de forçar os romanos à assinatura de um tratado de paz no ano 140 a.C.

No entanto, Roma quebraria este tratado e Viriato acabaria traído e assassinado pelos seus companheiros de armas Audax, Ditalco e Minuros.

A resistência lusitana quase se desvaneceu após a morte do seu carismático líder, de forma que, passados poucos anos, os romanos detinham já o total controlo militar e administrativo do território peninsular.

As qualidades físicas e espirituais de Viriato viriam a ser enaltecidas por diversos autores greco-latinos da Antiguidade.

Um dos exemplos dessa admiração é o seguinte texto de Possidónio:

“O lusitano Viriato, de humilde linhagem, segundo alguns, mas famosíssimo pelas suas façanhas, já que de pastor se tornou bandoleiro e depois general, era naturalmente e pelos exercícios que fazia, extremamente rápido na perseguição e na fuga e exímio na luta a pé. A comida simples e uma bebida sem refinamentos eram o que tomava com maior prazer: passou a maior parte da sua vida ao ar livre, e sempre se satisfez com os leitos que a natureza lhe ofereceu. Por isso, era superior a todo o tipo de cansaços e inclemências, nunca sofreu com a fome, não se lamentava perante nenhuma contrariedade, sabendo tirar partido de todas as circunstâncias desfavoráveis. Dotado tanto pela natureza como pela sua preocupação em manter essas qualidades físicas, destacava-se ainda mais pelas suas qualidades de espírito. Era rápido a compreender e a executar o necessário, vendo ao mesmo tempo o que tinha de ser feito e a oportunidade óptima para o realizar, e era também capaz de fingir que conhecia o mais obscuro e que desconhecia o mais evidente. Mantinha-se sempre igual a si próprio tanto no comando como na obediência, nem modesto nem altivo: e pela humildade da sua origem e prestígio do seu poder conseguiu não ser inferior nem superior a ninguém. Em suma, não empreendia a guerra nem por ganância, nem por amor ao poder, nem movido pela cólera, mas fazia-a por ela mesma, e é sobretudo por isto que foi temido como guerreiro ardente e conhecedor da arte bélica.” (Pastor Muñoz, 2003: 82-83)

Moira Encantada

*...E o pranto nas faces corria
Do rei mouro, dos seus que restavam.
Longe, ao longe, as trombetas soavam
Em Granada já feita Cristã:
...Era o grito d'Alá desterrando
Das Espanhas os crentes do Islão
(Soares de Passos)*

Os Árabes são um povo nómada da península arábica cuja primeira menção aparece numa inscrição assíria datada de 853 a.C.

Nos primitivos tempos pré-islâmicos acreditavam “no espírito das pedras, das fontes, das árvores e nos génios, vagas divindades dos ventos e da noite que só eram substituídas nos poucos casos dos conversos ao mazdeísmo” (Alves, 1987: 17).

O responsável pela conversão deste povo ao monoteísmo foi o Profeta Maomé, que já com 40 anos sente o Apelo Divino e começa a Pregação.

A 8 de Junho de 632 (dez anos após a sua fuga de Meca para Medina, facto que marca o início do calendário árabe), morre Maomé deixando, “em vez de bandos de beduínos desgarrados, apegados na sua maior parte a um paganismo grosseiro, uma comunidade dotada de um código ético e religioso superior, fundamento de um Estado poderosíssimo e prestigiado” (Alves, 1987: 18).

Morto o Profeta, e sob o comando do califa Abu Bakr, inicia-se então a fase da expansão que em menos de 100 anos traz a bandeira islâmica da Arábia até França onde em 732 o seu avanço na Europa, é finalmente, travado na batalha de Poitiers.

Este contingente inicial de invasores é constituído principalmente por berberes mais ou menos islamizados, sendo os Árabes de origem uma minoria aristocrática governante cujo poder era periodicamente contestado.

Em 750, como resultado da queda da dinastia Omíada do Oriente (à qual irá

suceder a dinastia Abácida), o príncipe Abd ar-Rahman foge para a península e faz-se proclamar emir independente em Córdova.

No ano de 929, Abd ar-Rahman III adopta o título de califa, mas as tensões internas entre partidos árabes e berberes acabam por desmembrar o califado que em 1031 dá lugar a uma profusão de pequenos “reinos partidários”, ou taifas.

Estes pequenos reinos viriam a ser posteriormente anexados pelos Almorávidas e pelos Almóadas vindos do norte de África, sendo já com estes últimos que os primeiros reis de Portugal se teriam que defrontar aquando do período da reconquista.

A presença árabe na península deixou uma marca indelével e profunda na cultura do nosso país. Esta influência manifesta-se nos inúmeros vocábulos árabes presentes na composição do idioma português, na arquitectura (sobretudo no Sul), na música (como demonstram os pioneiros trabalhos de Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça), bem como numa variedade de outros domínios, como se pode atestar pelas seguintes palavras de Borges Coelho:

“Aceita-se, geralmente, a contribuição do Islão na propaganda das técnicas de rega, da bússola, do papel e no aumento do pomar peninsular sem se ousarem conclusões necessárias. A fisionomia do Portugal agrário moldou-se em boa parte pelo arquétipo do Andaluz mourisco, mesmo quando não é ele o autor das técnicas, mas o seu último transmissor.

Apaguem por um momento dos campos de Portugal as sombras do pessegueiro, do limoeiro, da laranjeira, da nespereira, da ameixoeira, da alfarrobeira; recue-se para Sul a oliveira, suprimindo a comercialização do azeite e da azeitona; rareiem-se as amendoeiras e as folhas largas das figueiras com o seu almeixar; suprimam-se as noras, os alambiques, as alquitarras; intensifique-se a vinha no Alentejo e no Algarve; retirem-se da periferia das cidades a mancha verde das hortas, dos meloais, das forragens; castrem-se os cavalos de Alter; afoguem as azenhas ou calem o canto dos moinhos de vento...; abatam a camartelo as muralhas do Centro e do Sul cujo risco, para lá das reparações e dos acrescentos posteriores, foi obra dos seus alarifes ou arquitectos; desmontem as almenas, as abóbadas do chamado gótico alentejano, as fontes abobadadas; piquem as

taipas, os estuques, destruam as casas de adobe caiadas de branco por dentro e por fora; enterrem os azulejos; queimem as esteiras, as alcofas, os capachos, os tapetes; rachem os alguidares; tentem destruir os couros, os arreios, as grades geométricas. Que nos fica?” (Alves, 1987: 25-26)

Mas, além de todos estes vestígios mais corpóreos e visíveis, talvez a influência mais velada e profunda da cultura árabe no sentimento Lusíada seja a da sua poesia que comprovadamente se fundiu e reinventou no cancionero popular português...

As Moiras Encantadas são espíritos obrigados a viverem em estado de adormecimento, almas de donzelas obrigadas a guardar os tesouros que os mouros deixaram antes da sua partida para a mourama.

Estas donzelas tremendamente sedutoras assumem diversas formas e prometem tesouros a quem as libertar do entorpecimento, costumando aparecer junto de nascentes, velhos castelos ou tesouros escondidos.

Milagre de Ourique

Eu sou o fundador e destruidor dos reinos e impérios. Em ti e teus descendentes, quero fundar para mim um império, por cujo meio seja meu nome publicado entre as nações mais estranhas.

(Lenda do Milagre de Ourique de Gentil Marques)

A independência portuguesa resultou de um processo complexo desdobrado em várias etapas, não podendo por este motivo ser circunscrita a um momento política e cronologicamente bem determinado. O rei Afonso VI tinha estendido o seu domínio a grande parte da Espanha, sendo os solenes títulos que usou (Imperator Super omnes Spaniae nationes, 1087, Totius Hispaniae Imperator, 1091) símbolos de uma vontade de unificação política da Península sob a égide de um poder imperial.

Quando este monarca morreu, a sua sucessora, a rainha Urraca, disputou durante anos com o rei de Aragão a chefia política da Espanha cristã e discutiu também

com o arcebispo de Compostela a autoridade sobre a Galiza.

É neste período de forte e generalizada reacção contra o poder dos Leoneses que se situa o cerco de D. Afonso Henriques em Guimarães, ao qual anda ligada a lenda de Egas Moniz.

O factor decisivo no despoletar do processo da independência portuguesa foi a revolta de D. Afonso Henriques contra o governo da condessa D. Teresa e do conde Fernão Peres de Trava. As tropas das duas facções encontraram-se no dia 24 de Junho de 1128 na famosa batalha de S. Mamede, cujo desenlace foi favorável às hostes de D. Afonso Henriques.

Um neto de Afonso VI fez-se coroar “imperador de toda a Espanha” numa cerimónia a que o infante português não assistiu.

Nos anos que se seguiram houve várias guerras entre o imperador Afonso VII e o infante. Estes conflitos viriam a ter um fim em 1137 com o restabelecimento da paz acordado na cidade de Tui.

Neste acordo, D. Afonso Henriques prometeu ao imperador “fidelidade, segurança e auxílio contra os inimigos”.

Em 1140, o caudilho português começa a intitular-se rei, o que por si só não implicava a independência do reino, uma vez que vários dos príncipes que dependiam do imperador eram reis, facto que não só não comprometia, como até consolidava a autoridade imperial.

Em Outubro de 1143, um legado pontifício teve uma reunião com o rei de Leão e com D. Afonso Henriques na cidade leonesa de Zamora. Em Dezembro do mesmo ano, D. Afonso Henriques envia uma carta ao papa na qual se constituía a si e a todos os seus sucessores “censual” da Igreja de Roma e se declarava a si próprio “homem e cavaleiro do papa e de S. Pedro, sob a condição de a Santa Sé o defender de quaisquer outros poderes eclesiásticos ou civis”.

Por fim, em 1179, o processo da independência portuguesa completa-se com o reconhecimento formal da realeza de D. Afonso Henriques por parte da Igreja de Roma.

O povo desempenhou uma acção decisiva no processo de implementação e con-

solidação da independência portuguesa.

A presença e força da nobreza feudal era muito mais rara a sul do que a norte, sendo um sinal deste facto o enorme número de concelhos a sul do Douro.

“Esta coexistência de uma zona predominantemente senhorial, onde as populações viviam em situações de dependência pessoal e a regra era a servidão nos seus vários graus, e de zonas onde predominavam os concelhos populares, em que a situação mais frequente era a da liberdade, não pode deixar de ser considerada como factor social da independência. A autoridade do rei era a única fonte de equilíbrio entre classes de interesses opostos e a única força capaz de garantir os progressos sociais da população contra a pressão, que sempre se fez sentir, das classes privilegiadas.

Por outro lado, a organização municipal proporcionou ao rei as forças militares que tornavam possível que ele fosse um nobre muito mais forte do que qualquer outro, situação que era a própria base da autoridade real.” (Saraiva, 2011: 46)

Quando D. Afonso Henriques começou a intitular-se rei a fronteira do território sob o seu domínio passava um pouco a sul de Coimbra. A expansão do território do reino prosseguiu até 1249, ano em que D. Afonso de Bolonha conquistou a cidade de Faro.

“Apesar das divisões e da fraqueza interna dos pequenos principados islâmicos que confrontavam com a fronteira cristã (reinos taifas), as forças militares portuguesas eram tão poucas, que para as expedições organizadas contra eles, foi várias vezes necessário recorrer à ajuda das tropas que, vindas do Norte da Europa a caminho da Palestina, faziam escala nos nossos portos. O rei mandava-lhes propor a colaboração em empresas guerreiras contra as cidades de que se queria apoderar: os diplomatas encarregados dessas missões eram os bispos, que deviam convencer os chefes dos cruzados que tão santa era a guerra contra os infiéis de Espanha como a cruzada para libertar o Santo Sepulcro e, ao mesmo tempo, ofereciam, como pagamento pela intervenção, o saque das cidades se elas caíssem em seu poder.” (Saraiva, 2011: 47).

O carácter eminentemente popular das forças ao serviço do rei resultava numa tática militar, em que a surpresa assumia um papel preponderante, uma espécie de latrocínio ou guerrilha.

Amor de Pedro e Inês

*Estavas, linda Inês, posta em sossego
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes insinuando e às ervinhas
O nome que no peito tinhas.
(Luiz Vaz de Camões, *Os Lusíadas*)*

A guerra civil de 1336-1338, entre Portugal e Castela, teve como causa a política de casamentos. Uma filha de Afonso IV casada com o rei de Castela foi por este abandonada e humilhada. O rei português tinha acordado o casamento do príncipe herdeiro D. Pedro com a filha de um dos chefes da nobreza que se opunha ao rei castelhano, que por seu turno, não permitiu que a filha do inimigo viesse para Portugal.

Esta guerra para além das habituais escaramuças de fronteira, incluiu grandes confrontos navais que tiveram como resultado a destruição da frota portuguesa junto do cabo de S. Vicente, no Algarve.

Em 1340, os exércitos dos reis de Portugal e Castela colaboraram na oposição a uma força militar invasora fiel ao rei de Marrocos. Esta batalha marcou a última grave ameaça de reconquista sarracena e terminou com a vitória das hostes Cristãs após uma sangrenta peleja junto às margens do rio Salado.

O episódio do violento e comovente assassinato de Inês de Castro dá-se durante o reinado de D. Afonso IV.

“Inês de Castro fazia parte de uma família muito poderosa de fidalgos galegos e descendia, por via bastarda, do rei Sancho IV de Castela. Havia também uma qualquer ligação com a família Albuquerque. Afonso Sanches, o bastardo de D. Dinis que

D. Afonso IV odiou de morte e por causa do qual o País mergulhou numa guerra civil, casou com a dona do castelo de Albuquerque. A esta dona chamava-se Inês de Castro mãe, porque foi ela quem a criou.

Em 1350, estalou em Castela uma revolta dos grandes senhores contra o rei Pedro I. O chefe da revolta era precisamente João Afonso de Albuquerque, filho adoptivo de Inês de Castro. Este usou certamente a sua influência sobre Inês para envolver o infante D. Pedro, que com ela vivia maritalmente, nas guerras civis castelhanas.” (Saraiva, 2011: 85)

A 7 de Janeiro de 1355, D. Inês de Castro foi degolada nos Paços de Santa Clara, em Coimbra. O assassinato foi executado por ordem de D. Afonso IV, que pretendia evitar o envolvimento do infante D. Pedro na guerra civil castelhana. Este, não conformado com o terrível destino da companheira, declarou-se em revolta e durante meses o país foi assolado por uma guerra que viria a terminar por exigência das forças populares.

“Apesar de todos os perdões solenemente jurados, D. Pedro, logo que subiu ao trono, conseguiu que o rei de Castela lhe entregasse os conselheiros de D. Afonso IV que tinham decidido a morte de Inês e fê-los executar com um rigor atroz, que impressionou os contemporâneos. Em 1360, anunciou formalmente que chegara a casar secretamente com Inês de Castro e, pela mesma ocasião, mandou construir os monumentais túmulos de Alcobaça, que são os mais notáveis exemplares de arte tumular existentes em Portugal.

Logo que ficou concluído o que se destinava a Inês de Castro, realizou-se a transladação desde Coimbra.” (Saraiva, 2011: 87)

Santo Condestável

E além de muitas outras igrejas, mandou também edificar o gentil e formoso mosteiro do Carmo em Lisboa, com intenção de algum dia se recolher a ele.

Assim, edificando na terra, pensava no Céu.

(Crónica do Condestável de Portugal)

O reinado de D. Fernando foi marcado pelas guerras com Castela e por uma prosperidade económica mais devida ao crescimento das relações marítimas e comerciais com outros povos europeus, do que ao incremento de políticas justas que fomentassem e regulassem a produção e venda dos produtos ao nível nacional.

Na verdade, este reinado ficou ligado a um período de corrupção e favorecimento dos nobres em detrimento da população burguesa e popular. É esta orientação política totalmente contrária à que norteou o reinado de D. Afonso IV que está na base do “grande desvairo entre el-rei e o povo” de que fala Fernão Lopes.

A morte do monarca, em 1383, expôs a nu toda a tensão social e política que caracterizou o seu reinado, originando uma crise de sucessão cujos contornos políticos se podem sintetizar da seguinte forma:

“D. Fernando morreu em 1383, deixando como herdeira do trono a infanta D. Beatriz, casada poucos meses antes com o rei de Castela. O respectivo contrato de casamento previa que Leonor Teles conservasse a regência até que D. Beatriz tivesse um filho varão, maior de catorze anos. Seria esse o herdeiro da coroa portuguesa, mas não da de Castela, visto que o rei João I de Castela tinha filhos do anterior casamento.

Tal situação provocou reacções: os povos e alguns nobres aceitaram mal a aclamação de D. Beatriz como rainha; consideravam que o trono devia pertencer a um irmão de D. Fernando, o infante D. João, filho de Pedro I e de Inês de Castro. As burguesias das cidades (especialmente Lisboa) reagiram contra a regência de Leonor Teles, que significava a continuação da orientação política do reinado anterior.” (Saraiva, 2011: 111-112)

Esta reacção dos burgueses contra a regência de Leonor Teles consubstanciou-se no assassinato do conde Andeiro, “um aventureiro galego que dispunha de grande poder político e, certamente, constituía um embaraço à pretendida mudança. Para essa missão escolheram D. João, Mestre da Ordem Militar de Avis, filho bastardo de D. Pedro I.” (Saraiva, 2011: 112)

Este golpe palaciano contou com o apoio da população de Lisboa, que assumindo a direcção dos acontecimentos, proclamou o Mestre de Avis regedor e defensor do reino.

Os nobres e os homens bons das cidades e vilas do País tinham aclamado a rainha D. Beatriz e apoiavam a regência de Leonor Teles, ao passo que o povo miúdo tomava o partido do Mestre de Avis, apesar da debilidade do seu poderio. Não obstante esta fraqueza, a “revolta do povo miúdo assumiu no Alentejo características especiais.” (Saraiva, 2011: 113)

“Em Évora, Beja, Estremoz, Portalegre, os povos miúdos, mal armados e sem capitão, com os ventres ao sol, acometeram as fortalezas onde os alcaides nobres se refugiavam e tomaram-nas. Em Évora, os bandos de rurais apoderaram-se da cidade, expulsando dela os próprios partidários do Mestre de Avis. Um documento de 1384 refere a existência, naquela cidade, de um caudilho dos miúdos.” (Saraiva, 2011: 113)

A revolta deste movimento popular é dirigida, principalmente, contra os proprietários e lavradores da classe média rural e não tanto contra a nobreza. Esta atitude é justificável pelo agravamento do conflito entre proprietários e prestadores de serviços, que se tinha intensificado durante o reinado de D. Fernando e encontra paralelo em acontecimentos que agitaram outros países da Europa ocidental durante essa época.

O rei de Castela entrou em Portugal a pedido de Leonor Teles com o intuito de debelar a revolta Lisboeta, no entanto, a impopularidade da regente é considerada pelo monarca castelhano como o principal entrave à sucessão de D. Beatriz, pelo que a força a abdicar da regência em seu favor.

O cerco de Lisboa, que se estendeu de Maio a Outubro de 1384, teve de ser interrompido por causa de uma terrível epidemia de peste, que força o exército invasor a regressar a Castela para reunir novas forças.

Entretanto, no Alentejo, um bando de camponeses sob o comando do jovem nobre Nuno Álvares Pereira conseguiu derrotar um forte corpo de cavalaria castelhana, naquele que ficou conhecido como o combate dos Atoleiros. Este desfecho incutiu uma crença renovada na possibilidade de uma resistência armada de base popular e transformou Nuno Álvares Pereira num herói cujo carisma foi responsável por uma mobilização massiva do campesinato na defesa da causa do Mestre de Avis.

As cortes de Coimbra, reunidas em Abril de 1385, levaram à aclamação do Mestre como rei, apesar da oposição da nobreza que até ao fim defendeu os direitos do infante D. João.

O prevalecimento dos argumentos a favor da causa do Mestre ficou a dever-se à brilhante argumentação do jurista João das Regras, que se assumiu como o porta-voz dos interesses dos representantes dos concelhos.

A 14 de Agosto de 1385, dá-se a batalha de Aljubarrota na qual um exército anglo-luso em clara desvantagem numérica derrotou um grande exército castelhano que incluía a maioria da nobreza portuguesa. Este desfecho deveu-se em larga medida à bravura e inteligência estratégica de Nuno Álvares já então condestável do exército que, dispondo as suas forças em quadrado, aguentou com firmeza o assalto da cavalaria feudal para seguidamente lhe infligir uma derrota contundente.

A partir desse dia, a realeza do Mestre e a independência de Portugal tornaram-se factos irreversíveis.

A guerra arrastou-se por mais alguns anos, confinada principalmente a escaramuças de fronteira e a paz com Castela veio a ser assinada em 1411.

Adamastor

*As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia lusitana
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
E em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram.*
(Luiz Vaz de Camões, *Os Lusíadas*)

A revolução de 1383-1385 teve como consequência a diminuição da influência política da grande nobreza tradicional que tinha tomado o partido castelhano. Por outro lado, os burgueses interessados numa política de paz e de expansão das actividades comerciais viram o seu predomínio e importância reforçados.

Apesar destas transformações sociais, o nascimento da nova dinastia caracteriza-se por um forte espírito centralizador. Nuno Álvares, que ficara dono de quase meio país, quis entregar parte das suas terras aos que mais o tinham ajudado, mas as suas intenções esbarraram com a oposição do rei, que fez recolher ao património da coroa as terras doadas. Depois, negociou o casamento de um seu filho bastardo com a filha única do Condestável, voltando o património do guerreiro ao controlo da coroa através, assim, da criada Casa de Bragança.

Este episódio é sintomático da política de reforço do poder real que caracterizou o reinado de D. João I.

Em 1415, quatro anos após a assinatura da paz com Castela, o rei de Portugal conquistou a cidade de Ceuta, no norte de África. Este acontecimento marca o início da expansão marítima portuguesa.

As razões que levaram à conquista de Ceuta são tema de grande discussão entre os historiadores. Segundo a crónica de Zurara, a campanha militar serviu para que os infantes fossem armados cavaleiros, no entanto, entre os historiadores modernos, surgiu a ideia de que a conquista de Ceuta se deveu a um plano de expansão marítima alicerçado em motivações comerciais.

Em 1437, já no reinado de D. Duarte, fez-se nova expedição com o objectivo de conquistar Tânger. Esta empresa terminou num completo desastre militar, em que os portugueses, para poderem reembarcar, se comprometeram a restituir Ceuta aos mouros. O Infante D. Fernando foi entregue como refém, servindo de garantia ao cumprimento da promessa, no entanto, as Cortes não aprovaram a negociação e o infante morreu em cativo.

Quando D. Duarte morreu (1438), D. Afonso V tinha apenas seis anos, pelo que a regência viria a ser exercida pela rainha viúva, D. Leonor de Aragão. A forte

contestação popular à regência da rainha teria como corolário a proclamação revolucionária do Infante D. Pedro como regente.

Em 1448, D. Afonso V assumiu o governo e deu início a uma nova orientação política que favorecia os interesses da alta nobreza. O outro facto que marcou este reinado foram as grandes empresas guerreiras que começaram em 1458, com a conquista de Alcácer Ceguer.

Depois deste sucesso, seguiu-se uma tentativa frustrada de conquista de Tânger em 1464 e a conquista de Arzila em 1471. Esta última conduziria à ocupação de Tânger, entretanto abandonada pelos mouros.

O prestígio granjeado por D. Afonso V nas campanhas africanas fez com que uma facção da nobreza castelhana lhe pedisse para intervir nas questões internas do país e aceitasse o trono castelhano. O resultado da batalha de Toro, em 1476, viria a liquidar as pretensões do monarca português.

O reinado de D. João II (1481-1495), primou por uma acção política decidida e muitas vezes violenta, que visava o reforço indiscutível do poder real. A execução do Duque de Bragança, acusado de conspiração, e a anexação do seu património à coroa, bem como o assassinato do Duque de Viseu pelos mesmos motivos, são os dois exemplos mais eloquentes da orientação política autoritária e centralizadora do reinado do Príncipe Perfeito.

“A obra de D. João II reflecte-se sobretudo em três campos: o da reorganização administrativa do Estado, o das relações diplomáticas com vários países da Europa e o da condução política ultramarina.” (Saraiva, 2011: 124)

Em 1491, o rei morre, sendo o trono ocupado pelo seu primo direito D. Manuel, em virtude do acidente fatal que ceifara a vida do príncipe herdeiro, o Infante D. Afonso.

No ano de 1496, D. Manuel ordena a expulsão dos judeus, seguindo o exemplo dado pelos Reis Católicos quatro anos antes. No entanto, alertado pelos seus conselheiros para as nefastas consequências económicas desta decisão, o rei opta por uma política de aparente compromisso: os judeus ficavam, mas deixavam de ser judeus.

Para o conseguir, D. Manuel ordenou o baptismo forçado dos filhos, recusou os meios de transporte para a sua saída por mar e comprometeu-se a não os perseguir por motivos religiosos durante os 20 anos seguintes. Passou-se, então, a falar de cristãos-novos e de cristãos-velhos.

A exploração da costa africana começou após a conquista de Ceuta. A ultrapassagem do cabo Bojador, feita em 1434, por Gil Eanes, foi o primeiro grande feito marítimo desta empresa. O reconhecimento da costa ocidental africana seria completado 53 anos mais tarde, com a passagem do cabo da Boa Esperança, por Bartolomeu Dias.

Na primeira fase (henriquina, por ter sido dirigida pelo infante D. Henrique), “pequenas expedições de um, dois e raramente mais navios, enviados pelo infante, pelo rei, por vezes por particulares autorizados pelo infante ou pelo rei, largavam do Algarve ou do Tejo para descobrir, isto é, para obterem informações sobre o que dantes era desconhecido” (Saraiva, 2011: 133). Além de conhecimento, os portugueses procuravam riquezas, nomeadamente, o ouro que se dizia existir em pontos desconhecidos de África. A partir de 1441, a principal riqueza resgatada pelos portugueses na costa africana foram os escravos.

O reino do Prestes João era outra das miragens perseguidas pelo infante. Como escreveu Oliveira Martins: “Em 1415, quando os portugueses conquistaram Ceuta e por aí começaram o grande movimento das navegações e descobertas, duas lendas geográficas enchiam sobretudo a imaginação dos novos argonautas. Eram a do Preste João das Índias, imperador que se dizia dominar em todo o Oriente desconhecido; e a do Mar Tenebroso, em que as tradições árabes diziam extinguir-se para o Sul a terra e o Mundo em latitudes superiores às Canárias.” (Martins, 1984: 47)

Com a morte do infante D. Henrique, em 1460, deu-se um abrandamento no ritmo dos Descobrimentos.

Em 1474, o herdeiro ao trono, futuro D. João II passa a dirigir pessoalmente as navegações, tornando-se então claro o plano de atingir a Índia contornando a costa africana.

No tratado das Alcáçovas (destinado a resolver a questão das aspirações de

D. Afonso V ao trono castelhano) foi intencionalmente introduzida uma cláusula que dividia o mundo a descobrir em duas metades: o norte ficaria para Castela, o sul para Portugal.

Após as duas viagens de exploração de Diogo Cão que o levaram até ao importante reino do Congo, Bartolomeu Dias toma o testemunho das descobertas conseguindo ultrapassar o cabo da Boa Esperança, extremo sul de África, no ano de 1488. Estava definitivamente provado que era possível navegar directamente da Europa à Índia.

O Tratado de Tordesilhas veio substituir a divisão acordada no Tratado das Alcáçovas. “O mundo era dividido em dois hemisférios, demarcados por uma linha de pólo a pólo que passasse 370 léguas a ocidente das ilhas de Cabo Verde; a ocidente desse hemisfério, as terras pertenceriam à Espanha; as descobertas para oriente pertenceriam a Portugal.” (Saraiva, 2011: 137)

A realização da expedição com destino à Índia deu-se já no reinado de D. Manuel I. A 20 de Maio de 1498, a frota portuguesa fundeou em Calecut, onde o seu comandante Vasco da Gama tentou estabelecer um tratado de amizade e comércio com o samorim, senhor daquela região. As intenções dos portugueses foram frustradas por causa das intrigas promovidas pelos árabes, detentores do monopólio comercial nos mares da Índia.

Com esta viagem, inicia-se um novo ciclo na nossa História.

A tentativa de diplomacia que caracterizou o nosso primeiro contacto com a Índia depressa deu lugar à guerra. As pequenas frotas de mareantes deram lugar a imponentes armadas lideradas por altas figuras da nobreza cortesã, que iriam disputar com os árabes o domínio do comércio asiático. Os portugueses foram os vencedores desta guerra graças à superioridade dos seus navios e artilharia e à agressividade dos seus chefes militares, dos quais a figura mais proeminente foi Afonso de Albuquerque.

O pequeno reino de Portugal transformava-se, assim, numa das maiores potências navais e comerciais da Europa.

Para os portugueses do século XVI, a palavra “Índia” designava todo o mundo oriental desde o cabo da Boa Esperança até ao Japão e aos arquipélagos do Pacífico. Eles estabeleceram núcleos nesta imensa área desde 1500 até meados do século XVII. A sede desta organização colonial era a cidade de Goa, conquistada por Afonso de Albuquerque em 1510 e mantida na posse portuguesa até 1961.

Uma parte dos portugueses “estava ao serviço do rei, nas feitorias comerciais, cidades e fortalezas que serviam de base ao comércio oriental; mas a maioria agia por conta própria e a acção que essa expansão particular e espontânea teve no conjunto da expansão portuguesa não foi menos importante do que a resultante da iniciativa oficial.” (Saraiva, 2011: 149)

A impressionante cidade de Goa, edificada pelos portugueses ao estilo renascentista europeu, foi também o ponto de partida para um amplo movimento de expansão da fé Católica que almejava estender-se a toda a Ásia.

Em 8 de Março de 1500, uma frota comandada por Pedro Álvares Cabral chega ao Brasil. Este território seria sistematicamente colonizado em menos de um século. A indústria madeireira (pau-brasil) e o cultivo da cana-de-açúcar eram as principais actividades económicas desenvolvidas pelos colonos, que depressa se ligaram afectivamente àquela terra, ao ponto de a considerarem uma segunda pátria. Esta situação nunca teve paralelo no Oriente onde o português encontrou uma economia organizada e cujos produtos se limitava a colher ou disputar com o intuito de voltar rico e depressa.

Entretanto, a pressão moura sobre as fortalezas portuguesas em África aumentava, a ponto de forçar o nosso abandono de Arzila em 1549, e de Alcácer Ceguer, em 1550.

Estes abandonos resultavam da necessidade de concentrar todos os nossos recursos no Oriente, onde a nossa influência prosperava.

Por esta altura tornava-se progressivamente mais clara a precariedade em que assentava a glória do venturoso rei D. Manuel I.

Camões

Desde essa hora longínqua, o mundo vive: tem uma alma: é a alma de Camões.

(Teixeira de Pascoaes)

Estudar a vida de Camões é uma aventura no território do mito, um passeio em que factos e tradições folclóricas se confundem na bruma da memória.

A casa ancestral dos Camões tinha as suas origens na Galiza, perto do Cabo Finisterra. O poeta seria descendente por via paterna do trovador e fidalgo galego Vasco Pires de Camões, que se mudou para Portugal em 1370. O seu filho Antão Vaz de Camões casou-se com Dona Guiomar da Gama (parente de Vasco da Gama). Deste casamento, nasceram o comerciante Simão Vaz de Camões e seu irmão Bento que seguiu a carreira das Letras e do sacerdócio no Mosteiro de Santa Cruz dos Agostinhos. Simão casou com a fidalga Dona Ana de Sá e Macedo e desta união nasceria um único filho, Luís Vaz de Camões. A maioria dos historiadores defende que o poeta terá nascido em Lisboa durante o ano de 1524, apesar de outras cidades reivindicarem a honra desta efeméride. Em 1527, a família acompanhou a mudança da corte para Coimbra fugindo de um surto de peste que então assolava a cidade de Lisboa.

Sobre a infância de Camões nada se sabe. Aos 12 anos teria sido enviado para a protecção do seu tio Bento, à época chanceler da Universidade de Coimbra e prior do Mosteiro de Santa Cruz, recebendo deste uma sólida educação de nível erudito. O indisciplinado estudante teria regressado a Lisboa, sua cidade natal, por volta dos 20 anos e antes de concluir os estudos. Nesta cidade, é admitido na corte de D. João III e leva uma vida desregrada que lhe valeu a fama de boémio, arruaceiro e amante das mulheres.

A paixão por Catarina de Ataíde, um dos seus amores frustrados, teria sido a causa do seu auto-exílio no Ribatejo e posteriormente como soldado em Ceuta, onde viria a perder o olho direito na batalha naval do Estreito de Gibraltar. Após dois anos em África, regressa a Lisboa, onde retoma a vida boémia.

Em 1550, durante uma procissão do Corpus Christi, envolve-se numa luta com

Gonçalo Borges, empregado do Paço, ferindo-o com a espada. Este episódio vale-lhe uma condenação à prisão, da qual acaba por ser libertado em 1553, embarcando nesse mesmo ano para a Índia.

A viagem para a Índia foi feita a bordo da nau São Bento que, após ter sobrevivido a uma tempestade no Cabo da Boa Esperança, aportou em Goa no ano de 1554. Aí, Camões alistou-se ao serviço do vice-rei Dom Afonso de Noronha, participando na expedição contra o rei de Chembé. Em 1555, já ao serviço de Dom Pedro Mascarenhas, embarcou na esquadra destinada a combater os mouros no Mar Vermelho. A expedição não conseguiu encontrar o inimigo e a esquadra acabaria por passar o Inverno em Ormuz, no Golfo Pérsico.

O regresso a Goa deu-se em 1556, numa época em que provavelmente o poeta já iniciara a escrita de *Os Lusíadas*.

Pouco tempo após a sua chegada, é mandado prender pelo vice-rei Dom Francisco Barreto, subsistindo a dúvida em relação à causa da mesma (escrita de poesia satírica ou dívidas contraídas).

Em 1561, foi mandado libertar por Dom Francisco Coutinho, que o nomeou para a função de Provedor-mor dos Defuntos e Ausentes em Macau. Este território era nessa época um entreposto comercial que dava os primeiros passos. Foi nesta terra quase deserta que, segundo a tradição, Camões teria escrito parte de *Os Lusíadas* numa gruta.

Na viagem de regresso a Goa, diz a tradição que naufragou junto à foz do rio Mekong sendo mais tarde levado para Malaca, onde foi novamente preso por acusação de apropriação ilícita dos bens dos defuntos.

Regressado a Goa, Camões passa os seus últimos anos no Oriente, vivendo modestamente e dividindo o seu tempo entre a poesia e as expedições militares.

Em Dezembro de 1567, o poeta embarcou na nau de Pedro Barreto para Sofala, na Ilha de Moçambique, onde esperaria por um transporte para Lisboa em data futura. Aí, acabou por cair na miséria e foi apenas graças à ajuda dos amigos que o poeta conseguiu regressar ao seu país, no ano de 1570.

Após tantas aventuras, Camões termina a escrita de *Os Lusíadas*, tendo-os apresentado em récita ao adolescente rei Dom Sebastião, que ordenou a sua publicação em 1572.

Além disto, o rei concedeu-lhe uma pequena pensão pelos serviços prestados na Índia. No entanto, a irregularidade no pagamento desta pensão fez com que os últimos anos do poeta fossem passados na pobreza.

Amargurado pelo desfecho da batalha de Alcácer-Quibir, adoeceu acabando por falecer no dia 10 de Junho de 1580.

O seu corpo foi enterrado numa campa rasa na Igreja de Santa Ana.

O Desejado

*Augurai, gentes vindouras,
Que o Rei que daqui há-de ir,
Vos há-de tornar a vir
Passadas trinta tesouras.
Dará fruto em tudo santo,
Ninguém ousará negá-lo;
O choro será regalo
E será gostoso o pranto.*
(Gonçalo Anes Bandarra)

Quando D. João III, morreu no ano de 1557, o herdeiro ao trono, o seu neto D. Sebastião tinha apenas três anos, pelo que a regência ficou entregue à rainha viúva, Catarina de Áustria, irmã do imperador Carlos V.

Em 1562, D. Catarina abdicou da regência a favor do único irmão de D. João III ainda vivo, o cardeal infante D. Henrique, numa altura em que o comércio e domínio militar do Oriente se encontrava já em decadência.

Na verdade, o êxodo rural e o desenvolvimento de uma sociedade cortesã parasitária, despoletados pelo comércio das especiarias, foram responsáveis pela diminuição drástica da produção de bens de consumo e pela conseqüente acentuação dos desequilíbrios económicos e sociais do reino.

Os nobres viviam além das suas possibilidades e a sua importância social era medida pela riqueza que ostentavam e pelas pequenas cortes pessoais que mantinham.

Com a diminuição dos lucros do comércio do Oriente e o aumento das importações, o desequilíbrio da balança comercial acentuava-se de ano para ano.

As razões deste declínio eram de diversa ordem: apesar de os portugueses manterem o exclusivo da rota do cabo, as antigas rotas comerciais do Levante foram reanimando. Por outro lado, o custo dos transportes, a percentagem dos naufrágios e os custos das armadas para protegerem as naus da crescente pirataria aumentavam exponencialmente. A proliferação do funcionalismo na Índia tornou a administração onerosa e ineficaz e, por fim, apesar da superioridade bélica no mar, o desenvolvimento e uso de artilharia por parte dos reinos Indianos tornou a guerra mais cara e a sustentação das fortalezas terrestres cada vez mais difícil.

Os “fumos da Índia” começavam a dissipar-se.

“Em 1570, o Estado abandonou o regime de monopólio do comércio oriental, passando a arrendá-lo a grupos de mercadores; uma das principais razões dessa liberalização era que se tornava impossível, com a receita do Estado, organizar as armadas anuais.” (Saraiva, 2011: 162)

Por esta altura, começa a surgir a ideia da criação de um império em substituição do oriental, sendo o projecto mais fácil e óbvio o da conquista do Norte de África.

Em 1568, D. Sebastião começa a governar com a idade de 14 anos. A sua educação baseada no culto do heroísmo militar e no carácter quase divino da pessoa real “radicou nele a convicção de que Portugal seria o salvador da Cristandade ameaçada e ele o instrumento dessa salvação.” (Saraiva, 2011: 162)

Em 1576, a conquista do trono de Marrocos por um mouro apoiado pelos Turcos colocava, segundo o rei, a Península e toda a Europa cristã em perigo e forneceu-lhe o pretexto para uma grande expedição militar ao Norte de África. Esta viria a ocorrer dois anos mais tarde e saldou-se num completo desastre, que se deveu em grande medida à obstinação do rei em não ouvir os conselhos dos seus capitães experimentados nas guerras de África.

O exército português composto por cerca de dezassete mil homens foi dizimado nas proximidades de Alcácer-Quibir.

O próprio rei, então com a jovem idade de 24 anos, perdeu a vida.

A morte do rei lançou o país numa crise de sucessão, uma vez que este não tinha deixado descendentes. O trono viria a ser ocupado pelo único filho sobrevivente de D. Manuel, o cardeal infante D. Henrique. No entanto, o seu deteriorado estado de saúde, juntamente com a sua avançada idade e a impossibilidade de vir a ter descendentes, fazia antecipar um cenário de crise. Por sua morte, o trono teria de ser ocupado por um dos netos de D. Manuel: Filipe II de Castela, D. António, prior do Crato (filho bastardo do infante D. Luís e de uma cristã-nova), ou D. Catarina, duquesa de Bragança.

Dois dos candidatos (D. António e D. Catarina) representavam a escolha da independência, ao passo que Filipe II representava a união das coroas.

O apoio da nata da sociedade, nobreza e burguesia endinheirada, foi quase na sua totalidade oferecido ao partido de Filipe II, na esperança de poderem manter os seus privilégios através da protecção oferecida por um soberano rico e poderoso. O povo, por seu lado, defendia aberta e tenazmente a causa da independência.

De todos os partidos em contenda, o mais fraco era o da duquesa de Bragança, visto que a nobreza preferia Filipe e o povo não simpatizava com uma pretendente cujo governo favoreceria tendencialmente a nobreza.

Esta situação transformava D. António no principal obstáculo às pretensões de Filipe II.

A morte de D. Henrique lançou o país num período conturbado de lutas entre as forças populares apoiantes de D. António e os exércitos ao serviço de Filipe II. No final, prevaleceu o poderio militar de Filipe II, o que forçou o pretendente português a sair do país para procurar apoio junto dos inimigos de Castela: a França e a Inglaterra.

As condições misteriosas da morte de D. Sebastião fizeram despertar no povo a crença do seu regresso.

As obscuras e proféticas trovas de um sapateiro de Trancoso, de seu nome Gonçalo Anes Bandarra, viriam a ser lidas por nobres saudosistas, que nelas identificaram

o Messias cujo regresso anunciavam com a figura de D. Sebastião.

Este messianismo sebastianista (uma espécie de nacionalização do messianismo judaico) manteve-se por muito tempo na consciência colectiva do povo e viria a assumir o seu expoente máximo no pensamento do Padre António Vieira, que procurou nas trovas de Bandarra os indícios proféticos de um Quinto Império universal, no qual, judeus e cristãos se uniriam numa Igreja nova e purificada.

Fado

Que eu fosse enfim desgraçado,

Escreveu do Fado a mão;

Lei do Fado não se muda,

Triste do meu coração!

(Bocage)

O fado é uma canção urbana de origem desconhecida que surge no contexto multicultural e cosmopolita que caracterizava a Lisboa do início do século XIX.

Uma das teorias, não completamente provada, acerca da sua origem, relaciona-o com as populares Modinhas e géneros afins, como o Lundu, que gozavam de imensa popularidade nos séculos XVIII e XIX.

“É indubitável que o fado só posteriormente a 1840 apareceu nas ruas de Lisboa. Até então, o único fado que existia, o fado do marinheiro, cantava-se à proa das embarcações, onde andava de mistura com as cantigas de levantar ferro, a canção do degredado e outras cantilenas undívagas. O Fado do marinheiro foi o que serviu de modelo aos primeiros fados que se tocaram e cantaram em terra.” (Carvalho, 2003: 44)

Este facto parece testemunhar uma relação íntima entre o mar, os marinheiros e a origem do fado.

Como refere Pinto de Carvalho: “Para nós, o fado tem uma origem marítima, como que se lhe vislumbra no seu ritmo onduloso como os movimentos cadencia-

dos da vaga, balanceante como o jogar de bombordo a estibordo nos navios sobre a toalha líquida florida de fosforescências fugitivas ou como o vaivém das ondas batendo no costado, ofeguento como o arfar do Grande Azul desfazendo a sua túnica franjada de rendas espumosas, triste como as lamentações fluctívogas do Atlântico que se convulsa glauco com babas de prata, saudoso como a indefinível nostalgia da pátria ausente.

Das suas notas mestas e lentas, de uma gravidade de legenda, de uma suavidade tépida, parece emanar uma estranha emoção, impregnada, a um tempo, de melancolia e de amor, de bonito sofrimento e de moribundo sorriso. O fado nasceu a bordo, aos ritmos infinitos do mar, nas convulsões dessa alma do mundo, na embriaguez murmurante dessa eternidade da água.” (Carvalho, 2003: 42)

O fado disseminou-se rapidamente pelos bairros mais pobres e violentos de Lisboa, encontrando-se ligado à vida boémia e marginal das tabernas e bordéis.

Com a proliferação do fado surge a figura do fadista, que se distingue pela sua forma de trajar. O fadista “usava boné de oleado com tampo largo e pala de polimento, ou boné direito, do feitio do dos guardas municipais, com fita preta formando laço ao lado e pala de polimento; jaqueta de ganga ou jaqueta com alamares, e, em 1850, umas jaquetas sobre o comprido, com uns enfeites de botões nas mangas, a que chamavam jalecas à Polka; calças de ganga azul ou de ganga amarela com boca de sino ou largas por igual, tendo botões de madrepérola nos alçapões ou nas portinholas, e, algumas na costura exterior da boca de sino; a indispensável cinta e um lenço à marinheira ou um lenço de bandeiras estampadas – que os marujos traziam de Inglaterra – ao pescoço e outro lenço de bandeiras na algibeira, da qual pendiam as pontas; sapatos de cordovão, de entrada abaixo, com laço de fita preta – como usavam os marinheiros de guerra – os sapatos de polimento, que era a moda das modas para os que tinham mais maço ou mais massa, como diriam hoje, e cachucho (anel) de latão ou de oiro no indicador ou no anular.” (Carvalho, 2003: 55-56)

“O seu penteado – que não era certamente devido à arte capilar do Baron, do Godefroy ou do Filisbert – consistia em trazer o cabelo cortado de meia cabeça

para trás, mas comprido para diante, de maneira que formasse melenas ou belezas empastadas sobre a testa.” (Carvalho, 2003: 56)

“O fadista – minado de taras, avariado pelas bebidas fortes e pelas moléstias secretas, com o estômago dispéptico, o sangue descraseado e os ossos esponjados pelo mercúrio – é um produto heteromorfo de todos os vícios, atinge a perfeição ideal do ignóbil. Tem sempre um raciocínio imperioso, um argumento pouco friável, uma dialéctica agressiva e resoluta, que não presta flanco ao assalto das objecções – a navalha. Como os maîtres en fait d’armes do século XVII falavam de papo em esgrimaduras de espada, também ele fala de cadeira no tocante à esgrima da navalha, que maneja com virtuosidade, pinchando bailheiro, pulando com ginásticas felinas de tigre, fazendo escovinhas, riscando a preceito. Os seus amores são sempre seleccionados entre as rameiras que vigem e viçam na atmosfera microbiana dos bairros infectos, entre essas mulheres que, na virulenta expressão de Balzac, vont en journée la nuit. Lovelace de encruzilhada, D. Juan do podreiro, ídolo e carrasco das profissionais da galanteria pelintra, o fadista perpetra tão expeditamente o rufianismo ignominioso como pratica o otelismo trágico.” (Carvalho, 2003: 49-50)

Na verdade, nem só o criminoso proxeneta cantava o fado, uma vez que os bairros onde este encontrava terreno fértil eram também frequentados por cavalheiros burgueses e fidalgos que o adoptaram e transformaram, transportando-o para os salões aristocráticos e para o ambiente festivo e licencioso das esperas de toiros.

A primeira grande cantadeira do fado foi Maria Severa, que batia e cantava o fado na Mouraria, mais especificamente na Rua do Capelão. O seu lendário romance com o Conde de Vimioso foi inspiração para os versos de muitos fados.

No início do século XX, Ercília Costa projecta o fado a nível internacional, chegando a ser apelidada de “Sereia peregrina do Fado” e “Toutinegra do Fado”.

Durante a ditadura salazarista, o fado extravasa o contexto popular e boémio das tabernas e vielas e adquire o cariz de canção nacional, sendo difundido em larga escala através do teatro de Revista, cinema, rádio e discos.

Durante esse período, proliferam as chamadas “Casas de fados”, nas quais o fadista passa a ser considerado um artista profissional que, trajando de negro, cultivava um estilo

próprio na interpretação dos fados cujas letras eram à época sujeitas a censura rigorosa.

Nesse contexto, os temas cantados no fado são a saudade, a nostalgia, o ciúme, as histórias do quotidiano e as lides de touros. Em suma, o fado deste período incorpora na sua poética todos os elementos trágicos e pitorescos aos quais é vulgarmente associado, com a particularidade de todas as letras que visassem de forma mais explícita e crítica temas de cariz social e político serem reprimidas pela censura.

Os expoentes mais recentes deste fado “clássico” são: Carlos Ramos, Alfredo Marceneiro, Maria Amélia Proença, Berta Cardoso, Maria Teresa de Noronha, Hermínia Silva, Fernando Farinha, Fernando Maurício, Lucília do Carmo, Manuel de Almeida, entre outros.

Foi Amália Rodrigues quem iniciou o fado moderno através da adaptação dos poemas de grandes poetas, tais como Luís de Camões, José Régio, Pedro Homem de Mello, Alexandre O'Neill, David Mourão-Ferreira, José Carlos Ary dos Santos, entre outros.

O seu exemplo foi posteriormente seguido por outros fadistas como João Ferreira-Rosa, Teresa Tarouca, Carlos do Carmo, Beatriz da Conceição, Maria da Fé e Mísia, mas Amália conservaria sempre a aura de diva e figura maior ao nível da interpretação, inovação e divulgação internacional do fado.

As inovações introduzidas por Amália não se limitaram ao plano lírico, fazendo-se acompanhar por uma modernização do suporte musical do fado. Neste particular, merecem destaque os nomes de Alain Oulman, Frederico de Freitas, Frederico Valério, José Fontes Rocha, Alberto Janes e Carlos Gonçalves.

Apesar das inúmeras experiências e inovações musicais que têm sido feitas ao longo da história do fado, este é tradicionalmente acompanhado pela guitarra portuguesa e pela viola. Foram vários os executantes que se destacaram nestes instrumentos, dos quais citamos alguns exemplos: Armandinho, Raul Nery, José Fontes Rocha e José Luís Nobre Costa, na guitarra portuguesa, e Alfredo Mendes, Júlio Gomes e Carlos Manuel Proença, na viola, entre muitos outros.

Não obstante a ligação umbilical do fado à cidade de Lisboa, este assumiu também uma expressão poderosa e característica no Fado de Coimbra (muito ligado às

tradições académicas da Universidade) e no Fado menor do Porto.

Após o 25 de Abril de 1974, o aparecimento dos cantores de intervenção que associavam o fado ao antigo regime, faz com que este seja desvalorizado e marginalizado, em virtude de o encararem como um símbolo da ignorância e resignação fatalista que desejavam combater.

Actualmente o fado vive um novo fôlego graças ao aparecimento de muitos jovens intérpretes.

Apesar de ter perdido em larga medida a sua visceralidade original como resultado de uma massificação que o apresenta como um produto “típico” e “pictoresco” para turista consumir, o fado conserva ainda na sua matriz genética as marcas da profundidade trágica e saudosa, o sopro oceânico da alma portuguesa que tão sublimemente exprime.

Quinto Império

O mito, aliás, é como um vaso, que cada um enche com a água viva do seu ser.

(António Quadros)

A História do Espírito Lusíada é a História da Poesia emanada do canto dos seus poetas, manifestação misteriosa do sentimento religioso e imutável da Saudade através das metamorfoses seculares do nosso devir colectivo.

Neste Reino de Potencialidade Infinita, fractal da existência em que tudo se encontra contido em tudo, o mito Sebastianista (cuja existência precede e ultrapassa a curta vida do rei que lhe deu nome) já se encontrava em potência na nossa poesia medieval, já germinava com todo o seu esplendor no verso camoniano, da mesma forma que continua presente em nós neste tempo tão adormecido para as realidades da alma.

O mito Sebastianista não é mais do que a própria alma Lusíada sublimada, liberta de todo o fardo corpóreo e accidental através do sacrifício de Alcácer-Quibir. Ele é o reflexo mais límpido do nosso rio imparável, o instrumento mais perfeito da nossa actividade patriótica e religiosa.

“Na realidade – o que nunca entenderam os historiadores positivistas, os racionalistas da razão abstracta e os sociólogos das superfícies – a figura histórica do rei foi sempre um pretexto, foi afinal o meio de canalização e projecção não só de uma profecia mítica onde se juntaram em partes iguais o messianismo hebraico-português, o cristianismo messiânico-encarnacionista e os velhos arcanos céltico-bretões, como também, e cumulativamente, as aspirações nacionais e populares, quer a um nível onírico, quer a um nível sociopolítico. Pilar enigmático da estrutura cultural portuguesa, não o podiam abalar, obviamente, os sarcasmos de José Agostinho de Macedo ou de António Sérgio. O sebastianismo é um dado profundo, é um arquétipo, é uma realidade de psíquica e mítica do nosso povo e da nossa cultura.” (Quadros, 2001: 24)

Neste contexto o Quinto Império é a morada existencial do poeta que a vida cultivou em Nós, o Paraíso da Fraternidade construído pelo espírito imaculado da Saudade, o ponto de encontro utópico entre o tempo do Sonho e o tempo do mundo.

O Quinto Império é o domínio espiritual da Deusa Lusitânia, a Deusa Saudade.

Ele é o berço da Alma embalada pelo tempo, mito primordial e Destino que espera, a natureza mais despojada e verdadeira do nosso Ser.

Por este motivo, ao contrário dos outros mitos aqui apresentados, o Quinto Império não pode reflectir unicamente as expectativas e visão de um determinado tempo histórico, pois ele é o próprio espelho imutável da nossa história, a origem primeva e Destino inexorável de todos os tempos, de todos os mitos, do nosso coração Universal e Lusíada...

2. Resumo Técnico do Processo de Trabalho

Introdução

Este capítulo tem como objectivo descrever todo o processo de trabalho subjacente à construção do filme *Lusitânia*.

Assim sendo, ele funcionará como um registo de todas as ideias, percalços, dificuldades, alterações, métodos de trabalho e tomadas de decisão ao longo de todas as etapas da produção, desde a ideia inicial até à montagem final do filme.

Abril de 2012

O Filme – Tema e sua abordagem; aspectos formais; planificação e rodagem

O filme concretizado pelo realizador Nuno Malheiro no âmbito do doutoramento em Estudos Artísticos teve como tema o seu país, Portugal.

Uma Nação, tal como um indivíduo, é uma entidade espiritual complexa com um passado, um corpo, uma cultura permanentemente imersa na inexorável transitoriedade do tempo.

Uma Nação, tal como um indivíduo, não deve ser reduzida à determinação contingente que o olhar analítico do presente lança sobre si através das múltiplas dimensões do conhecimento racional, histórico, social, geográfico, político, etnográfico, etc.

A meditação subjacente à construção deste filme centrar-se-ia, portanto, na busca de uma essência identitária, na exploração de uma dimensão arquetípica em que o Todo, a Nação, se agrega e manifesta nos indivíduos que a constituem através da visão subjectiva de uma dessas partículas, o realizador Nuno Malheiro.

A única abordagem que permite aceder a esse espaço que se inscreve perene e secretamente por detrás da acidentalidade caprichosa do imediato é a compreensão interiorizada e profunda do mito.

Uma vez feita esta reflexão, o produtor Sérgio Fernandes e o realizador Nuno Malheiro decidiram escolher dez mitos que consideraram como particularmente representativos da alma Lusitana, a saber:

1. Viriato
2. Moira Encantada
3. Batalha de Ourique/D. Afonso Henriques
4. Pedro e Inês
5. Batalha de Aljubarrota/ Nuno Álvares Pereira
6. Adamastor
7. Camões
8. Batalha de Alcácer Quibir/D. Sebastião
9. Quinto Império
10. Amália

Estes dez mitos equivaleriam a dez Cenas que constituíriam a base de planificação do filme. A cada Cena equivaleria um Quadro Artístico Cinematográfico rodado metricamente e com duração aproximada de cinco minutos.

Além destas dez Cenas/Quadros, o filme teria um prólogo consubstanciado num texto alusivo à escolha do Quadro Artístico Cinematográfico como sua unidade matricial estética.

Os dez mitos estavam naquela altura ordenados com base na sua cronologia histórica, não sendo, no entanto, de descartar uma futura reorganização dos mesmos no plano de montagem. Tal reorganização, a ocorrer, seria obviamente determinada por aspectos de conteúdo do filme a serem trabalhados pelo realizador.

Uma vez estabelecida esta base de trabalho, pôde concluir-se que a obra a concretizar seria uma longa-metragem com duração aproximada de 60 minutos. Esta longa-metragem seria constituída por 1+10 Cenas/Quadros rodados metricamente e com duração aproximada de cinco minutos.

Cada Quadro seria trabalhado num equilíbrio dinâmico e indiscernível entre

imagem ficcionada e documental, bem como na transmutação cinematográfica de diversas formas de expressão artística: Fotografia, Teatro, Música, Poesia, Dança, ...

Seria adoptado o título de trabalho Lusitânia State of Art por se julgar adequado à ideia mais alargada de nacionalidade que o filme pretendia tratar.

Neste contexto, a Lusitânia surgia como uma entidade representativa de um espaço espiritual partilhado e liberto de uma delimitação política e histórica.

Das reuniões de trabalho mantidas entre o produtor e o realizador durante este período resultou também a decisão de que cada Cena do filme seria rodada logo após ter sido terminada a sua planificação. Deste modo, cada Cena/Quadro seria abordada como um filme independente rodado com elenco e equipa técnica autónomos.

Este método de trabalho impunha-se tanto por motivos práticos (dificuldade da produção em mobilizar uma equipa fixa para dez Cenas em dez locais durante um período de rodagem relativamente alargado), como por motivos Artísticos (pelas suas características estéticas cada Quadro Artístico Cinematográfico é um filme em si mesmo), sem prejuízo da obra final, cuja unidade estaria assegurada pela solidez da abordagem ao tema, bem como pela visão agregadora do realizador.

Após a tomada destas decisões relativas a aspectos basilares da produção, o realizador Nuno Malheiro iria iniciar a recolha de referências bibliográficas e materiais diversos tendo em vista a planificação dos Quadros Artísticos Cinematográficos do filme.

Maio de 2012

Arranque da investigação e planificação do Filme; Título e ordem de montagem definitivos; Visionamento do local de rodagem do Quadro do Viriato

Durante o mês de Maio de 2012, o realizador embrenhou-se em leituras diversas relacionadas com a temática do filme: Portugal. Entre estas leituras destacavam-se os livros de investigação histórica, os ensaios sobre a história da poesia portuguesa, bem como obras de diversos poetas lusíadas. À medida que estas leituras se avolumavam em extensão e profundidade, o realizador ia acumulando ideias relativamente à planificação

das várias cenas do filme, ideias essas que ia pacientemente anotando e aprimorando.

Neste período foram tomadas duas decisões importantes ao nível do conteúdo filme: a assumpção de *Lusitânia* como o seu título definitivo e a troca de posições entre o Quadro do Quinto Império e o Quadro da Amália (agora denominado Quadro do Fado) no plano de montagem final.

Além dos avanços significativos ao nível da planificação, o filme ia também crescendo no que toca aos aspectos da sua produção. A este nível, são de assinalar o contacto com o Teatro Experimental do Porto (feito por intermédio do Doutor Sérgio Dias Branco), no sentido da disponibilização de figurinos e adereços bem como o visionamento do Castro de Romariz (concelho de Santa Maria da Feira), local de rodagem do Quadro do Viriato.

Em relação a este visionamento, convém acrescentar que foi realizado pelo realizador Nuno Malheiro e pelo produtor Sérgio Fernandes e que as condições aí encontradas foram consideradas por ambos como ideais ao nível da cenografia, fotografia e conteúdo do filme.

Junho de 2012

Continuação da investigação e planificação do Filme; Decisão relativa aos adereços e figurinos

O mês de Junho foi marcado pela continuação da investigação e planificação do filme por parte do seu realizador, tendo-se registado importantes evoluções a este nível.

O pedido endereçado no mês anterior ao Teatro Experimental do Porto não encontrou resposta por parte desta instituição, pelo que a produção decidiu que os figurinos e adereços a usar no filme seriam obtidos através da sua compra bem como através da sua cedência por parte de particulares e instituições diversas a definir e contactar consoante as necessidades materiais específicas de cada cena.

Julho de 2012

Visionamento e rodagem do Quadro do Fado; Rodagem do Quadro do Viriato; Repetição do Quadro do Fado

No dia 10 deste mês, o realizador e o produtor do filme deslocaram-se ao estaleiro de construção de barcos Rabelos situado na ribeira de V. N. Gaia com o intuito de visionarem o local e obterem autorização para aí rodarem o Quadro do Fado, o que veio a suceder uma semana mais tarde.

Durante o visionamento ficaram definidos o posicionamento e enquadramento da câmara. A rodagem decorreu célere sob a belíssima luz estival do Porto. As duas repetições da cena foram motivadas unicamente pelo aperfeiçoamento de questões técnicas relacionadas com o registo do som.

O Quadro do Viriato foi rodado no dia 25 de Julho. O trabalho decorreu num ambiente de camaradagem e descontração que muito contribuiu para o seu feliz desenvolvimento. Após uma rápida passagem pela Junta de Freguesia de Romariz para ir buscar a chave que abre o portão do castro, a equipa deslocou-se para o local onde, depois de uma célere caracterização dos actores, colocação da câmara e definição de aspectos técnicos relativos à fotografia e ao som, a cena se desenrolou com a cadência e naturalidade pretendidas pelo realizador, ficando perfeita à primeira repetição.

Após a rodagem do Quadro do Viriato, o realizador Nuno Malheiro começou a ponderar uma possível repetição do Quadro do Fado, cujo objectivo seria o melhoramento de questões técnicas relacionadas com a fotografia e o som. Essa repetição viria a decorrer no último dia deste mês e com óptimos resultados, pois além do aperfeiçoamento dos detalhes técnicos, a maior descontração da actriz Clara Maria proporcionou também uma melhoria no seu desempenho.

Agosto de 2012

Continuação da planificação do Filme

O mês de Agosto foi dedicado ao aprimoramento e maturação de diversos aspectos relacionados com a planificação dos Quadros do filme.

Setembro de 2012

Gravação da música para o Quadro do Viriato

O realizador Nuno Malheiro gravou um tema composto com base em instrumentos de sopro. Esse tema, destinado a ser parte integrante do Quadro do Viriato, foi gravado no seu estúdio caseiro num ambiente recatado e desprovido de qualquer género de pressão.

Outubro de 2012

Visionamento e rodagem do Quadro da Moura Encantada; Visionamento do plateau para o Quadro do Adamastor

Para o Quadro da Moura Encantada, o realizador Nuno Malheiro pretendia um plateau campestre e bucólico no qual estivesse instalada uma nora. Após algumas diligências e contactos efectuados pelo produtor Sérgio Fernandes, ficou acertado o visionamento de um local inserido na quinta de St^a Maria, situada no Freixieiro, concelho de Matosinhos. As condições do local foram consideradas adequadas às necessidades da cena em questão.

A rodagem do Quadro decorreu no dia 16 de Outubro de 2012, duas semanas após o visionamento. O trabalho decorreu de forma célere e sem contra-tempos a registar. Para este facto contribuíram tanto a simplicidade da encenação e dos meios técnicos envolvidos na rodagem do Quadro, como o bom entendimento entre os vários elementos da equipa, fruto de variadas colaborações em projectos passados.

As duas repetições realizadas deveram-se ao acerto de alguns pormenores de encenação, bem como a uma alteração do guarda-roupa da actriz. Na última destas repetições o enquadramento da câmara foi ligeiramente alterado.

No dia 24 de Outubro, Nuno Malheiro e Sérgio Fernandes deslocaram-se à “Praia dos Insurrectos”, situada na freguesia de Massarelos, Porto. O motivo desta deslocação prendia-se com o visionamento do local, tendo em vista a rodagem do Quadro do Adamastor. A escolha da “Praia dos Insurrectos” ficou a dever-se à sua ligação histórica e simbólica à epopeia dos Descobrimentos, bem como à presença do belíssimo painel de azulejo da autoria do pintor Mendes da Silva. Não obstante a total adequação do local à acção a filmar, subsistiam algumas dúvidas em relação ao melhor enquadramento da câmara, tendo em conta o choque entre a envolvência urbana do local e as necessidades da cena. O visionamento efectuado serviu para dissipar estas dúvidas, tendo desde logo ficado assente o enquadramento a adoptar na rodagem.

Novembro de 2012

Ensaio do Quadro do Adamastor

No dia 10 de Novembro, uma equipa constituída por Nuno Malheiro (realizador), Sérgio Fernandes (produtor e assistente de realização), Sofia de Pina (assistente), Nuno Castro (actor) e Maria Eduarda (actriz) deslocou-se à “Praia dos Insurrectos”, com o objectivo de efectuar um ensaio da encenação a filmar no Quadro do Adamastor. Neste ensaio, o par de actores deu vida à acção da cena, reagindo simultaneamente a algumas instruções pontuais do realizador e seu assistente, que observavam atentamente a sua performance do ponto de vista da câmara. Após o ensaio, a equipa conviveu durante um jantar que serviu também para trocar ideias relativamente a alguns aspectos do filme, mais concretamente a caracterização física das figuras a serem encarnadas pelos actores.

Dezembro de 2012

Rodagem do Quadro do Adamastor

A rodagem do Quadro do Adamastor decorreu no dia 30 de Dezembro. A equipa chegou à “Praia dos Insurrectos” por volta das 16 horas e começou imediatamente a trabalhar sob a orientação do assistente de realização Sérgio Fernandes: caracterização dos actores, colocação da câmara, ajuste dos parâmetros fotográficos e distribuição estratégica das assistentes de rodagem no sentido de impedirem o tráfego de pessoas e automóveis.

A filmagem iniciou-se meia hora após a chegada ao local tendo sido necessárias algumas repetições até se atingir um resultado perfeito. As repetições efectuadas não foram motivadas nem por factores técnicos nem pelo (excelente) desempenho dos actores mas sim por alguma dificuldade em controlar a passagem dos peões que por algumas vezes entraram em campo.

Janeiro de 2013

Preparação da rodagem do Quadro do Prólogo

O início do ano foi ocupado com a preparação da rodagem do Quadro do Prólogo: contacto com a actriz; definição e obtenção do guarda-roupa e acessório (lira) necessário.

A data da rodagem ficou prevista para a primeira semana do mês de Fevereiro, dependendo o seu dia exacto das condições meteorológicas que se verificassem durante esse período.

Fevereiro de 2013

Rodagem do Quadro do Prólogo

Ao quarto dia do mês de Fevereiro, a equipa técnica deslocou-se ao Marco de Canaveses para rodar o Quadro do Prólogo. A extrema simplicidade da encenação, o

óptimo desempenho da actriz e as excelentes condições ao nível da luz contribuíram para que o Quadro resultasse perfeito à primeira tentativa.

Março de 2013

Visionamento e rodagem do Quadro do Amor de Pedro e Inês

Para este Quadro, o realizador Nuno Malheiro pretendia encontrar um plateau verdejante junto a um rio. A existência de uma casa em ruínas era outra das condições indispensáveis para a concretização da visão subjacente ao Quadro.

O sítio da Senhora d'Além é um local que reúne todos estes requisitos. Localizado na zona ribeirinha de V.N. Gaia, o sítio da Senhora d'Além tem, além das características citadas, uma configuração topográfica que permitiu ao realizador concretizar um enquadramento favorável à encenação pretendida, bem como esconder ou “indeterminar” a sua real localização geográfica no intuito de transformar o Douro em Mondego!

Por todos estes motivos, a rodagem decorreu célere e com o habitual espírito de camaradagem, sendo a única repetição motivada por uma questão de pormenor relacionada com o posicionamento de um dos actores.

Abril de 2013

Visionamento do plateau para o Quadro de Camões

Nuno Malheiro e Sérgio Fernandes deslocaram-se aos jardins do Palácio de Cristal, no Porto, para aí visionarem uma gruta, possível plateau do Quadro de Camões.

As condições cénicas e fotográficas aí encontradas foram consideradas por ambos como perfeitas para o Quadro a filmar. Além do visionamento das condições do local, esta deslocação serviu também para o realizador Nuno Malheiro trocar algumas impressões sobre a encenação do Quadro com Sérgio Fernandes, o actor desta cena.

Maio de 2013

Rodagem do Quadro de Camões; Preparação da rodagem do Quadro do Milagre de Ourique

A rodagem do Quadro de Camões decorreu de forma rápida e fluida, sem necessidade de repetições. Para este facto contribuíram o rigor empregue na preparação e visionamento que a antecederam, bem como a simplicidade da encenação e a imensa experiência do mestre Sérgio Fernandes (o actor desta cena) na interpretação da postura e ritmo necessários ao Quadro.

Após esta rodagem, a equipa de produção iniciou a preparação do Quadro do Milagre de Ourique. Esta preparação consubstanciou-se, principalmente, na obtenção dos figurinos necessários e no contacto com o actor Cristiano Pereira, uma vez que o local de rodagem desta cena, o castelo de Arnóia, no concelho de Celorico de Basto, era já familiar à produção.

Junho de 2013

Rodagem do Quadro do Milagre de Ourique

O Quadro do Milagre de Ourique acabaria por ser rodado na véspera do Dia de Portugal...

O seu local de rodagem sofreu uma alteração de última hora motivada por dificuldades na deslocação do actor Humour De La Rammeé até às imediações do castelo de Arnóia. Por este motivo, a produção transferiu a rodagem para um campo vizinho e de mais fácil acesso.

Não obstante esta alteração, a rodagem acabaria por se iniciar com um certo atraso, o que pressionou a equipa a trabalhar de forma célere, de maneira a tirar o máximo partido da luz que se extinguia rapidamente.

O óptimo desempenho do actor Cristiano a e ultra-simplicidade da encenação contribuíram para um desfecho feliz do trabalho.

Julho de 2013

Rodagem do Quadro do Santo Condestável

Após uma deslocação da produção a Santa Maria da Feira para obter o figurino necessário, a rodagem do Quadro do Santo Condestável ficou marcada para o dia 24 de Julho.

Assim, no dia marcado, a equipa de rodagem constituída por apenas três pessoas reuniu-se junto à Igreja dos Grilos, na cidade do Porto.

Mais uma vez, a extrema simplicidade da encenação, bem como a redução das necessidades técnicas ao essencial, contribuíram para uma rodagem célere com resultados satisfatórios.

Resta acrescentar que a direcção do actor (e realizador) Nuno Malheiro ficou a cargo do mestre Sérgio Fernandes.

Agosto de 2013

Rodagem do Quadro do Quinto Império

No final do mês de Agosto, a equipa técnica e os actores do Quadro do Quinto Império deslocaram-se à Quinta de Mirás (junto à serra da Aboboreira), local onde o realizador Nuno Malheiro já se encontrava desfrutando de um curto período de descanso.

Este local, escolhido pela sua significação pessoal, beleza natural e isolamento, reunia todas as condições para a rodagem desta cena, que pretendia evocar a original pureza genesíaca da humanidade.

Mais uma vez, a rodagem decorreu de forma célere e instintiva, fruto da simplicidade da encenação e da atempada preparação ao nível do enquadramento, composição e fotografia levada a cabo por Nuno Malheiro antes da chegada da restante equipa.

Com apenas uma cena por filmar (a do Quadro do Desejado), porventura a mais simples ao nível da produção, o jantar-convívio que se seguiu acabou por funcionar como festa de despedida à rodagem do filme *Lusitânia*.

A cena que acabara de ser filmada, o local escolhido para a sua concretização e a forma como foi conduzida a sua produção, não poderiam estar mais de acordo com o espírito da escola do Porto...

Setembro 2013

Rodagem do Quadro do Desejado; Primeira sessão de gravação dos textos off do Filme

O Quadro do Desejado era de todos os Quadros do filme *Lusitânia* aquele com menos requisitos em termos técnicos e de produção.

Apesar deste facto, a sua rodagem estava dependente da ocorrência de determinadas condições meteorológicas (nevoeiro).

Tendo esta situação em mente, o realizador Nuno Malheiro procurou, através de uma consulta metódica das previsões meteorológicas, antecipar o conhecimento do dia e hora propícios à rodagem. Assim, quando na manhã do dia 6 de Setembro o nevoeiro tomou conta da orla marítima do concelho de V.N. Gaia, o realizador estava preparado para filmar.

Foi na solidão matinal de uma praia brumosa e deserta que terminou a rodagem do filme...

No dia 16 de Setembro, Nuno Malheiro e Sérgio Fernandes deslocaram-se à quinta de Mirás, local de rodagem do Quadro do Quinto Império, para aí gravarem os textos off do filme aproveitando o silêncio natural da zona.

As declamações gravadas nesta primeira tentativa ficaram um pouco prejudicadas por alguma ansiedade...

Assim, apesar de o resultado deste trabalho não ter sido completamente insatisfatório, ambos concordaram que uma nova sessão de gravação deveria ser marcada para uma altura oportuna.

Fevereiro 2014

Repetição da gravação dos textos off; Início da montagem do Filme

Após alguns meses de interregno, a produção do filme foi retomada com a repetição da gravação dos textos off do filme.

A sessão de gravação, que desta vez decorreu nos escritórios da Bei Film, saldouse num resultado Artisticamente magnífico (graças à entrega e sensibilidade de Sérgio Fernandes) e tecnicamente satisfatório.

No final do mês foi iniciada a montagem do filme.

Março 2014

Conclusão da montagem do Filme; Gravação das músicas; Visionamentos

A montagem do filme foi concluída no começo de Março, tendo necessitado apenas de quatro dias de trabalho.

Esta extrema celeridade deveu-se, sem dúvida, ao facto de se tratar de uma obra concebida em Quadros de igual duração métrica (cinco minutos), cuja sequência estava já pré-determinada.

A montagem num trabalho desta natureza tem principalmente a ver com o ajuste exacto da duração dos Quadros, das transições, em suma, com a definição do ritmo do filme e de alguns pormenores.

Pouco tempo depois da conclusão da montagem, foi iniciada a gravação das músicas do filme.

Nas várias sessões de gravação, que decorreram de forma tranquila na casa de Nuno Malheiro, foram gravados os temas para os seguintes Quadros: Prólogo; Viriato (novo tema em substituição do gravado em Setembro de 2012); Moura Encantada; Santo Condestável; Adamastor (no qual Clara Maria interpreta um belo poema de sua autoria).

Uma vez concluída a montagem do filme (imagem e som), foi marcada uma sessão de visionamento por Nuno Malheiro e Sérgio Fernandes, da qual resultou a

consciência da necessidade de alguns acertos de pormenor, respectivamente, a remontagem dos Quadros do Milagre de Ourique e do Santo Condestável, por forma a retirar-lhes narratividade, a redução do volume das músicas e um maior espaçamento entre os créditos dos vários Quadros na Ficha Técnica.

Foi marcado um segundo visionamento, no qual, à excepção de um detalhe na abertura do Quadro do Santo Condestável, Nuno Malheiro e Sérgio Fernandes demonstraram satisfação com as alterações feitas.

O visionamento desta segunda versão da montagem assinalou a conclusão da produção do filme *Lusitânia*.

Abril 2014

Ante-estreia do Filme

A ante-estreia do filme aconteceu a 23 de Abril, data do aniversário do realizador Nuno Malheiro, no botequim da Dona Filomena, um espaço intimamente ligado à escola do Porto.

A projecção foi precedida do jantar de aniversário do realizador, tendo a festa contado com a presença de amigos, muitos deles participantes na produção.

O espírito de amizade e comunhão que caracteriza a escola do Porto esteve, mais uma vez, presente, contribuindo para que a ante-estreia de *Lusitânia* fosse um momento inesquecível para todos.

3. Datas de Rodagem

CENA 9, QUADRO DO FADO: 17 de Julho de 2012, 17:30 horas

CENA 1, QUADRO DO VIRIATO: 25 de Julho de 2012, 18:30 horas

REPETIÇÃO DA CENA 9, QUADRO DO FADO: 31 Julho de 2012, 17:30 horas

CENA 2, QUADRO DA MOURA ENCANTADA: 16 de Outubro de 2012, 17:00 horas

CENA 6, QUADRO DO ADAMASTOR: 30 de Dezembro de 2012, 16:30 horas

QUADRO DO PRÓLOGO: 4 de Fevereiro de 2013, 17:15 horas

CENA 4, QUADRO DO AMOR DE PEDRO E INÊS: 22 de Março de 2013, 16:15 horas

CENA 7, QUADRO DE CAMÕES: 3 de Maio de 2013, 19:30 horas

CENA 3, QUADRO DO MILAGRE DE OURIQUE: 9 de Junho de 2013, 19:45 horas

CENA 5, QUADRO DO SANTO CONDESTÁVEL: 24 de Julho de 2013, 20:00 horas

CENA 10, QUADRO DO QUINTO IMPÉRIO: 20 de Agosto de 2013, 19:45 horas

CENA 8, QUADRO DO DESEJADO: 6 de Setembro de 2013, 08:00 horas

4. Títulos e Sub-Títulos do filme *Lusitânia*

Prólogo

O Tâmega, Rio da Alma Lusíada

Lusitânia – Emanações da Deusa

Canto I

Quadro do Viriato

Ecos da Idade d'Oiro

Canto II

Quadro da Moura Encantada

Ao longe, na bruma da Ilha,

e ao rés de ondas nacaradas,

vive el-rei de Maravilha

com as moiras encantadas.

(Afonso Lopes Vieira)

Canto III

Quadro do Milagre de Ourique

Eu sou o fundador e destruidor dos reinos e impérios. Em ti e teus descendentes, quero fundar para mim um império, por cujo meio seja meu nome publicado entre as nações mais estranhas.

(Gentil Marques, Lenda do Milagre de Ourique)

Canto IV

Quadro do Amor de Pedro e Inês

*Chamaste-me tua vida,
Eu tua alma quero ser.
A vida acaba com a morte,
A alma não pode morrer.*
(Cancioneiro Popular)

Canto V

Quadro do Santo Condestável

*Jurei, unido em Cristo à luz do altar,
Pôr batalha de morte a meus desejos
E meus vícios de carne sossegar.*
(Guerra Junqueiro)

Canto VI

Quadro do Adamastor

*Sim...A montanha é um mar
Que para trás olhou, para o mistério...
Para o lugar vedado e proibido
Donde vinham correndo as suas ondas...
E ficou transformado numa estátua!*
(Teixeira de Pascoaes)

Canto VII

Quadro de Camões

Estás limpo

Por dentro

Asseado

És puro

Brota de ti

Claridade

Tu és o dia

Não és a noite

(Sério Fernandes)

Canto VIII

Quadro do Desejado

Quem vai e deixa saudades

Nunca a vida abandonou.

(Cancioneiro Popular)

Canto IX

Quadro do Fado

Ah! Quem és (lhe pergunto arrepiado)

Mereces o meu ódio ou o meu culto?

Sou, me diz o que em sombras te sepulto;

Sou teu perseguidor, teu Mal, teu Fado...

(Bocage)

Canto X

Quadro do Quinto Império

Regresso ao Paraíso

5. Planificação Cena a Cena

Quadro do Prólogo

Fim da Tarde (17: 15 horas)

Margem do rio Tâmega, Marco de Canaveses

Acção: A bela Deusa tange a Lira poética junto à margem do rio da Alma Lusíada. Os seus dedos são delicados, a sua postura hierática. Ouve-se a declamação do poema *Lusitânia*.

Poema: *Lusitânia* (Nuno Malheiro).

Som: Declamação off do poema *Lusitânia* e música muito simples, tocada com instrumento de cordas e gravada em estúdio caseiro.



Raquel Dora Pinho, a Deusa. Fotografia de Cena de André Couto.

Cena 1

Quadro do Viriato

Fim da Tarde (18: 30 horas)

Castro de Romariz, Santa Maria da Feira

Acção: Um casal Lusitano está sentado em primeiro plano sobre as ruínas de uma parede daquilo que outrora foi uma casa. Atrás deles, estendidos ao longo de uma pequena elevação, erguem-se os majestosos e resistentes vestígios de um ancestral castro. Junto ao homem, pousado sobre as pedras, um recipiente de barro está cheio de uvas que o casal saboreia com prazer. A frugalidade agreste e silenciosa do monte parece uni-los na fruição de uma calma felicidade. No chão, um saco de couro, uma espada e um pequeno escudo recordam guerras longínquas e irreais subitamente dissolvidas na paz singela deste idílio contido. Ao fundo, uma criança semi-nua abraça um cão, depois levanta-se e percorre as ruínas como um anjo diletante possuído pelo encantamento da imaginação.



Luís Costa e Lília Serra sentados sobre as ruínas do Castro de Romariz. Fotografia de Cena de Raquel Dora Pinho

A mulher chama “Viriato!” e a criança aproxima-se para receber alguns bagos. Uma suave música parece desprender-se das pedras, da terra, das árvores...

Som: Música suave tocada com instrumentos de sopro e gravada em estúdio caseiro.

Cena 2

Quadro da Moura Encantada

Fim da Tarde (17: 00 horas)

Quinta de St^a Maria, Freixieiro, Perafita, Matosinhos

Acção: Uma bela princesa moura projecta o seu olhar lânguido e vago sobre o cenário rural que a rodeia. Passado algum tempo, ela começa a aproximar-se de uma nora no primeiro plano do Quadro. Os seus movimentos são lentos, sensuais e elegantes. À sua volta, o vento forte faz ondular a ramada de vinha, as ervas e as flores. Ela hesita momentaneamente diante da nora enquanto faz girar a sua roda. Passado um instante, a bela princesa senta-se sobre a roda e começa a declamação do poema de Al-Mu‘Tamid. As palavras extinguem-se, mas a voz do poeta parece ecoar silenciosamente no movimento que perdura, na espera que persiste...

Poema:

*Ó MINHA única eleita
De entre toda a humanidade:
Estrela! Lua a brilhar!
Haste erguida e escorreita
Gazelita no olhar.
Da flor és tu o alento
Pela brisada perfumada,
Minha dona, meu sustento,
E grilheta bem-amada.
Cego ficaria e surdo
P’ra que fosses resgatada.
Chama-me! E logo acudo.
Quando é que será curada
A ardência do meu coração
Com o fresco toque dos dentes
Que na tua boca estão?*

(Al-Mu‘Tamid)

Som: Música gravada em estúdio caseiro e declamação off do poema (gravada através de microfone de lapela).



Sofia de Pina e Filipa Gomes durante a rodagem do Quadro da Moura Encantada. Fotografia de Cena de Raquel Dora Pinho.

Cena 3

Quadro do Milagre de Ourique

Fim da Tarde (19: 45 horas)

Campo nos arredores de Celorico de Basto

Acção: Afonso reza.

Segreda Silêncio! Inspira este rei com o profético sonho que faremos nosso...

A Tua Vontade guiará os golpes desta espada por que vivemos...

E morremos...

Afonso parte...

Som: Som ambiente (gravado através do microfone da câmara) e som simples e musical gravado em estúdio caseiro.



O Realizador Nuno Malheiro e a Assistente Luisinha durante a rodagem. Fotografia de Cena de Raque Dora Pinho.

Cena 4

Quadro do Amor de Pedro e Inês

Tarde (16: 15 horas)

Sítio da Senhora d'Além, V.N. Gaia

Acção: Junto às águas do Mondego jaz a alva e linda Inês sobre as decrépitas ruínas de uma casa abandonada. Explosões de Primavera verde engolem as pedras cadavéricas.

Eis que o seu Pedro se aproxima! Sobre o seu corpo de luz morre a promessa de eternidade.

Poema:

*Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledó e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.
Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,*

*Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam:
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam.
E quanto enfim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memórias de alegria.*

Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*

Som: Som ambiente (gravado através do microfone da câmara) e declamação off do poema (gravado através de microfone de lapela).



André Couto (no papel de D. Pedro) recebendo indicações de Nuno Malheiro e Sérgio Fernandes durante a rodagem. Fotografia de Cena de Raquel Dora Pinho.

Cena 5

Quadro do Santo Condestável

Fim da Tarde (20: 00 horas)

Vista da igreja dos Grilos, freguesia da Sé, Porto

Acção: Inspirado por uma profunda devoção a Maria, o Santo Condestável oferece a sua espada a uma batalha que se trava nas profundezas do coração humano...

Poema:

*Senhora da Noite
Guardo essa promessa impronunciada
Como o mais valioso tesouro que a vida me ofereceu
Guardo estas recordações de áureo brilho
Esse sudário de rosas adornando a Noite que em mim habita*

*Salto sobre o negro abismo do desespero
Só para te sentir...
Só para chegar a ti...*

*Invento paisagens e planetas
Sonho embalado pela inaudível nota da Esperança
Só para te manter intangível...
Só para te saber Real...*

*Tu que pairas
Sobre os sinistros telhados da dúvida*

Potestade bela e majestosa...

*Tu que és o nome escondido
Nesse suspiro inspirador*

*Meu mais sereno Oceano
Meu lancinante grito ecoando
No teu ventre abobadado
Minha Senhora da Noite*

Nuno Malheiro

Som: Música gravada em estúdio caseiro e declamação off do poema (gravada através de microfone de lapela).



Nuno Malheiro seguindo as indicações de Sérgio Fernandes durante o ensaio do Quadro do Santo Condestável. Fotografia de Cena de Raquel Dora Pinho.

Cena 6

Quadro do Adamastor

Fim da Tarde (16: 30 horas)

Praia dos Insurrectos, Massarelos, Porto

Acção: Estamos na Praia dos Insurrectos. Um jovem casal entra em campo e pára junto à capela da Confraria das Almas do Corpo Santo. Ele é um marinheiro pronto a embarcar para terras distantes, ela uma jovem esposa a quem o mar usurpou o sonho da calma e doce felicidade conjugal. Despedem-se. Abraços, ternura, juras, lágrimas e dor...Ao fundo, o painel de Mendes da Silva testemunha e consagra silenciosamente o heroísmo profundo deste casal anónimo...

Ele desce a rampa que o conduz ao navio.

Ele desaparece no horizonte distante que se espelha nos olhos dela.

Saudade...



Sério Fernandes observa e orienta a equipa de rodagem. Fotografia de Cena de Raquel Dora Pinho.

Fado/Poema:

*Marinheiro, Marinheiro
Que triste é o teu olhar
Deixas ficar saudades
As lágrimas vão para o mar*

*Leva contigo a guitarra
Para tu poderes tocar
Canta o fado da Saudade
Pois isso vai-te animar*

*Marinheiro, Marinheiro
Quero ouvir a tua voz
Peço a Deus em oração
Para voltares para nós*

Clara Maria

Som: Clara Maria interpreta o poema de sua autoria. Gravação em estúdio caseiro.

Cena 7

Quadro de Camões

Tarde (19: 30 horas)

Gruta dos jardins do Palácio de Cristal, Porto

Acção: O poeta Luís de Camões sonha a Raça Lusíada na sua gruta de Macau.

O seu corpo exilado consome o frugal alimento.

O seu corpo já quase lenda...

O seu corpo já quase luz...

Um derradeiro relance sobre a sua criação.

A fria adaga da lucidez rasga o abismo do desencanto...

Um mar de dor separa o venturoso sonho da triste e banal realidade.

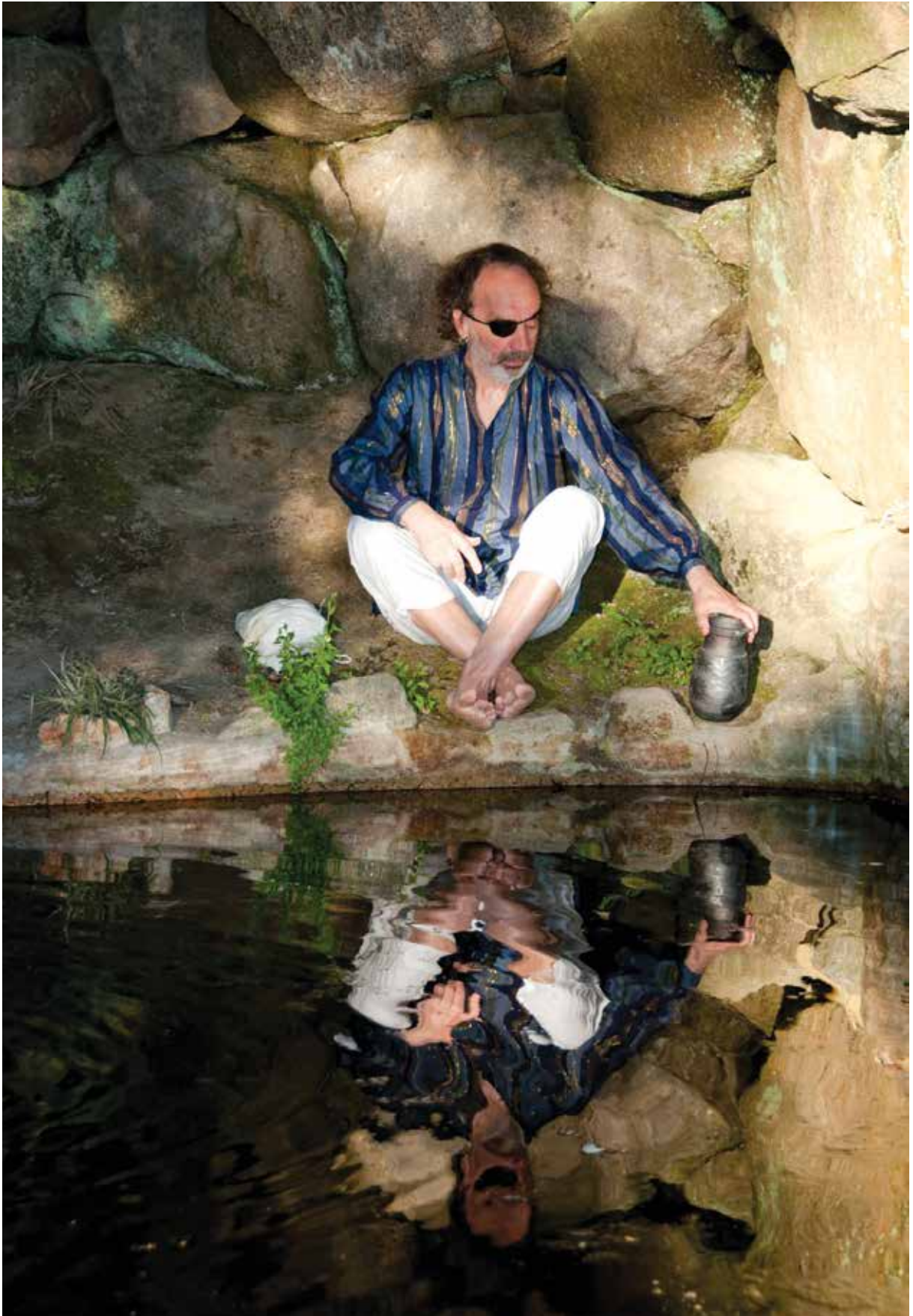
Um mar de dor que vive e baila no peito cansado e solitário do poeta...

Poema:

*No mais, Musa, no mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não nos dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
De uma austera, apagada e vil tristeza.*

Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*

Som: Som ambiente (gravado através do microfone da câmara) e declamação off do poema (gravado através de microfone de lapela).



Sério: a Arte como reflexo da vida. Fotografia de Cena de Raquel Dora Pinho.

Cena 8

Quadro do Desejado

Manhã (08: 00 horas)

Praia da Aguda, V.N. Gaia

Acção: Mar de Mistério; Mar de Sonho; Mar de Desejo; Mar Lusíada...

Som: Som ambiente (gravado através do microfone da câmara).



Fotograma do Quadro do Desejado.

Cena 9

Quadro do Fado

Fim da Tarde (17: 30 horas)

Estaleiro de barcos Rabelos, V. N. Gaia

Acção: Uma mulher vestida de negro encontra-se de pé dentro de um velho barco Rabelo varado na margem sul do rio Douro. Ela está silenciosa e o seu olhar profundo e perscrutador dirige-se para o poente enquanto o rio percorre imparável e indiferente o seu caminho enigmático sulcado pelos séculos. Ao fundo, recortando o horizonte, ergue-se o majestoso

casario da bela e orgulhosa cidade do Porto. Do lado direito da composição consegue-se ainda descortinar a emblemática ponte Luiz I.

A mulher rompe o silêncio e começa a cantar o fado “Povo que lavas no rio” cujo poema é da autoria do portuense Pedro Homem de Mello.

O canto extingue-se, o olhar prolonga-se, o rio prossegue a sua marcha inexorável e misteriosa...

Fado/Poema:

*Povo que lavas no rio
Povo que lavas no rio
Que talhas com o teu machado
As tábuas do meu caixão.
Pode haver quem te defenda
Quem compre o teu chão sagrado
Mas a tua vida não.
Fui ter à mesa redonda
Bebi em malga que me esconde
Um beijo de mão em mão.
Era o vinho que me deste
Água pura, fruto agreste
Mas a tua vida não.
Aromas de urze e de lama
Dormi com eles na cama
Tive a mesma condição.
Povo, povo, eu te pertença
Deste-me alturas de incenso,
Mas a tua vida não.
Povo que lavas no rio
Que talhas com o teu machado
As tábuas do meu caixão.
Pode haver quem te defenda
Quem compre o teu chão sagrado
Mas a tua vida não.*

Pedro Homem de Mello, *Miserere*

Som: Som ambiente (gravado através do microfone da câmara) e canto (gravado através de microfone de lapela).



Nuno Malheiro e Sérgio Fernandes atentos ao enquadramento. Fotografia de Cena de Raquel Dora Pinho.

Cena 10

Quadro do Quinto Império

Fim da Tarde (19:45 horas)

Quinta de Mirás (à Aboboreira), Soalhães, Marco de Canaveses

Acção: Adão e Eva antes do Pecado Original...

Poema:

*E vede o novo Adão no Paraíso!
Na fartura celeste, sob os ramos
Das árvores frondosas!*

*Olhai a negra treva do seu crime
Alvorar, ser a luz, ser a inocência!
Não a antiga inocência inconsciente;
Mas a inocência de alma verdadeira,
A perfeita inocência, resultante
Da compreensão de tudo – que é o Amor!*

*Olhai o novo Adão no Paraíso,
Entre as rosas, os lírios e os perfumes
Da sua Primavera Espiritual.*

*Vede-o colhendo o saboroso fruto
Da sua clara e idílica alegria!*

*Vede-o senhor da edénica Paisagem,
Toda verde e viçosa de searas,
Que o vento agita em ondas de esperança!*

Vede-o falando e rindo à sua Eva!

*Vede a Mulher eleita! Do seu corpo,
Alto, divino lírio, em forma humana,*

*Chovem pureza e alvura sobre a terra!
E dele ascende em névoas para o céu
A delicada graça, o fino enlevo,
A mística ternura da piedade,
A etérea comoção religiosa
Que é a presença de Deus em nosso ser!*

*Vede a Mulher eleita à verde sombra
Dos rumorosos bosques, namorada
Da Natureza em flor que lhe sorri...*

*Vede a Mulher eleita! E vede o Homem
Firmando-se na terra, como as árvores,
E altivo, olhando os astros, a sonhar!*

*Vede o Homem sonhando; e pelo sonho
Remindo as ermas cousas transitórias,*

*Concluindo a imperfeita Criação,
Que Deus iniciara...*

*A antiga carne,
Selvática, feroz e com vestígios
De brutas pedras, nuvens e raízes,
Fez-se imortal Espírito divino...*

*E a árvore da nova Fé
Levanta para o sol os ramos verdes;
E na amorável sombra que projecta
Rebrilham, como estrelas, os dois olhos
Da Cobra tentadora.*

Teixeira de Pascoaes, *Regresso ao Paraíso*

Som: Som ambiente (gravado através do microfone da câmara) e declamação off do poema (gravado através de microfone de lapela).



O Coro reunido após a rodagem do Quadro do Quinto Império. Fotografia de Cena de Raquel Dora Pinho.

6. Ficha Técnica do filme de longa-metragem *Lusitânia*

Montagem

Nuno Malheiro

Música de Abertura e Fecho

Nuno Malheiro

Quadro do Prólogo:

Realização

Nuno Malheiro

Produção

Sério Fernandes

Actriz

Raquel Dora Pinho (Musa)

Assistente de Realização

Sério Fernandes

Assistente de Rodagem

Filipa Gomes

Fotografia e Câmara

Nuno Malheiro

Fotografia de Cena

André Couto

Raquel Dora Pinho

Música

Nuno Malheiro

Sério Fernandes declamou o poema *Lusitânia* de Nuno Malheiro.

Quadro do Viriato:

Realização

Nuno Malheiro

Produção

Sério Fernandes

Actores

Iuri Rodrigues (Viriato)

Lília Serra (mãe do Viriato)

Luís Costa (pai do Viriato)

Carolina

Sissi

Assistente de Realização

Sério Fernandes

Fotografia e Câmara

Nuno Malheiro

Fotografia de Cena

Raquel Dora Pinho

Música

Nuno Malheiro

Agradecimentos:

Junta de Freguesia de Romariz

Quadro da Moura Encantada:

Realização

Nuno Malheiro

Produção

Sério Fernandes

Actriz

Sofia de Pina (Moura Encantada)

Assistente de Realização

Sério Fernandes

Assistente de Rodagem

Filipa Gomes

Fotografia e Câmara

Nuno Malheiro

Fotografia de Cena

Raquel Dora Pinho

Música

Nuno Malheiro

O poema de Al-Mu'Tamid foi declamado por Sérgio Fernandes.

Agradecimentos:

Dona Fernanda Barbosa (Junta de Freguesia de Santa Cruz do Bispo)

Senhor José Oliveira (Quinta de Santa Maria/Freixieiro/Perafita)

Quadro do Milagre de Ourique:

Realização

Nuno Malheiro

Produção

Sério Fernandes

Actores

Cristiano (Dom Afonso Henriques)

Humour De La Rammeé

Assistente de Realização

Sério Fernandes

Assistente de Rodagem

Luisinha

Fotografia e Câmara

Nuno Malheiro

Fotografia de Cena

Raquel Dora Pinho

Agradecimentos:

Senhora Liseta Morais (Federação das Colectividades de Santa Maria da Feira)

Senhora Francisca Vieira Bastos

Quadro do Amor de Pedro e Inês:

Realização

Nuno Malheiro

Produção

Sério Fernandes

Actores

André Couto (Dom Pedro)

Filipa Gomes (Dona Inês de Castro)

Assistente de Realização

Sério Fernandes

Fotografia e Câmara

Nuno Malheiro

Fotografia de Cena

Raquel Dora Pinho

Caracterização

Madalena Brites

Sério Fernandes declamou versos d' *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões.

Quadro do Santo Condestável:

Realização

Nuno Malheiro

Produção

Sério Fernandes

Actor

Nuno Malheiro (Dom Nuno Álvares Pereira)

Assistente de Realização

Sério Fernandes

Fotografia e Câmara

Nuno Malheiro

Fotografia de Cena

Raquel Dora Pinho

Música

Nuno Malheiro

Sério Fernandes declamou o poema *Senhora da Noite* de Nuno Malheiro.

Agradecimentos:

Senhora Liseta Morais (Federação das Colectividades de Santa Maria da Feira)

Quadro do Adamastor:

Realização

Nuno Malheiro

Produção

Sério Fernandes

Actores

Maria Eduarda (mulher do marinheiro)

Nuno Castro (marinheiro)

Assistente de Realização

Sério Fernandes

Assistentes de Rodagem

Filipa Gomes

Sofia de Pina

Fotografia e Câmara

Nuno Malheiro

Fotografia de Cena

Raquel Dora Pinho

Música

Clara Maria (interpretando um poema de sua autoria)

Agradecimentos:

Dona Benvinda Rodrigues

Senhor Avelino Manuel Vieira da Silva Pereira

Quadro de Camões:

Realização

Nuno Malheiro

Produção

Sério Fernandes

Actor

Sério Fernandes (Luís Vaz de Camões)

Assistente de Realização

Sério Fernandes

Assistente de Rodagem

André Couto

Fotografia e Câmara

Nuno Malheiro

Fotografia de Cena

Raquel Dora Pinho

Sério Fernandes declamou versos d' *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões.

Quadro do Desejado:

Realização

Nuno Malheiro

Produção

Sério Fernandes

Actor

Mar Lusíada

Fotografia e Câmara

Nuno Malheiro

Quadro do Fado:

Realização

Nuno Malheiro

Produção

Sério Fernandes

Actriz

Clara Maria

Assistente de Realização

Sério Fernandes

Fotografia e Câmara

Nuno Malheiro

Fotografia de Cena

Raquel Dora Pinho

Clara Maria interpretou o fado “Povo que lavas no rio”, música de Joaquim Campos e poema de Pedro Homem de Mello.

Agradecimentos:

Senhor António Dixo Sousa (Socrenaval)

Quadro do Quinto Império:

Realização

Nuno Malheiro

Produção

Sério Fernandes

Actores

Lisete Ornelas (Eva)

Luís Vicente (Adão)

Assistente de Realização

Sério Fernandes

Fotografia e Câmara

Nuno Malheiro

Fotografia de Cena

Raquel Dora Pinho

Sério Fernandes declamou os versos finais do “Regresso ao Paraíso” de Teixeira de Pascoaes.

7. Detalhamento Técnico Cena a Cena

Quadro do Prólogo

Margem do rio Tâmega, Marco de Canaveses

17:15 horas

Guarda-Roupa:

Vestido branco

Acessórios:

Lira

Material de Imagem:

Câmara Sony Z1 e acessórios

Cassete mini-Dv

Tripé

Material de Som:

Microfone de lapela e acessórios

Cena 1

Quadro do Viriato

Castro de Romariz, Santa Maria da Feira

18:30 horas

Guarda-Roupa:

Traje de guerreiro feito de couro

Tanga de pele acastanhada

Vestido com motivos decorativos

Acessórios:

Colar decorativo (para o homem)

Braceletes

Correias de couro

Adereços:

Saco de couro

Escudo pequeno e redondo

Espada

Recipiente de barro tosco cheio de uvas

Material de Imagem:

Câmara Sony Z1 e acessórios

Cassete mini-Dv

Tripé

Material de Som:

Microfone da Câmara

Computador

Placa de som Yamaha

Programa de edição e gravação (Cubase)

Cabos xlr

Microfone Shure SM-57

Cena 2

Quadro da Moura Encantada

Quinta de St^a Maria, Freixieiro, Perafita, Matosinhos

17:00 horas

Guarda-Roupa:

Traje decotado de estilo Oriental (tipo odalisca)

Acessórios:

Brincos de estilo Oriental

Pulseiras de estilo Oriental

Anéis de estilo Oriental

Flor

Material de Imagem:

Câmara Sony Z1 e acessórios

Cassete mini-Dv

Tripé

Material de Som:

Microfone de lapela e acessórios

Computador

Placa de som Yamaha

Programa de edição e gravação (Cubase)

Cabos xlr

Microfone Shure SM-57

Cena 3

Quadro do Milagre de Ourique

Campo nos arredores de Celorico de Basto

19:45 horas

Guarda-Roupa:

Traje de cavaleiro medieval Afonsino

Acessórios:

Sela e demais acessórios para aparelhar o cavalo

Capa azul

Adereços:

Espada medieval

Escudo

Elmo

Material de Imagem:

Câmara Sony Z1 e acessórios

Cassete mini-Dv

Tripé

Material de Som:

Microfone da Câmara

Cena 4

Quadro do Amor de Pedro e Inês

Sítio da Senhora d'Além, V. N. Gaia

16:15 horas

Guarda-Roupa:

Vestido branco

Traje de príncipe medieval

Acessórios:

Brincos de princesa medieval

Colar branco

Adaga

Rosa branca

Material de Imagem:

Câmara Sony Z1 e acessórios

Cassete mini-Dv

Tripé

Material de Som:

Microfone da Câmara

Microfone de lapela e acessórios

Cena 5

Quadro do Santo Condestável

Vista da igreja dos Grilos, freguesia da Sé, Porto

20:00 horas

Guarda-Roupa:

Hábito negro (Ordem do Carmo)

Acessórios:

Cruz de madeira

Adereços:

Espada medieval

Material de Imagem:

Câmara Sony Z1 e acessórios

Cassete mini-Dv

Tripé

Material de Som:

Microfone de lapela e acessórios

Computador

Placa de som Yamaha

Programa de edição e gravação (Cubase)

Cabos xlr

Microfone Shure SM-57

Cena 6

Quadro do Adamastor

Praia dos Insurrectos, Massarelos, Porto

16:30 horas

Guarda-Roupa:

Gorro

Samarra

Camisa flanela
Calças largas de pano
Botas
Saia preta
Meias grossas
Sapatos rasos de pano
Camisola de lã
Lenço tradicional

Acessórios:

Lenço branco
Trouxa
Pau de madeira

Adereços:

Fateixas
Corda de sisal

Material de Imagem:

Câmara Sony Z1 e acessórios
Cassete mini-Dv
Tripé

Material de Som:

Computador
Placa de som Yamaha
Programa de edição e gravação (Cubase)
Cabos xlr
Microfone Shure SM-57

Cena 7

Quadro de Camões

Gruta dos jardins do Palácio de Cristal, Porto

19:30 horas

Guarda-Roupa:

Camisa de estilo Oriental

Calças brancas de estilo Oriental

Acessórios:

Argola

Pala preta

Adereços:

Saco branco para pão

Pão

Jarro de barro

Pergaminho

Pena

Material de Imagem:

Câmara Sony Z1 e acessórios

Cassete mini-Dv

Tripé

Material de Som:

Microfone da Câmara

Microfone de lapela e acessórios

Cena 8

Quadro do Desejado

Praia da Aguda, V.N. Gaia

08:00 horas

Material de Imagem:

Câmara Sony Z1 e acessórios

Cassete mini-Dv

Tripé

Material de Som:

Microfone da Câmara

Cena 9

Quadro do Fado

Estaleiro de barcos Rabelos, V. N. Gaia

17:30 horas

Guarda-Roupa:

Blusa negra

Saia negra

Sapatos pretos

Lenço negro

Acessórios:

Brincos de filigrana

Colar doirado

Material de Imagem:

Câmara Sony Z1 e acessórios

Cassete mini-Dv

Tripé

Material de Som:

Microfone da Câmara

Microfone de lapela e acessórios

Cena 10

Quadro do Quinto Império

Quinta de Mirás (à Aboboreira), Soalhães, Marco de Canaveses

19:45 horas

Material de Imagem:

Câmara Sony Z1 e acessórios

Cassete mini-Dv

Tripé

Material de Som:

Microfone da Câmara

Microfone de lapela e acessórios

8. Índice de Material

Guarda-Roupa:

Blusa negra

Saia negra

Sapatos pretos

Lenço negro

Traje de guerreiro feito de couro

Tanga de pele acastanhada

Vestido com motivos decorativos

Traje decotado de estilo Oriental (tipo odalisca)

Gorro

Samarra

Camisa flanela

Calças largas de pano

Botas

Saia preta

Meias grossas
Sapatos rasos de pano
Camisola de lã
Lenço tradicional
Vestido branco (Deusa Lusitânia)
Vestido branco (Inês de Castro)
Traje de príncipe medieval
Camisa de estilo Oriental
Calças brancas de estilo Oriental
Traje de cavaleiro medieval Afonsino
Hábito negro (Ordem do Carmo)

Acessórios:

Brincos de filigrana
Colar doirado
Colar decorativo (para o homem)
Braceletes
Correias de couro
Brincos de estilo Oriental
Pulseira de estilo Oriental
Anéis de estilo Oriental
Flor
Lenço branco
Trouxa
Pau de madeira
Lira
Brincos de princesa medieval
Colar branco
Adaga

Rosa branca

Argola

Pala preta

Sela e demais acessórios para aparelhar o cavalo

Capa azul

Cruz de madeira

Caracterização:

Material de maquiagem diverso

Adereços:

Saco de couro

Escudo pequeno e redondo

Espada medieval

Recipiente de barro tosco cheio de uvas

Fateixas

Corda de sisal

Saco branco para pão

Pão

Jarro de barro

Pergaminho

Pena

Espada

Escudo

Elmo

Material de Imagem:

Câmara Sony Z1 e acessórios

Cassetes mini-Dv

Tripé

Material de Som:

Microfone da Câmara

Microfone de lapela e acessórios

Computador

Placa de som Yamaha

Programa de edição e gravação (Cubase)

Cabos xlr

Microfone Shure SM-57

9. Bibliografia

Citada no Dossier:

- Alves, Adalberto (1987). *O Meu Coração é Árabe: A Poesia Luso-Árabe*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Camões, Luiz Vaz de (1984). *Os Lusíadas*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Carvalho, Pinto de (2003). *História do Fado*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Esteves Cardoso, Miguel (1991). *Introdução*. In: Pascoaes, Teixeira - *A Arte De Ser Português*. Lisboa: Assírio & Alvim, 9-12.
- Gomes, Pinharanda (2010). *Nuno Álvares Pereira: O Galaaz de Portugal*. Lisboa: A Pegada Do Yeti.
- Martins, Oliveira (1984). *Portugal nos Mares Vol. II*. Lisboa: Ulmeiro.
- Mello, Pedro Homem De (1948). *Miserere*. Porto: Edições Portugália.
- Nietzsche, Frederico (2004). *A Origem da Tragédia*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Pascoaes, Teixeira de (1986). *Regresso ao Paraíso*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Pascoaes, Teixeira de (1991). *A Arte De Ser Português*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Pastor Muñoz, Mauricio (2003). *Viriato: A Luta pela Liberdade*. Lisboa: Ésquilo edições e multimédia.
- Pessoa, Fernando (2ª edição). *Mensagem e Outros Poemas Afins*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Quadros, António (2001). *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Saraiva, José Hermano (2011). *História Concisa de Portugal*. Lisboa: Publicações Europa-América.

Consultada na produção do Filme:

- Apontamentos para a História da Cidade do Porto: A Confraria das Almas do Corpo Santo de Massarelos*, Porto (1958). Porto: Empresa de Publicidade do Norte.
- Bocage, Manuel Maria de Barbosa du (1956). *Poesias*. Lisboa: Livraria Sá Da Costa Editora.
- Braga, Teófilo (2008). *Viriato*. Lisboa: QuidNovi.
- Brochura IV Centenário da Morte de Camões* (1980). V.N.Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia.
- Cidade, Hernâni (1943). *Luís de Camões: A Vida e a Obra Lírica*. Lisboa: Edições Ocidente.
- Cortesão, Jaime (2008). *Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- Farmhouse Alberto, Paulo (1996). *Viriato*. Lisboa: Editorial Inquérito.

Fernandes, Sérgio (2005). *Camões*. Porto: Edições Oráculo.

Laranjeira, Manuel (2012). *Pessimismo Nacional*. Guimarães: Opera Omnia.

Lemos, Emília (2011). *Um Herói, Amores e Milagres*. Porto: Mosaico de palavras, Editora.

Magalhães, Leandro Henrique (2010). *Trovas de Bandarra: Leituras, Releituras e Interpretações*. Porto: Edições Ecopy.

Pascoaes, Teixeira de (1987). *Os Poetas Lusíadas*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Régio, José (1968). *Fado*. Lisboa: Portugália Editora.

Tavares, José Pereira (1957). *Antologia de Textos Medievais*. Lisboa: Livraria Sá Da Costa Editora.



Lusitânia, minha pátria poética

Apêndice II: *Lusitânia, minha pátria poética*

Por detrás da oficina abandonada estava o meu Jardim do Éden.

Parece que foi há uma eternidade... A luz filtrada pelas cabanas vivas dos feijoeiros; o aroma fresco da terra húmida; a velha laranjeira junto à casota do cão; o pulsante mistério dessa vida feita de carne e sombra, derramada em extravagâncias pictóricas que sorriam cumplicemente aos olhos de criança.

Ao fundo do quintal, perto da frondosa figueira cujas fragâncias me inebriavam de inocente cio, erguia-se um pequeno muro coberto de musgos, generoso albergue mineral de sardões e caracóis, que eu temerariamente escalava, para saborear o solitário deslumbramento íntimo em que todo o Cosmos se desnudava, subjugado pela tremenda potência da minha curiosidade faminta.

Do outro lado do muro, o velho senhor Daniel consertava guarda-chuvas, enquanto replicava, risonho e paciente, às minhas perguntas ignorantemente certeiras e aos meus planos de salvação nacional. A sua plácida bonomia contrastava com o fogo escarlata, represado nos olhos do velho ébrio que frequentava a mercearia da Maravilhas... Esses mesmos olhos que sempre me contemplaram com fascínio e ternura...

Depois era altura de correr pelos carreiros das couves; saborear a ondulação caleidoscópica dos crisântemos e dos agapantos; esvoaçar na imaginação de uma borboleta primaveril, cuja beleza seria sacrificada no altar da minha crueldade sem rosto, origem, ou remorso: o pequeno banco de cimento que unia o pátio à parede caiada do galinheiro, onde o caseiro Joaquim Formiga guardava a sua antiquada bicicleta de corrida.

Entre os galinheiros e o enorme tanque de lavar a roupa estava uma bomba enferrujada e sem préstimo, que assinalava o local do poço da água. Um dia, ao observar a expressão de deleite com que o tio Florival sorvia o precioso néctar, fiquei absolutamente convencido das suas propriedades terapêuticas.

O interior da oficina era um depósito de ferramentas, bancas de trabalho, roupas, baús; uma miríade de objectos que me instruía numa arqueologia familiar auto-

didacta, complementada com as fascinantes ilustrações reptilianas, dos empoeirados compêndios escolares da minha mãe e dos meus tios.

A componente prática desta enigmática ciência de fantasia tinha lugar no pátio, que intermediava entre a oficina e as traseiras da casa.

Local de observação mística, brincadeira e experimentação, foi nesse mesmo pátio que, pela primeira e única vez na minha vida, me senti senhor de um Conhecimento sem fronteiras ou explicação, enquanto rodopiava num êxtase pueril e sem finalidade, que não estou certo de ter sucedido após a assombrosa visão do corpo de peru que corria sem cabeça...

À hora de almoço eram frequentes as visitas à casa da frágil e doce Rosinha, que me esperava com filhoses e sopa servida em louça fina.

A sala contígua à pequena cozinha era dominada por uma robusta secretária de madeira, adornada com as relíquias de uma vida simples: recordações da natal Paredes de Coura; objectos ofertados pelas senhoras a quem servira; fotografias dos sobrinhos; cartas amarelecidas; um elegante tinteiro e um isqueiro de prata que tinha pertencido ao marido, o enorme e pesado Geitoeira, de quem sempre conservei uma memória inexplicavelmente sinistra...

Lá fora, no pequeno pátio ladeado de vasos e canteiros, a dona Deolinda passava, lamentando a sua sorte após mais uma noite em que o marido tinha chegado com o “copo”.

Indiferentes à tristeza da pobre mulher, os grilos e os canários cantavam melodias sublimes, tentando iludir o cárcere forçado junto à porta da sua casa.

Baixa e maciça, de feições grossas e varonis, Deolinda tinha nessa modesta habitação (onde armários de fórmica guardavam tesouros da glória benfiquista) o meridiano do seu universo, compreendido entre a casa da irmã Rosa do Ferreiro e o pequeno talhão de terra que cultivava com o seu Formiga.

Consta que morreu feliz, sem nunca ter andado numa escada rolante!

O resto da tarde era geralmente passado em solitárias brincadeiras com bonecada nas escadas de acesso ao pátio; regulares inspecções às gavetas e portas dos

armários (nas quais as caixas de sortido inglês, um mini faqueiro de prata que me tinha sido oferecido pelo baptizado, e uma bala de metralhadora que o meu pai tinha trazido da tropa, faziam as delícias dos meus olhos); jogos de cartas, damas e dominó com a minha querida Madrinha; expedições ao antigo aido do porco e ao pequeno anexo onde se armazenava o farelo para os coelhos; meditações sobre a força e o trovão, quando a fanfarra dos bombeiros passava, e o bombo do corpulento Eusébio fazia trepidar todos os vidros e louças da casa...

O meu trisavô João Ribeiro, beirão dos sete costados e cuja barbearia viria a ser o quarto da minha adolescência, estaria decerto muito longe de imaginar os peculiares hábitos e as estranhas cogitações deste seu descendente no dia em que decidiu trocar as economias acumuladas em terras de Vera Cruz pela propriedade do número 2106 da Rua Castro Portugal...

Na sede do Valadares, enfumarado antro de inócuas bravatas masculinas, o meu avô esperava a minha chamada para o jantar, com um sorriso e 20 escudos do Santo António, subtraídos ao pecúlio acumulado nas copas, jogo em que era mestre incontestado.

Chegados a casa, atravessávamos a sala e o corredor que passava pela arrecadação que nunca foi aberta, até entrarmos na espaçosa cozinha forrada a azulejos, onde a restante família estava já sentada à mesa, incensada pelo intenso cheiro a tripas, que as heróicas mãos da avó Clara tinham cozinhado.

Após a actualização dos acontecimentos de mais uma jornada de labuta, as conversas tendiam a seguir uma orientação mais saudosa, na qual as recordações da remota Lajeosa do Dão, o magnífico discurso da minha mãe na comunhão solene, ou as divertidas peripécias do falecido tio Augusto, costumavam ser temas recorrentes.

O encerramento deste ritual diário era tacitamente reservado ao chefe de família que, inspirado pelas inalações de um potente cigarro, discorria sobre as estórias da sua juventude sadia, passada numa casa de lavoura da vizinha Madalena.

O jantar terminava então, abençoado pelas evocações espectrais do hercúleo Luís; do criado que chorou à mesa na noite de consoada; da tília do Largo de Aguium;

e das festivas desfolhadas, em que o silencioso contentamento do meu bisavô contrastava com a visível jovialidade da Antonietinha, essa sibila que bailava e bailava...

À noite, o leito da santa e virginal Madrinha acolhia já a terceira geração de inquilinos.

Fechada a cortina que separava o singelo quarto do corredor, era agora tempo de aprender a rezar o Padre Nosso e a Avé Maria, seguidos de algumas anedotas do Bocage, nas noites em o sono demorava a chegar.

Assim ia voando a minha infância no 2106 da Rua Castro Portugal, interrompida apenas por pontuais excursões ao paradisíaco Lugar da Malheira, onde o Quim Russo e a avó Quinhas me recebiam na sua rústica casa, bem próxima das verdejantes margens do rio Homem.

Reminiscências minhotas de um rio herdado por via paterna...

As horas de estudo no salão nobre do Colégio dos Carvalhos eram dedicadas à invenção de um mundo cientificamente poético, refúgio e utopia íntima do meu espírito cada vez mais reservado e meditabundo, espaço denso e indeterminado construído algures entre as calçadas de Valadares e os picos das montanhas Helvéticas, onde os meus pais garantiam o nosso sustento.

No longo intervalo do almoço, o cardápio de actividades incluía os jogos de bola; as provas de força com o Magalhães, (que eu invariavelmente perdia); as subidas ao topo da Torre; e as fugas ao desastrado contínuo de Mondim de Basto com destino à casa do Marco, onde alguns tragos de cerveja e uma rápida espreitadela às revistas eróticas do pai nos presenteavam com os primeiros arrepios de clandestina vertigem...

O dia prosseguia, então, sob a égide austera do padre Fausto e do padre Freitas, preenchido com as aulas do professor "Larocas", a rigorosa gramática do padre Pires e os inspiradores discursos do fantástico Coelho de Moura.

Poucos anos mais tarde, quando a entrada no nível secundário me permitiu uma maior liberdade de movimentos, tornaram-se frequentes as partidas de matreocos com os meus colegas, no decrépito salão de jogos junto ao Largo da Feira Velha.

Mas, de todos os acontecimentos deste período, foram sobretudo as diletantes

peregrinações aos místicos arvoredos da Senhora da Saúde e do São Bartolomeu que marcaram o meu imaginário de forma mais perene e profunda.

Os santuários e a música, que por esta época se transformara numa espécie de religião, com a formação da minha primeira banda e a realização do meu primeiro concerto no último dia de aulas...

Inconsciente marcha fúnebre de um tempo que acabava!

Os estudos de engenharia foram avançando sem entusiasmo ou brilhantismo, espelhando a mediocridade de um destino óbvio e conformista, em que o fogo dos verdes anos se dispersava em inúteis simulacros de juventude. Sinais dos tempos...

Na aridez asséptica e impessoal dos enormes anfiteatros, as brilhantes deduções matemáticas que traduziam os fenómenos de transferência, as longas dissertações sobre as maravilhosas propriedades dos polímeros, ou os demorados cálculos para melhorar a eficiência dos reactores, suscitavam na minha mente sempre a mesma pergunta: para quê?

E porque a resposta teimava em não surgir, o pesado fardo desse opressivo vazio académico, que se estendia aliás a todas as praxes, festas e demais rituais de sociabilização dos estudantes, passou a ser mitigado em longos passeios pela Baixa portuense, nos quais as visitas aos alfarrabistas e às lojas de discos, os tímidos ensaios de escrita e as longas sessões de leitura no Ceuta, no Estrela de Ouro e no Aviz, os finos e os cachorros quentes no Piolho e na Casa Gazela, bem como as pontuais sessões de cinema no Instituto Francês, faziam parte da rotineira ordem de trabalhos!

Esta peculiar e desordenada vivência urbana encontrava o seu contraponto numa assídua presença nos Carvalhos, onde a ruralidade da paisagem, a familiaridade dos costumes, o convívio com amigos e a criatividade ligada à música iam mantendo à tona uma vida que naufragara na tristeza e no desânimo...

À medida que os estudos de engenharia se transformavam num fardo cada vez mais insuportável, o meu espírito ia encontrando crescente consolo na liberdade criativa da minha perene ligação à música, à poesia, e à fotografia (actividade cujo gosto me tinha sido precocemente transmitido pelo meu pai), até que, uma vez chegado a um ponto de inegável falência pessoal, motivado pela salutar impetuosidade inconsciente da ju-

ventude, decidi empreender o primeiro (e porventura o mais importante) corte Artístico da minha vida, abandonando numa fase avançada o meu curso na FEUP, para iniciar a quixotesca busca por uma imagem indefinível, total e sinestésica, que Artisticamente sintetizasse a minha intuição mais profunda e as minhas percepções mais genuínas, bem como o meu natural interesse por múltiplas áreas de expressão.

O primeiro passo dessa longa busca, que me tem acompanhado até hoje, deu-se com o ingresso no curso de Cine-Vídeo da Escola Superior Artística do Porto.

Correram céleres os anos de transformação passados na acolhedora ESAP, entre as ociosas tardes no balcão de Belmonte e as visitas ao mítico 77 da Alfândega; entre o colesterol dos Irmãos Linos e a culinária ayurvédica do Oriente do Porto; entre o rigor da Cidália Henriques e a cumplicidade do castiço Teixeira; entre os tangos da Margarida e as originais aulas de Realização, que a minha néscia arrogância decidiu desaproveitar...

Terminado o curso, e após uma fugaz experiência numa produtora comercial fundada por colegas, a minha procura por uma imagem cinematográfica poética e autêntica parecia ter voltado à estaca zero, até que, por uma intervenção do Destino que teve como agente o meu bom amigo André Couto, reatei o contacto com Sérgio Fernandes, o intrigante professor de Realização, cuja mensagem ignorara enquanto aluno da ESAP.

O frequente convívio em jantaradas e sessões de estreia foi intensificando a minha estima pelo mestre Sérgio, ao mesmo tempo que me consciencializava para a existência de um grupo multidisciplinar de criadores e amigos, congregado em torno da sua figura tutelar e indelevelmente influenciado pela sua visão Artística.

No ano de 2008, durante uma retrospectiva que decorreu no já extinto Chã das Eiras, tive a primeira visão de conjunto da obra cinematográfica desse grupo: a esteticamente denominada escola do Porto.

Os meus olhos incrédulos não conseguiam descolar do ecrã!

Pois não é que essa imagem cinematográfica pura e subtil, cuja miragem me levou a abandonar os estudos em engenharia, estava a ser criada “às portas de minha

casa”, por um conjunto de realizadores que tinham frequentado a minha Escola e que, indiferentes a qualquer pressão mercantil, colaboravam graciosamente entre si na produção de um cinema “Artístico”, unicamente comprometido com uma necessidade íntima de expressão, forjada na vivência e na valorização de tudo o que nos é próximo e autêntico?!

Esta epifania despertou em mim uma inaudita força de vontade que impulsionou a realização e a colaboração em diversos filmes, dando início a um percurso criativo e académico na área do cinema, marcado pela orientação de Sérgio Fernandes, pelo espírito do Coro Trágico e por uma depuração estética do Quadro Artístico Cinematográfico, a unidade matricial absoluta da escola do porto.

A síntese deste longo trajecto pessoal encontra-se materializada em *Lusitânia*, filme integrante da tese que aqui se apresenta.

#

Elevando-se acima de todos os condicionamentos circunstanciais que determinam a dimensão social do homem; imune aos passageiros logros da fama e do poder; indiferente a qualquer exigência comercial, a todos os dividendos de índole material, à condicional aclamação de uma crítica vampiresca e comprometida; o Artista deverá procurar a sua identidade na sadia vibração de tudo o que lhe é próximo, natural e intrínseco...

A sua estrada é uma discreta vereda interior, uma intransigente procura por Verdade que o reconduz a si próprio.

A sua pátria é a poética nação do mito, essa terra do imorredoiro sonho que nos liga à nossas raízes profundas, aos nossos sentimentos subtis, e à nossas crenças mais audazes e necessárias...

Neste contexto, *Lusitânia* assume-se como o corolário da minha viagem interior; dessa procura por uma pátria poética, em que a minha limitada experiência pessoal se sublima no universal Coro de uma História colectiva e ancestral, na Odisseia íntima e secreta de um Povo ao qual pertença.

Apoiado no eloquente discurso do mito e da poesia, este filme representa, antes de mais, a consagração dessa identidade colectiva, irreductível a qualquer sistema de pacotilha, ideologia de ocasião ou moda passageira, avocando desse modo uma “portugalidade” genuína, que resulta de uma natural ligação a tudo o que me estrutura e rodeia.

Sem necessidade de maiores delongas ou explicações, acrescento que *Lusitânia* é o meu Canto de Amor por esse Povo simples e heróico, cujos cancioneiros plasmam uma sabedoria telúrica que, segundo Pascoaes, constitui a base da nossa filosofia.

Esse mesmo Povo que me viu nascer...

Esse mesmo Povo que me ajudou a crescer...

#

É precisamente esta autenticidade, proporcionada por uma postura criativa que retira inspiração e sustento, da sua ligação afectiva e poética relativamente a tudo o que é próximo, vibrante e dionisíaco, que simultaneamente garante e justifica a total identificação entre o espírito que animou a produção deste filme, e a estética da escola do Porto, numa completa comunhão de práticas, pessoas e valores, que se expressa pela partilha de quatro dimensões fundamentais: 1) assumpção da Saudade enquanto sentimento da religiosidade Lusitana; 2) intransigente defesa da cultura e da língua portuguesas; 3) adopção de uma práxis Artística dionisíaca assente no espírito do Coro Trágico; 4) produção de uma imagem cinematográfica caracterizada pela máxima depuração técnica e narrativa.

E se as duas últimas dimensões citadas encontram tradução mais objectiva ao nível da produção e da realização do filme, o mesmo não poderá ser dito relativamente às duas primeiras, cujo espírito (dada a sua interligação e subtileza) procurarei condensar em algumas licenciosas linhas, que submeto à exegese do caro leitor:

A terra do meu Sonho é iluminada por estrelas de Mirás, archotes de utopia que ofuscam o brilho plastificado de todas as constelações mundanas, de todos os écrans prateados...

A terra do meu Sonho tem musgos e bichos de Valadares, árvores de santuários Gaienses, areias da praia da Aguda, miragens oceânicas do mais puro éter, poetas da mais nobre estirpe...

A terra do meu Sonho é a pátria da minha fé, a Saudade da minha infância, o Porto da minha vida, o altar do meu sacrifício, o reino de belas princesas, o Céu ditoso de trágicos amores...

A terra do meu Sonho floresce nas margens do Homem, embriaga os socacos do Douro, suspira na brisa do Mondego e baila no reflexo do Tâmega...

A terra do meu Sonho alimenta o corpo da minha Arte e canta a Verdade do meu mito, que também é sangue da Lajeosa, e corre dentro de mim...

Em tudo o resto, *Lusitânia* é uma obra que, de forma natural e sem qualquer tipo de intenção programática, se limita a reflectir a profunda conexão estética e existencial, entre o seu realizador e a escola do Porto.

Esta conexão, que ao nível formal se manifesta através da adopção do Quadro (unidade matricial alicerçada na máxima depuração técnica e narrativa, e numa abordagem à realização que explora as relações entre o cinema e as grandes Artes do Silêncio), redundante, por sua vez, numa série de características fílmicas, cujo desenvolvimento e contextualização foram já amplamente discutidos neste trabalho: rodagem métrica; simplicidade das encenações e contenção dos actores; máxima amputação do aparato técnico; rigor do enquadramento e da composição; ausência de montagem, zooms, movimentos de câmara; ou de quaisquer outros artifícios ópticos e narrativos, condicionadores da percepção da imagem.

Para terminar, falta-me apenas acrescentar que todos os cargos técnicos e artísticos do filme *Lusitânia* foram ocupados por Artistas da escola do Porto que, com a sua amizade e talento, abrilhantaram e tornaram possível a sua produção.

Espero que as palavras deste breve texto façam jus à pureza da sua entrega e à sinceridade da minha gratidão...



Divagações estético-filosóficas em torno do Quadro Artístico Cinematográfico

Apêndice III: Divagações estético-filosóficas em torno do Quadro Artístico Cinematográfico

O mundo fenoménico que nos rodeia é percebido e organizado segundo uma lógica de causa-efeito. O corolário desta afirmação reside no facto de toda a actividade e saber temporais humanos, tais como a guerra, a história ou a ciência, estarem interligados por proposições de carácter lógico decorrentes da linguagem humana como sistema ordenador e estabilizador do pensamento e, em última análise, da própria realidade.

A natureza primeva e caótica dos fenómenos em toda a sua dimensão mais íntima pertence ao domínio do incognoscível, pelo que o Homem é impelido a definir-se no tempo através dessa mentira tosca a que chama cultura.

O ponto de aglutinação que marca a fractura entre a intuição do infinito e a efemeridade contingente do esforço humano é a Tragédia.

A Tragédia é, pois, a expressão suprema da condição do ser humano dividido entre o seu desejo de infinito e a mácula fragmentadora e persistente das palavras.

Quando a linguagem se emancipa da utilidade, deixando de servir fins puramente comunicacionais, podemos dizer que adquire uma qualidade poética característica de uma forma de conhecimento a que chamamos Arte.

Deste modo, a linguagem abandona o plano extensivo da existência material como uma ferramenta que se liberta do seu propósito, apontando para uma outra existência, uma outra natureza, que pode apenas ser intuída mas nunca aprisionada. É esta inefabilidade que caracteriza a Arte como uma forma de conhecimento muito particular, uma vez que não procura resolver, mas celebrar o mistério da existência.

Ao Homem Trágico, cuja coragem impele à consciência mais profunda da sua dupla natureza, divina e mortal, dá-se o nome de Artista.

Na sua origem, a Tragédia era o coro e nada mais que o coro.

O coro Trágico é o espaço cósmico onde o Homem se desnuda, assumindo a sua nobreza natural na comunhão com o mistério da vida. Trata-se, pois, de um espaço sonhado para além de toda a contingência cultural, para além de qualquer trivialidade quotidiana, para além de qualquer tagarelice embrutecedora...

O coro Trágico é um espaço onde as fronteiras se anulam no canto uníssono, em que “eu” somos “nós”, o ser humano elevado à sua potência mais elevada, liberto de toda a limitação corpórea, física ou mental.

O coro Trágico é um espaço total que aglutina o próximo e o distante, o passado e o presente, o manifesto e o não - manifesto.

O coro Trágico é o espaço onde o ser humano se cumpre como bailarino do abismo abandonado à inteligência suprema do movimento instintivo.

O coro Trágico é a morada e o instrumento da Arte, um “muro anti-realidade” que, como tal, não existe. Ele é a recordação remota e persistente de uma viagem que duvidamos alguma vez ter realizado. Um corpo espiritual que só se materializa pela fé.

Quando a Arte se esvazia do coro, isto é, quando a Arte se esvazia desse espaço que não existe, ela reduz-se à sua dimensão material, a uma máscara pútrida e disforme, a tudo o que existe, a tudo o que sobra, a um ser incompleto e acidental desprovido de alma.

Quando a Arte se esvazia do coro, ela esvazia-se também do seu corpo espiritual, eterno e incomensurável e passa a ser identificada com um processo comunicacional mediador de relações de poder.

Quando a Arte se esvazia do coro, o aforismo dá lugar à lógica, o verso dá lugar à frase, o quadro dá lugar ao plano.

Quando a Arte se esvazia do coro, o Artista dá lugar ao homem social, mesquinho, frustrado e em busca de constante afirmação, pois o seu palco deixou de ser o Cosmos poderoso e indecifrável, para ser um corredor sombrio perdido algures nos labirintos do poder.

Quando a Arte se esvazia do coro o Homem aliena-se do seu Destino, da sua natureza íntima, da sua centelha divina e criativa.

Quando a Arte se esvazia do coro a Tragédia transforma-se em telenovela, o canto transforma-se em diálogo, a comunhão transforma-se em dialéctica e o amor na expressão irreconhecível e prostituída de um sentimentalismo bacoco.

O homem que resulta deste crime auto-infligido é uma criatura abominável e indigna de piedade, numa fuga cobarde às suas responsabilidades como Ser.

Soterrado pelas preocupações mesquinhas da luta do quotidiano, ele procura em vão um sentido para a sua existência na realidade cultural historicamente situada sem nunca conseguir preencher o vazio de uma vida que se demitiu da sua dimensão Trágica.

As estratégias usadas para dissimular este mal-estar permanente são a hipocrisia e a mentira. É neste cenário que se desenrola o jogo da cultura e da sociedade, numa engrenagem inconsciente e imparável, em que uma mentira necessita de ser suportada por outra numa espiral de loucura a que falsamente se chama progresso.

A falsa arte produzida neste contexto não passa de um produto de consumo datado ao serviço da propaganda de valores, ideologias e comportamentos em conformidade com os interesses da estrutura dos poderes instalados.

Da mesma forma que a falsa arte resulta do esvaziamento do coro Trágico, o Quadro Artístico Cinematográfico afirma-se pelo esvaziamento do ruído cultural.

O Quadro Artístico Cinematográfico é, pois, antes de mais, uma afirmação estética mas, como qualquer afirmação feita com base na escolha consciente da liberdade, manifesta uma duplicidade identificativa, isto é, ao afirmar-se, demarca-se, passando a ser reconhecível, tanto pelo que abraça como pelo que rejeita. E o que ele rejeita é o ruído cultural.

De onde provém então esse ruído, que sendo matéria-prima de toda a arte degenerada, não é mais do que a litania irritante de que o Quadro se procura libertar?

A resposta é simples: de todo o lado!

O Quadro Artístico Cinematográfico não é um melodrama sórdido da telenovela nauseabunda que escreve os nossos dias. Ele não poderá ser encontrado no discurso dos políticos e dos responsáveis institucionais que disseminam uma castradora cultura do medo, que avilta o Homem ao negar-lhe a sua dimensão cósmica.

O Quadro Artístico Cinematográfico não transmite as ordens interesseiras da inteligência vigente, ditadas como sacramentos de um poder arbitrário e despropositado, instigado pelo medo.

Ele não é um produto de consumo destinado a promover o adormecimento colectivo através de um paternalismo inseguro que condiciona o Homem à imbecilidade.

O seu único compromisso é para com a liberdade.

O Quadro Artístico Cinematográfico não é a prosa enfadonha e hipnotizante destinada a contar as histórias que ilustram o melodrama desapaixonado das nossas convenções sociais, históricas e ideológicas.

Ele não é sinónimo de conflito, mas sim de agregação.

Congregando em si mesmo toda a escala de planos, do próximo ao infinito, ele rejeita a fragmentação proposicional do plano e todo o ordenamento e manipulações lógicas condicionantes da percepção e leitura da imagem.

A sua linguagem é a poesia, o seu discurso o silêncio.

O Quadro Artístico Cinematográfico não se encontra comprometido com qualquer sistema político, filosófico ou social, pois assume-se como uma comunhão com o Mistério. A sua música é fluida, a sua substância abstracta. Ele dilui a dialéctica do campo/contra - campo no coro poético de uma imagem total e auto-suficiente, que remete para as grandes Artes do Silêncio que são a Pintura e a Fotografia.

O Quadro Artístico Cinematográfico não se afirma pela técnica, mas pelo conteúdo, abolindo a manipulação egotista dos Zooms, movimentos de câmara e truques de montagem, recuperando a magia do Teatro como Arte Trágica e instigando ao voo da imaginação e subjectividade. Como não é um produto de mercado, não se sujeita ao escrutínio ignorante do gosto conformista, nem procura o facilitismo inebriante e alienante do mundo do espectáculo.

Ele é uma ferramenta mística que não procura o reconhecimento público, pois os seus fins dirigem-se a uma esfera mais elevada da existência. Como tal, o seu mérito não se encontra dependente de interesses económicos, das flutuações entediadas da moda, nem da aceitação por parte de qualquer status-quo, mas sim da sua capaci-

dade de partilhar um vislumbre do infinito numa ascese secreta e fortificante que se furta ao julgamento e classificação.

No Quadro Artístico Cinematográfico, o tempo recupera o seu papel mágico, pois não se encontra subordinado à manipulação fragmentadora ditada pela dimensão comunicacional do plano. Como não se encontra condicionado pela transmissão de informação ou sensações fisiológicas, o tempo do Quadro é um tempo sentido e comungado que resgata o espectador do poço caótico e alienante da montagem do cinema comercial.

No Quadro Artístico Cinematográfico, os actores e a acção têm tempo para respirar pois assumem um papel de improdutividade plena e não de rodas de uma engrenagem mecânica.

Cada Quadro é um verso, cada verso um poema.

Mas atenção! Desengane-se quem pensa que o Quadro Artístico Cinematográfico é um veículo de fuga e apaziguamento. Pelo contrário, ele transporta consigo o fardo infinito da liberdade.

Por isso, não vos iludais com as falsas promessas de uma paz podre fundada na hipocrisia, pois o Artista transporta no coração o desassossego e na mão a espada.

Os seus olhos luzidios enfrentam o caos circundante com a abnegação e coragem de um Herói em batalha. Em nada encontrando repouso, mas sem nunca perder a concentração. O seu ânimo é infatigável, pois intermináveis são as provações da sua luta contra as falsas promessas em que tentam aprisioná-lo. A sua força reside na solidez das suas convicções, a sua armadura na determinação da sua acção. O seu campo de batalha é um coração tornado Cosmos, a sua viagem é interior, a sua alegria a contenda, o seu escudo o silêncio.

A morada do Artista é o território do Mito onde a realidade se revela diáfana como um sonho e inexorável como a morte.

Entreguemo-nos, então, ao sortilégio do Mistério com a digna humildade de quem busca a plenitude. De cada engano retiraremos sabedoria, a cada companheiro daremos alento e compreensão.

Aceitemos, então, com coragem o desafio eterno a que chamamos presente esta prova dura e incontrolável que os nossos olhos dobram.

Aqui, não há fuga possível!

Aqui, todo o solo é movediço e todo o caminhante é dependente da fé.

Aqui, toda a estabilidade é ilusão e toda a certeza é um embuste.

Só aqui, neste promontório elevado acima de qualquer logro passageiro, renasceremos vibrantes como filhos de Dionysos.

A hora chegou!

Derrocadas espontâneas de monumentos antigos expõem a nu a fragilidade das suas fundações no êxtase demencial de um Mundo virado ao avesso.

Velhos prazeres que relembram dores, refúgios abandonados que revelam prisões, o olhar perplexo perante a estranheza dos caminhos familiares.

Rejubilemos, agora, na contemplação instável do abismo. Nossos braços transformados em asas desafiam temerários o voo picado na sedução do chamamento eterno.

Por tudo isto, não vos iludais com as falsas promessas de uma paz podre fundada na hipocrisia, pois o Artista transporta no coração o desassossego e na mão a espada...



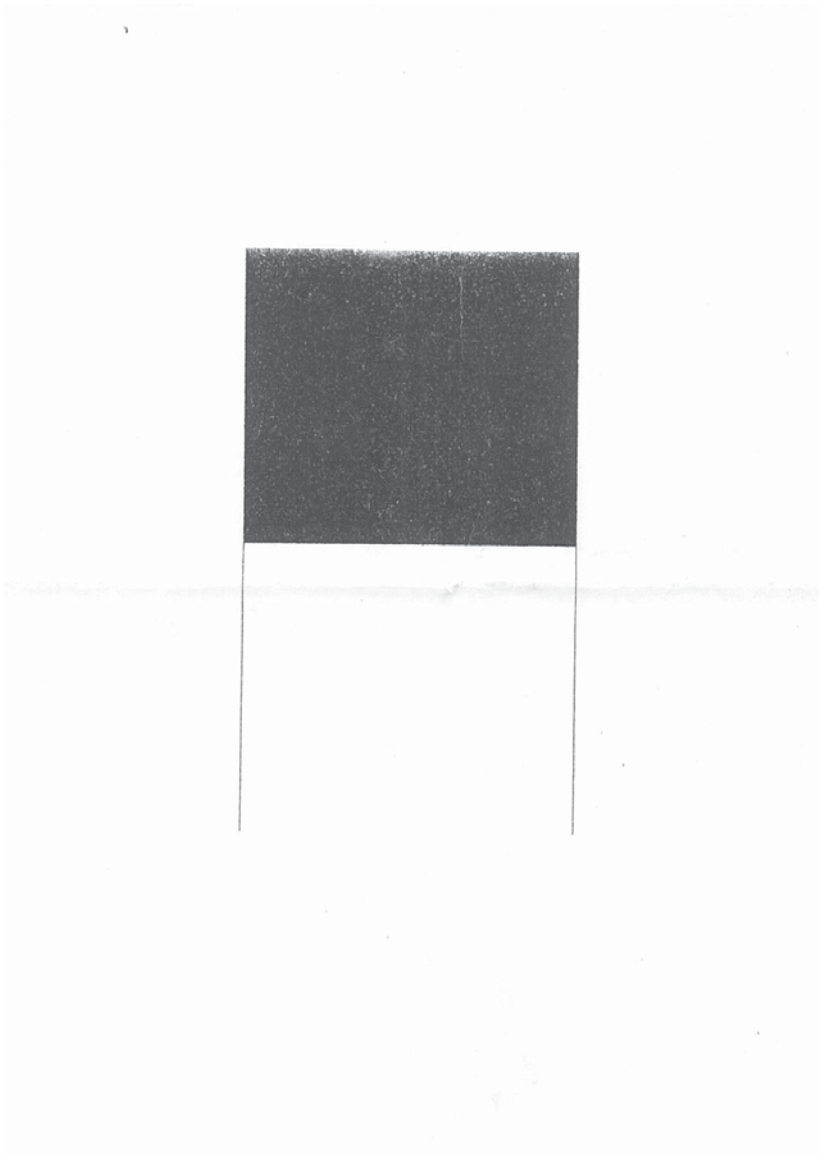
ARQUIVO

Arquivo Documental da escola do Porto

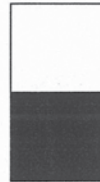
- Organizado a partir dos filmes colectivos produzidos no âmbito da disciplina de Realização, leccionada por Sérgio Fernandes
- Catalogado por ordem alfabética



Um Filme em 8 + 8 quadros



Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto, apresentam o filme



1º filme da Segunda Trilogia Cinematográfica da Escola do Porto, rodado em 1995 em 35mm cor, é constituído por 8+8 Quadros Cinematográficos em 8 Cenas:

- 1ª Cena
Realizador - João Paulo Campos
- 2ª Cena
Realizador - Miguel Ortigão
- 3ª Cena
Realizador - Sofia Schiappa
- 4ª Cena
Realizador - Sérgio Fernandes
- 5ª Cena
Realizador - Carla Pinto
- 6ª Cena
Realizador - El Pássaro
- 7ª Cena
Realizador - Carlos Moráis
- 8ª Cena
Realizador - Luís Miguel Sousa

O Corte Artístico Cinematográfico é, neste filme com 8 Cenas, encenado em 8+8 Quadros. Como em **A Cidade da Virgem**, o Quadro Artístico Cinematográfico, aqui duplo, é integralmente realizado. A Linguagem Teatral é naturalmente introduzida no Quadro Artístico Cinematográfico.

A Docência em diversas áreas constitui a principal actividade de cerca de metade dos Realizadores que criaram este filme.



**Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto
apresentam :**

∞ Olhos uma alma

**Um filme com 11 magníficos quadros
cinematográficos, rodados no jardim
da Cordoaria numa sexta-feira 13, ao
cair do pano e em comunhão com Garrett...**

**Estreia no café Piolho no Porto,
à Cordoaria Dia 11 às 23 horas**

Porto—Avenida do Jardim da Cordoaria

Os realizadores da Escola Superior Artística do Porto apresentam

No jardim da Cordoaria do Porto

“∞ Olhos uma alma”

Um filme com 11 magníficos quadros artísticos cinematográficos, rodados no jardim da Cordoaria numa sexta feira 13, ao cair do pano e em comunhão com Garrett

Ficha Técnica

Actor

Jardim da Cordoaria

Realizadores

Ana Carrasco
André Leonhartsberger
Jorge Azevedo
Vitor Torpedo

Produção

Sério Fernandes

Montagem

Jorge Azevedo

Som

Vitor Torpedo

Genéricos

Ana Carrasco

Cartaz

André Leonhartsberger

Programa da Sessão dos Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

sexta-feira, dia 19 de Fevereiro pelas 23 horas, Café Cinecitta, Praça Santiago - Guimarães

I Parte

Filme - ∞ olhos uma alma

Um filme com onze magníficos quadros artísticos cinematográficos, rodados no jardim da Cordoaria, numa sexta-feira 13, ao cair do pano e em comunhão com Garrett...

Estreado no Café Piolho, no Porto à Cordoaria no passado dia 11 de Dezembro de 1998

Ficha Técnica

Actor - Jardim da Cordoaria, Realizadores - Ana Carrasco, André Leonhartsberger, Jorge Azevedo, Vitor Torpedo, Produção - Sério Fernandes, Montagem - Jorge Azevedo, Som - Vitor Torpedo Genérico - Ana Carrasco, Cartaz - André Leonhartsberger, Banda Sonora - excertos de: no genérico - "Poemes:12ec Hotel", nos três primeiros quadros - "Boy About 10", nos quatro últimos quadros - "Dead Horse Allve with Elles" de Harold Budd, nos quatro quadros intermédios - "Waste" (Ballet version) de Einsturzeinde Neubauten

II Parte

Filme - O Grito da Pedra

Um filme rodado em Guimarães em duas cenas, com quatro magníficos quadros artísticos cinematográficos,

Ante-estreia sexta-feira, dia 19 de Fevereiro pelas 23 horas, no Café Cinecitta, Praça Santiago - Guimarães

Ficha Técnica

Actores - Jorge Azevedo, Ana Carrasco, Hugo Costa, Luis Machado Realizadores - Jorge Azevedo, Ana Carrasco, Hugo Costa, Luis Machado, Vitor Torpedo, Produção - Vitor Torpedo, Montagem - Ana Carrasco, Assistente de Montagem - Jorge Azevedo, Sonorização - Vitor Torpedo, Genérico - André Leonhartsberger, José Pedro Cartaz - Luis Machado, Banda Sonora - Digital Hardcore

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto, apresentam o filme

A CIDADE DA VIRGEM

3º filme da Trilogia Cinematográfica da Escola do Porto, rodado em 1994 em 35mm cor, é constituído por 10 quadros cinematográficos:

- 1º Quadro - **Karma**
Realizador - André Rocha
- 2º Quadro - **Senhora do Ó - Espectação de Nossa Senhora**
Realizador - Brígida Velhote
- 3º Quadro - **Telma**
Realizador - António Lima
- 4º Quadro - **Poesia Instante**
Realizador - Paulo Calhau
- 5º Quadro - **Porto**
Realizador - Manuel Salselas
- 6º Quadro - **Bruxa**
Realizador - Luís Costa
- 7º Quadro - **Memento Homo, Quia Pulvis es et in Pulverem Reverteris**
Realizador - Bruno Miguel
- 8º Quadro - **Aurum**
Realizador - Pedro Pena
- 9º Quadro - **O Passeio das Deusas**
Realizador - António Fernandes
- 10º Quadro - **As Escadas da Rainha**
Realizador - Sérgio Fernandes

Em **A Cidade da Virgem**, último filme da Primeira Trilogia, o Quadro Artístico Cinematográfico, matriz estética da Escola do Porto, é integralmente realizado. Em **Viva o Porto** e em **As Lágrimas de Eros**, caminha-se já naturalmente para esta síntese artística.

Os Realizadores, que dedicam este filme à Cidade do Porto, onde foi rodado, trabalham em diferentes áreas profissionais, como o Cinema, a Televisão e a Docência em Audiovisuais.

QUINTA-FEIRA, 1 SETEMBRO 1994

ARTES

31

FESTIVAL DA FIGUEIRA DA FOZ ARRANCA HOJE COM «TANGO-TANGO», DE FRANS BURYENS

Finalmente um júri



O cineasta Jonas Mekas e a actriz Zoe Lund são algumas das personalidades que irão passar pela Festival. A escolha dos melhores filmes do certame, que se prolongará até dia 11, estará a cargo, pela primeira vez, de figuras da Sétima Arte

RODRIGO AFFREIXO

A ACTRIZ e argumentista Zoe Lund, conhecida pela sua colaboração com o realizador Abel Ferrara, é a presidente do júri do XXIII Festival Internacional de Cinema, a decorrer na Figueira da Foz de hoje até dia 11. É a primeira vez que este certame convida figuras públicas para integrarem o júri, já que, até agora, sempre tinha prescindido de o fazer, optando pelo gosto dos participantes e da Imprensa.

Zoe Lund está integrada num grupo marginal criado em torno da figura emblemática de Abel Ferrara, desde o início da sua carreira, onde pontuam igualmente nomes como os do argumentista Nicholas St. John ou dos produtores Mary Kane e Edward R. Pressman. Este núcleo tem circulado pelas diversas companhias de produção também criadas em torno de Ferrara, que se sucederam umas às outras, como a Navarone Films - que produziu o seu primeiro filme, *Driller Killer* (1979), em que Ferrara interveio também como actor, sob o pseudónimo Jimmy Laine -, ou a Vestron Pictures.

Curiosamente, Zoe Lund tem



► «OBJECTO DE SEDUÇÃO», dos EUA, passará em antestreia. Jonas Mekas será distinguido pelo Festival

também alterado o seu nome ao longo deste percurso. Se Lund é o apelido do seu actual marido, Robert Lund, em *Mx. 45*, também explorado com o título *Angel of Vengeance* (*Vingança duma Mulher*, de 1981), de que era a protagonista, e que hoje surge na obra de Ferrara como o grande antecessor de *The Bad Lieutenant* (*O Policia sem Lei*, de 1992), ela era referenciada como Zoe Tamerlaine.

A actriz vem também à Figueira para apresentar um pequeno ciclo dedicado a Abel Ferrara, que deverá incluir alguns filmes como *Fear City* (*Nova Iorque, Duas Horas da Manhã*, de 1985), *China Girl* (1987), *King of New York* (*O Rei de Nova Iorque*, de 1990) ou *Snake Eyes* (1993).

Uma característica desta edição do Festival é, aliás, aquilo que o seu director, José Vieira Marques, define como um «paralelo e constatação», ou seja, a «afirmação do poder feminino» na jovem geração de actrices norte-americanas, que se revelam multifacetadas e desde cedo decidem experimentar o trabalho por detrás das câmaras.

Assim, ao longo destes dias será possível ver na Figueira *A Perfect Woman*, a terceira curta-metragem

de Illeana Douglas, que era nem mais nem menos do que Lori Davis, a executiva barbaramente violada de *Cape Fear* (*O Cabo do Medo*, de 1991), de Scorsese. Noutro filme a exhibir, *When Most I Wink*, a assistente de produção Barbara Rose Michaels faz a sua estreia como realizadora, tendo reunido em seu torno, anonimamente, a colaboração de grandes nomes da técnica de Hollywood.

Por curiosidade, registre-se igualmente a estreia internacional do interessantíssimo filme francês *Les Bois Transparents*, de Pierre Sulliac, protagonizado por Maria de Medeiros, que, como se sabe, também tem dividido a sua carreira entre a interpretação e a realização.

O certame é oficialmente aberto esta noite, com a exibição de *Tango-Tango*, filme belga de Frans Buryens. Apresentado como uma «comédia musical negra», sem palavras, interpretada por deficientes profundos, suscita a maior curiosidade.

Em destaque nesta edição estão também os programas monográficos dedicados a Jonas Mekas, espécie de guru do cinema independente norte-americano, Samy Pavel, produções (portuguesas e estran-

geiras) rodadas na região da Figueira da Foz e filmes realizados pelo fotógrafo Raymond Depardon. Neste primeiro fim-de-semana decorrem as Jornadas Luso-Brasileiras, sendo o sábado consagrado aos filmes nacionais: exibição de obras concluídas desde Setembro de 1993, colóquio sobre o Cinema Português dos Anos 90 e estreia absoluta de *A Cidade da Virgem*, a última produção colectiva da Belomonte Arte Filmes, centro criativo ligado ao curso de cinema da Escola Superior Artística do Porto. No domingo, é a vez do Cinema do Nordeste Brasileiro, com a colaboração do projecto *Cumplicidades*, sendo apresentados, além de diversos filmes, um programa de vídeos e um colóquio com a participação de diversos realizadores.

Em termos de antestreias, o Festival anuncia, para a próxima sexta-feira, às 22 horas, no Casino 2, *A Caminho do Oeste* (*Into the West*), de Mike Newell; no dia 9, no mesmo local e hora, *Objecto de Sedução* (*Object of Beauty*), de Michael Lindsay-Hogg; e, por fim, a encerrar o certame, no dia 10, após a sessão de entrega de prémios, *O Cliente* (*Client*) de Joel Schumacher.

CINEMA
Festival de Veneza privilegia este ano os novos talentos

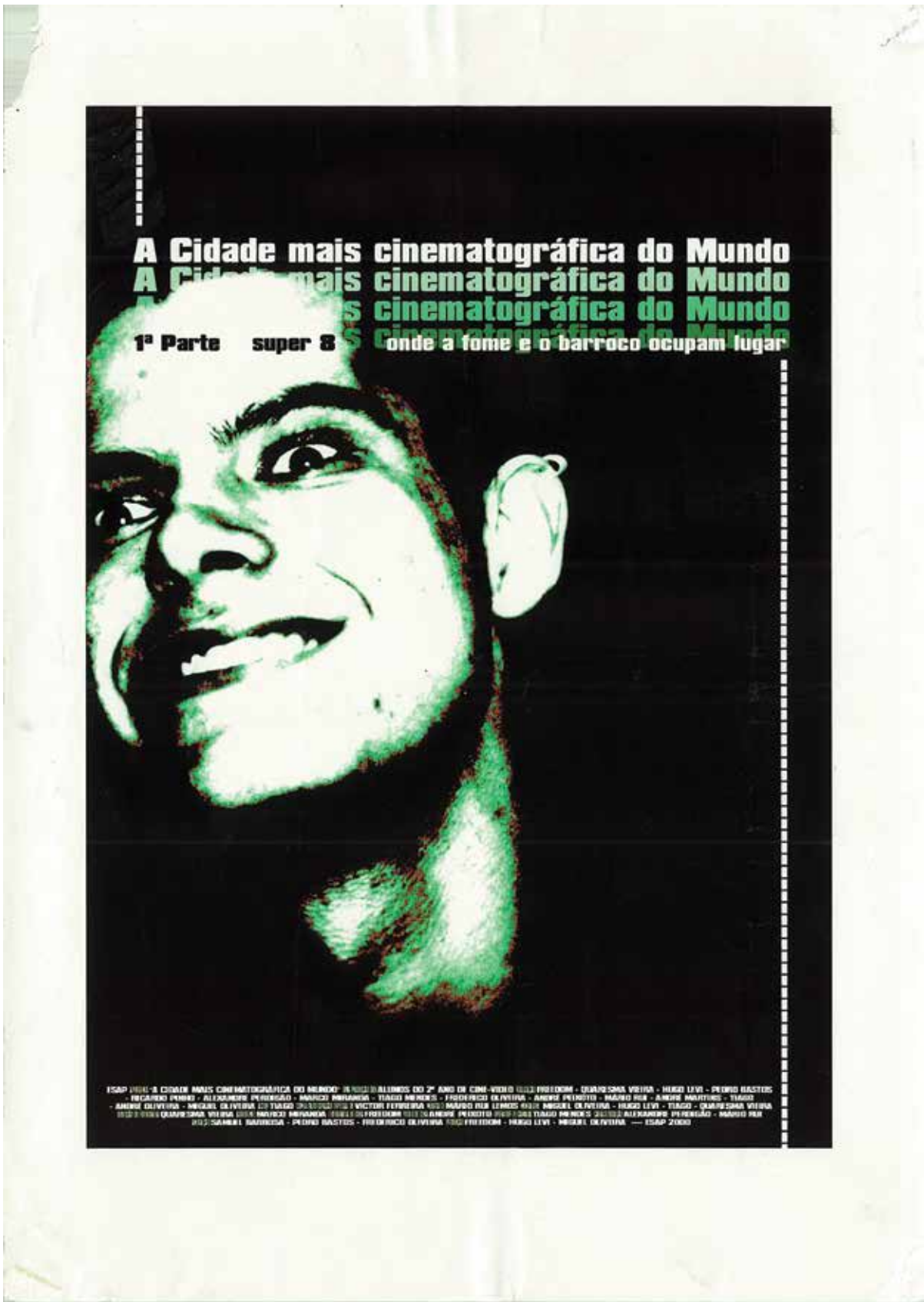
PÁGINA 32



CONCERTO
Urban Species convocam inesperada multidão em cerimónia «hip hop»

PÁGINA 33





A Cidade mais Cinematográfica do Mundo

Já em Velasquez, o precursor do Modernismo, se espelha a tonalidade da cidade do granito. O granito, com a luz a bater nas paredes, dá um brilho próprio e uma vida própria á cidade.

Filmar o Porto é abrir os olhos para este casario, do Barredo a Miragaia. Filmar o Porto é estar acordado para um exercício de cores e tonalidades que têm vida *per si*. É só ligar a câmara e filmar sem o realizador ser interveniente. Filmar o Porto é sentir o pulular dos monumentos prontos a serem filmados.

O preto/branco dá com o devido posicionamento do sol, sombras e uma gama de cinzas que podem ser explorados.

Uma parte de nós pertence a esta cidade, como esta cidade nos pertence...

Filmar só com o objectivo de seguir o sol na sua rota, e, pintar de luz as imagens em movimento.

Pedro Pena, Setembro 2001

A CIDADE MAIS CINEMATOGRAFICA DO MUNDO

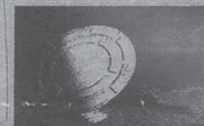
dos alunos da Escola Superior Artística do Porto

Portugal, 2002 / 90 min

Filme colectivo realizado por alunos do Curso de Cinema e e Vídeo da Escola Superior Artística do Porto, A CIDADE MAIS CINEMATOGRAFICA DO MUNDO é uma deambulação pelas paisagens do Porto e pela sua memória cinematográfica. Um filme em três partes rodado em três formatos distintos (Super 8, 16 e 35mm) que deve tanto a uma preocupação documental quanto ao cinema experimental.

Sala Luís de Pina

Sex. [6] 19.30



**cinemateca
portuguesa**
MUSEU DO CINEMA

Rua Barata Salgueiro, 39 • 1269-059 Lisboa, Portugal

Tel.: 21 359 62 00 Fax: 21 352 31 80

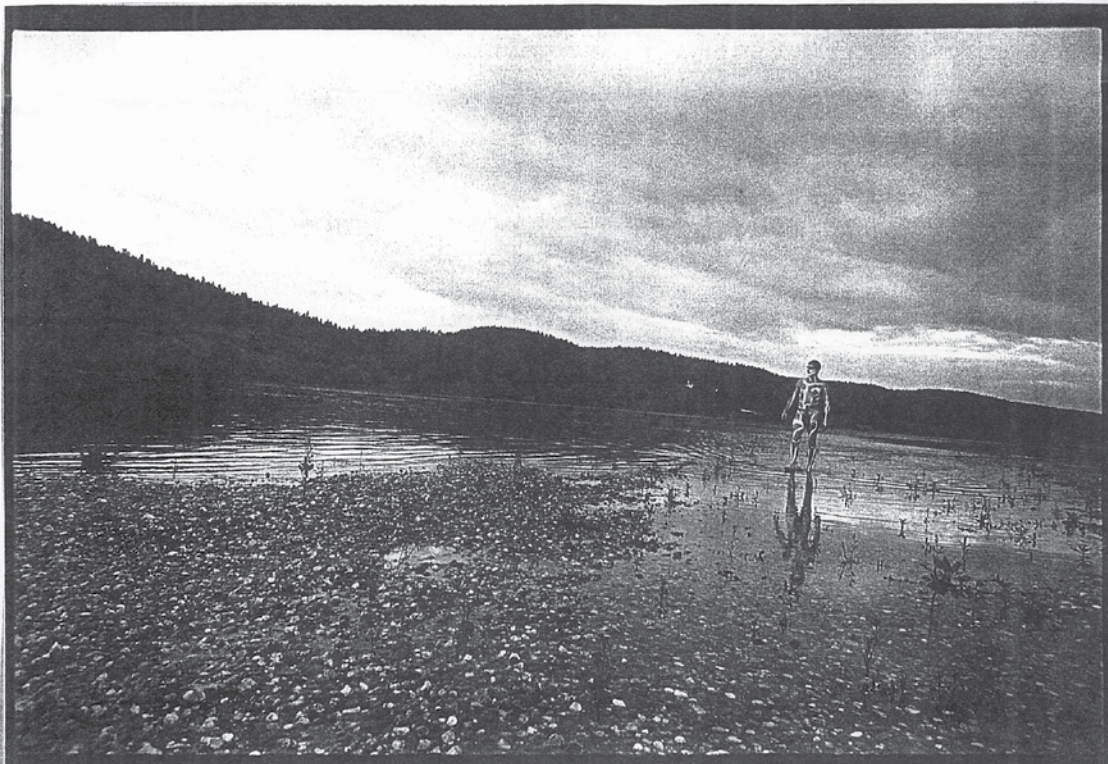
cinemateca@cinemateca.pt

www.cinemateca.pt

Exposição de Fotografia de Cena do Filme "**A Fénix Lusíada**",
*um Filme Camoniano rodado em uma Cena, na Praia do Ribatejo, com
Três Magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos*". A exposição, da
autoria de **Celestino Monteiro**, terá lugar no "**Portas Largas**", à Rua
da Atalaia, nº 105, ao Bairro Alto, em Lisboa, de 03 a 10 de Julho, no
horário de funcionamento normal do bar.

"**A Fénix Lusíada**" é um filme dos **Realizadores da Escola
Superior Artística do Porto**, a estrear brevemente.

Na noite de 03 de Julho, será feita no "**Portas Largas**", uma
performance pelos **Aneurisma**.



Fotografia de Cena de CELESTINO MONTEIRO

■ **ESTADO CHILENO CONDECORA PAULO BRANCO** - O produtor de cinema português Paulo Branco recebe hoje na embaixada do Chile em Lisboa a condecoração «Gabriela Mistral», a mais alta distinção cultural ortogada pelo Estado chileno.

Esta condecoração - é atribuída como reconhecimento, entre outros méritos, pela colaboração de Paulo Branco com o realizador de cinema chileno Raúl Ruiz - vai ser entregue pelo vice-ministro da Educação do Chile, Jaime Pérez de Arce.

Apesar de viver em França desde 1974, o realizador Raúl Ruiz filmou grande parte das suas películas produzidas por Paulo Branco em Portugal, nomeadamente «A Ilha do Tesouro» e «A Vila dos Piratas».

Paulo Branco também produziu outros filmes de Jaime Pérez de Arce, designadamente «Três vidas e uma morte», com Marcello Mastroianni, «Genealogia de um crime», com Catherine Deneuve e Michele Piccoli, «O território», «As três coroas do marinheiro» e «Ponto de fuga».

Além da colaboração com Jaime Pérez de Arce, Paulo Branco também é condecorado pelo Estado chileno por ter trabalhado em conjunto com artistas chilenos, nomeadamente o músico José Arriaga e o director de montagem Rodolfo Wedeles.

■ **REALIZADORES DA ESAP MOSTRAM TRABALHO**

Os realizadores da Escola Superior Artística do Porto (ESAP) apresentam hoje em estreia «A Féni Lusitana», um filme «camoniano», rodado em uma cena na praia do Ribatejo, com três magníficos quadros artísticos cinematográficos.

A estreia terá lugar, pelas 22 horas, no estúdio da ESAP (Rua da Reboleira), à Ribeira. Também no cenário pitoresco do Porto, mais concretamente no bar «Está-se Bem» (Rua Fonte Taurina-70), é hoje inaugurada uma exposição de fotografia de cena da trilogia cinematográfica «Rumo ao Mar», da autoria de Celestino Monteiro. A mostra pode ser apreciada até 31 deste mês.

Por fim, os mesmos realizadores promovem também hoje, pelas 23.30 horas e no mesmo bar, «deambulações sobre as fotografias de cena», a cargo dos Aneurisima.

Retrospectiva de Saul e Elaine Bass no Festival de Curtas-Metragens

Uma imagem vale mais do que mil

Quando Saul Bass foi convocado por Otto Preminger para compor a abertura de «Carmen Jones», os críticos abriram a boca de espanto: então os genéricos dos filmes não serviam apenas para fazer rolar os créditos técnicos e artísticos? Era quase uma heresia. Corria então o ano de 1954 e, daí até ao seu falecimento, em 1996, Bass, em regime de co-autoria com a sua esposa, Elaine Makatura, revolucionou o negligenciado universo das sequências iniciais, introduzindo-lhe uma ousada componente gráfica. É esse trabalho, bem como as contribuições do casal para o formato curta-metragem, que o festival de Vila do Conde apresenta em destaque, hoje e amanhã.

O mérito de Saul Bass esteve essencialmente no modo como ele roubou os genéricos ao jugo do filme-referência, tornando-os autónomos e desenvolvendo-os mesmo à condição de obras de arte. Além disso, a revolução Bass passou ainda para o papel, sob a forma de cartazes com figuras de delicado recorte geométrico que aplicaríamos ao cinema, pela primeira vez, a noção de design. E consumou-se na autoria de cenas-chave de grandes filmes, sempre que se impunha bombardar o espectador com símbolos e ícones que, por si só, sem a muleta das palavras, decifravam o enredo da narrativa.

Preminger foi um dos que mais cedo se apercebeu do génio do mago. Mas também Hitchcock e Kubrick lhe fíam a dever algo que não é pouco, muito longo disso. A somar aos genéricos de «O Homem do Braço Dourado» (Preminger), «Vertigo», «Intriga Internacional» e «Psycho» (Hitchcock) ou «West Side Story» (Wise), para só nomearmos alguns dos mais expressivos, assinou as cenas de corridas de automóveis em «Grand Prix» (Frankenheimer), a batalha final de «Spartacus» (Kubrick) e, embora se lhe conteste esta, a antológica sequência do chuveiro de «Psycho», fonte de



Saul e Elaine Bass, um casal que mudou o cinema

inspiração para qualquer estudante das artes do «suspense».

Um dos últimos realizados norte-americanos cujo caminho foi atravessado pela avalanche Bass parte de dois de Martin Scorsese: «Tudo Bons Rapazes», «O Cabo do Medo», «A Idade da Inocência» e, finalmente, «Casino», têm o dedo do mestre. Hoje, à distância, Scorsese recorda, em texto publicado nos franceses «Cahiers de Cinema», que os genéricos de Bass eram, por si só, um pretexto para ir ao cinema, um apelo à «Scrima Arte» - a propósito da abertura de «O Homem do Braço Dourado», escreve: «Havia o génio poderoso de Saul, um conjunto de traços que convergiam em ângulos estranhos e agressivos e que acabavam por formar um braço. Os genéricos dele apresentavam um filme da mesma maneira que uma abertura apresenta uma ópera».

Uma imagem pode definitivamente valer mais do que mil, sobretudo quando, no caso de Bass, ela corre em ritmo de estafeta e plena harmonia com a música. De Bernstein, no

caso de Preminger, ou de Herrmann, o compositor de Hitchcock. No cartaz de «The Shining» (Kubrick), reproduzindo um grande plano de Scatman Crothers/Jack Nicholson enquanto ele tem a visão dum assassino, o preto do vermelho na figura retalhada do cartaz de «Anatomia de um Crime» (Preminger) ou a rapariga estilo Modigliani que ilustra outro cartaz, agora de «Bonjour Tristesse» (Preminger uma vez mais), Bass antecipa ambientes sem abrir o jogo. A não ser que este se chame apetite.

Apesar de tudo, a obra do casal, estética e estilisticamente depurada, vale também pelas suas curtas-metragens. Duas delas foram galardoadas pela Academia, «Why Man Creates» e «Notes on Popular Art». De resto, Saul e Elaine mantiveram com a ficção científica os seus encontros imediatos do terceiro grau. «The Solar Film», «Quest» e «Phase IV», esta incluída no programa do festival a título extraordinário - visto tratar-se de uma longa-metragem -, são películas a seguir atentamente.

Uma promessa chamada Inês

Da programação de quarta-feira merece especial referência a primeira sessão da competição nacional. E aí brilhou a estreia de Inês de Medeiros atrás da câmara. «Senhor Jerónimo», assim se chama o seu primeiro trabalho, é brilhante no modo como encena a falsa morte de Jerónimo José Vianna, um idoso internado num hospital geriátrico.

A planície alentejana, que no filme anterior, «A Testemunha», de Fátima Ribeiro, funcionava como ponto de partida, é em «Senhor Jerónimo» explorada em sentido inverso.

Embora o trabalho de José Raposo, na pele do genro de Jerónimo, faça por vezes lembrar as «sicômicos em que nos acostumámos a vê-lo, as reacções da família - echora, chora que ao menos assim lavas a cara», dirá Isabel de Castro, a quase viúva alegre, à sua netinha - são no mínimo deliciosas.

Os diálogos são bons e a farsa apanha desprevidos os políticos, caso se lembrem das barafundas na atualização dos cadernos eleitorais. Esperto foi o Jerónimo, que em tempo útil soube trocar de cama com o morto...

Os outros filmes, tirando «A Testemunha», adaptação do conto de Manuel da Fonseca novamente servido por uma brilhante Isabel de Castro, padecem dos habituais males do cinema português, onde em vez da sugestão qualquer episódio é definido, apregoado, não vá o público ficar às escuras. As escuras não ficamos, tantas são as gargalhadas que acompanham tão absurdas histórias. E se quanto a Jeanne Waltz, canadiana há muito radicada entre nós, não se percebe o porquê da sua inclusão no último Festival de Berlim, já «Num Pescar de Olhos» é absolutamente inenarrável, talvez um filme de culto dentro de anos.

O realizador, José Gouveia, queixou-se da falta de subsídios. Mas como é que se explica aquela cena final, quando os noivos partem para a lua-de-mel e a motorista que retoca a maquiagem ao retrovisor é nem mais nem menos do que Miss Scripps, cantora de cabaré e amante secreta do nubente?

Miguel Reis Miranda

ACADEMIA DE BAILADO FERNANDA CANOSSA

GRUPO EXPERIMENTAL DE BAILADO DO PORTO

Teatro Municipal RIVOLI
11 Julho • 18 horas

ESPECTÁCULO DE ENCERRAMENTO DO ANO LECTIVO 1997/1998

- 1.ª Parte
 1. Recital de Poesia (Fernanda Canossa)
 2. Ballet Moderno - «Reflexos» (Coreografia: Sandra Esteves)
- 2.ª Parte
 - «Quadro Mágico» (Coreografia: Fernanda Canossa)
- 3.ª Parte
 - «O Diabo do Rapaz» (Coreografia: Fernanda Canossa com a colaboração de Alexander Verontzov)

Apoio de O Comércio do Porto

Igreja da Lapa

Música Sacra

Dia 12 de Julho - Missa das 12.00 h.

☐ Canto Gregoriano: *Missa VIII - De Angelis Jubilate*

Coro de Canto Gregoriano da Lapa
Órgão: Paulo Alvim

O Coro de Canto Gregoriano da Igreja da Lapa aceita, ainda, elementos com conhecimentos musicais

Informações e Inscrições: Igreja da Lapa - Largo da Lapa, 4050 PORTO
• Telefone: 2001369 • Fax: 2085680

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto
Apresentam

“Abismo”

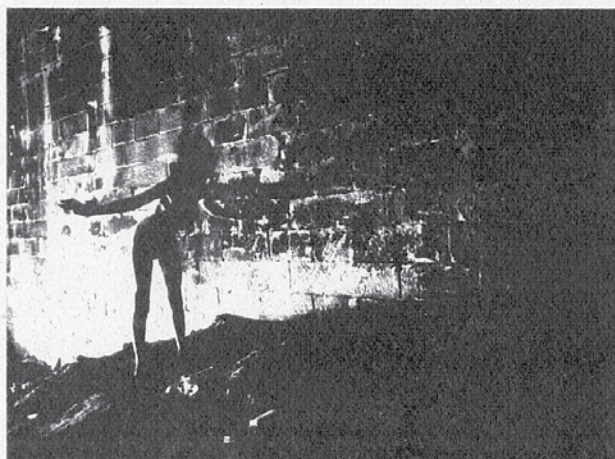
Um filme rodado em uma Cena, no Lodo do Túnel da Alfândega do Porto, com
nove Magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos.

Estreia em Matiné no Novo Auditório Cinematográfico do Grupo musical de
Miragaia (Rua Arménia nº18. 1º Porto) Dia 6 de Abril às 18 horas.

Ficha Técnica do Filme

Realizadores

Alexandre Martins
Ana Tinoco
Francisco de Bragança
João Amorim
João Trindade
Luís Miranda
Ricardo Leite
Sónia Amen
Sónia Costa



Produção

Sério Fernandes

Actores

Ana Tinoco e Túnel da Alfândega

Assistentes de Cena Francisco de Bragança e João Trindade

Operador de Câmara Ricardo Leite

Assistente Luís Miranda

Montagem Francisco de Bragança e António Barbosa

Genérico e Ficha Técnica Ricardo Leite

Anotação Luís Miranda

Fotografia de Cena Mariana Figueroa e Celestino Monteiro

Cartaz João Trindade

Mariana Figueroa e Celestino Monteiro expõem Fotografia de Cena do
Filme “Abismo”.

ESAP CINEMA E VÍDEO 2001

Filme:

"ABISMO"

"Um filme rodado em uma cena, no lodo do túnel
da Alfândega do Porto, com nove
Magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos."

"Sinopsis"

"Aos poucos, a desolação do cenário começa a emba-
lar-me o espírito, o frio torna-se deliciosamente fresco,
a bruma estendida ao infinito, arrebatá-me, para serenas
consciências, e o abismo, antes turbido, torna-se mais
confortante que nunca, azumbre-me com a sua brisa como
que queira seduzir-me."

Assim como na "Alegoria do abismo" do Filipe Martins, os
realizadores da E.S.A.P., mergulham no casco da última peste
da Europa, para moldar "ABISMO", o último filme da trilogia
descendente rodados na cidade mais cinematográfica do Mundo.

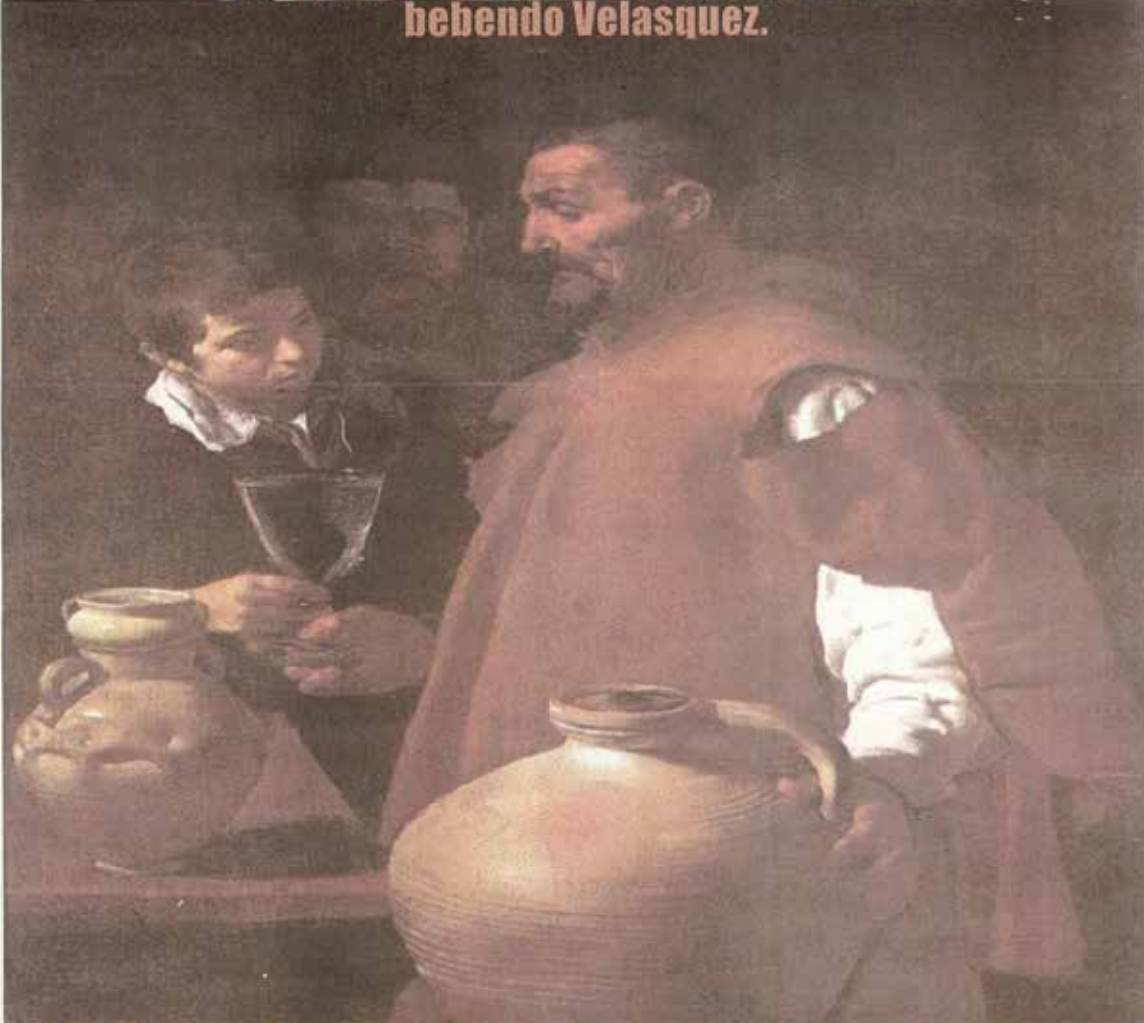
Rodagem em Março de 2001.

Anteestreia prevista para 06 de Abril de 2001.

Os realizadores da Escola Superior Artística do Porto
apresentam

Absinto de Outono

Um filme com 8 magníficos quadros artísticos cinematográficos,
rodado métricamente no Parque de S. Roque no Porto,
nas primeiras chuvas de Outono de 99,
bebendo Velasquez.



Ante-estreia em matiné dia 12/11 às 18H00 no edifício Artes
em Partes, sala Ascensor, Rua Miguel Bombarda, nº257 - Porto

**Os Realizadores da Escola Superior Artística do
Porto**

Apresentam

**Absinto de
Outono**

Um filme em uma cena, com oito Magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos, rodado
metricamente, no parque de S. Roque no Porto, nas primeiras chuvas do Outono de 99,
bebendo Velasquez

Ante-estreia em Matiné, pelas 18 horas, Sexta-feira, 12 de Novembro de 1999,

no Edifício Artes em Partes, **Sala**

Ascensor, Rua Miguel Bombarda, 457, Porto

Ficha Técnica do Filme

Realizadores

Cristiano, Fernando M. Vieira, Jaime Rafael Lucas, Kadyja M'Baló, Nuno Pedro, Paulo A.
Resende, Pedro Proença Henriques, Pedro Rocha Nogueira, Pedro Sousa

Produção

Sério Fernandes

Actor

Parque de S. Roque

Montagem de Imagem e Som

Augusto Lado, Fernando M. Vieira, Marco Ribeiro, Sónia Sucena Garcia

Cartaz

Fernando M. Vieira

ESAP 99

Fim

Será servido um Absinto de Honra, num cocktail especialmente confeccionado para esta ante-
estreia. pelo realizador da Escola do Porto. Luís Costa

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto apresentam

Αγαμέμνων

Um filme trágico rodado em duas cenas, com nove mais sete magníficos quadros artísticos cinematográficos fixos e em movimento nos épicos socalcos do Douro.



Estreia no Cine-Invicta film, instalado no largo do Outeirinho (sobre o Douro), à ribeira do Porto. Dia 6 de Julho de 2001 às 22h.

Mariana Figueroa e Celestino Monteiro expõem fotografia de cena do filme. Exposição de cartazes e fotografias de cena da produção 2000/2001, com Festa e leitura de poesia a encerrar a sessão.

Porto 2001

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto
Apresentam

“Agamémnon”

Um Filme Trágico rodado em duas cenas, com 9+7 Magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos fixos e em movimento, nos Épicos Socalcos do Douro.

Estreia no Cine Invicta Film, instalado no Largo do Outeirinho (sobre o Douro), à Ribeira do Porto. **Dia 06 de Julho de 2001 às 22 horas.**

FICHA TÉCNICA DO FILME

Realizadores

Alexandre Martins, Ana Tinoco, António Barbosa, Cristina Tasqueira, Francisco de Bragança, Filipe Martins, João Amorim, João Trindade, Luís Miranda, Rafael Lopes, Ricardo Leite, Sónia Amen e Sónia Costa

Produção Sério Fernandes

Actores João Amorim e o Rio Douro

Assistentes de Cena

Cristina Tasqueira, João Trindade e Mariana Figueroa

Operadores de Câmara

Ricardo Leite

Alexandre Martins, António Barbosa, Cristina Tasqueira, Filipe Martins, Francisco de Bragança, Luís Miranda, Rafael Lopes e Sónia Amen

Montagem Ricardo Leite e Francisco de Bragança

Genérico e Ficha Técnica Ricardo Leite

Anotação Luís Miranda

Fotografia de Cena

Mariana Figueroa, Celestino Monteiro e Célia Gomes

Cartaz Ricardo Leite

Mariana Figueroa e Celestino Monteiro expõem Fotografia de Cena do Filme “Agamémnon”.

Exposição de Cartazes e Fotografias de Cena da Produção 2000/2001 com Festa e leitura de Poesia a encerrar a Sessão.

ESAP.CINEMA E VÍDEO 2001

OS REALIZADORES DA ESCOLA SUPERIOR ARTÍSTICA DO PORTO

APRESENTAM

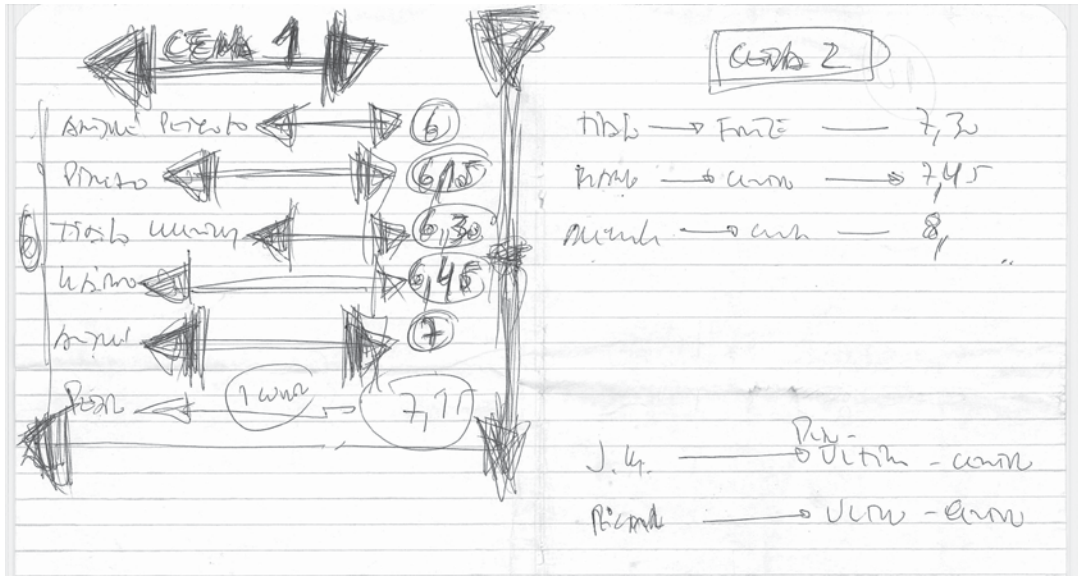
aldeia da LUZ

um filme rodado metricamente em três cenas com onze magníficos quadros artísticos cinematográficos, nas lágrimas da saudade.

3 de Maio de 2002

Realizadores:


Alexandre Perdigão; André Filipe Martins; André Gonçalves
Martins; André Peixoto; José Manuel; Marco A. Miranda;
Mário Rui Lemos; Pedro Nuno Bastos; Ricardo Pinho;
Ricardo Quaresma; Samuel G. Barbosa; Tiago Afonso; Tiago Mendes



25/01 '02 10:25 351 66 743397

FUNDAÇÃO ALENTEJO

001


FUNDAÇÃO ALENTEJO
 Sede: Av. Dinis Miranda, 116
 7000-751 ÉVORA - (P)
 Contrib. N.º: 502 978 481
 Telefone: 266 75 91 00
 Fax: 266 74 33 97
 De: *Prof. Paulo Santos*

Ref. 11 / EV.
 Data: 25/ Jan / 2001

geral@fundacao-alentejo.pt
 www.fundacao-alentejo.pt
 www.epral.pt

Para: *Prof. Sérgio Fernandes*
 Fax N.º 223392139
 Assunto: *filme na aldeia da Luz*

N.º de Páginas
1 + 0

Mensagem:
 Caro Sérgio
 Segue a morada e fax da junta
 para enviar a oficialização do pedido:
 Sr. Presidente da junta de freguesia da Luz
 Francisco Oliveira
 R. Dr. Sá Carneiro, 7
 7240-100 Luz Mourão
 Fax: 266569202 Tel. 266569222
 A Luz pertence a Mourão - Alto Alentejo - Évora
 A Póvoa de S. Ildefonso pertence a Moura -
 Baixo Alentejo, distrito de Beja
 Um grande abraço *[Signature]*

OS REALIZADORES
DA
ESCOLA SUPERIOR ARTÍSTICA DO PORTO
APRESENTAM


ANGÚSTIA

ESTREIA EM MATINÉ

UM FILME
RODADO
METRICAMENTE EM
UMA CENA NO NEGRO
PORÃO DE BELOMONTE
COM SETE MAGNÍFICOS
QUADROS ARTÍSTICOS
CINEMATOGRAFÍCOS

NO NOVO
AUDITÓRIO CINEMATOGRAFÍCO
DO GRUPO MUSICAL DE MIRAGAIA
DIA 6 DE ABRIL ÀS 18 HORAS

Rua Arménia 18. 1 PORTO



Filme:

"ANGUSTIA"

"Um filme rodado metricamente em uma cena,
no negro porão de Belomonte com sete Magníficos
Quadros Artísticos Cinematográficos"

"Sinopsis"

"Tortura do pensar! Triste lamento!
Quem nos dera calar a tua voz!
Quem nos dera cà dentro, muito a sós,
Estrangular a hidra num momento!

E não sequer pensar!... E o pensamento
Sempre a morder-nos bem, dentro de nós...
Q'rer apagar no céu -Ó sonho atroz!-
O brilho duma estrela, como o vento!...

E não se apaga, não...nada se apaga!
Vem sempre rastejando como a vaga...
Vem sempre perguntando: "O que te resta?..."

Ah! não ser mais que o vago, o infinito!
Ser pedaço de gelo, ser granito,
Ser rugido de tigre na floresta!"

Entre a procura universal de Florbela Espanca, e vivência
negra do solar dos Pachecos Pereira, os realizadores da E.S.A.P.,
fundem à luz da chama o negro da escravatura.

Rodagem em Janeiro de 2001.

Anteestreia e estreia no Orfeão do Porto,

dia 02 de Fevereiro de 2001.

**OS REALIZADORES DA ESCOLA
SUPERIOR ARTISTICA DO PORTO
APRESENTAM**

ARCA D'AGUA

**UM FILME RODADO METRICAMENTE EM UMA CENA COM 9
MAGNÍFICOS QUADROS ARTÍSTICOS CINEMATOGRAFICOS,
EM DUELO COM A LUZ**

**ANTE-ESTREIA: 21 DE DEZ. DE 2001
COZINHA DO QUARTEL BOM PASTOR 17H**

**REALIZADORES: ALEXANDRE PERDIGÃO, ANDRÉ MARTINS, ANDRÉ GONÇALVES
ANDRÉ PEIXOTO, FRED OLIVEIRA, JOSÉ MANUEL, MARCO MIRANDA, MÁRIO RUI
PEDRO BASTOS, QUARESMA VIEIRA, RICARDO PINHO, SAMUEL BARBOSA,
TIAGO AFONSO, TIAGO MENDES. PRODUÇÃO: SÉRIO FERNANDES.
AGRADECIMENTOS: QUARTEL BOM PASTOR - ARCA D'AGUA**

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

Apresentam

Cine invicta filme, instalado na cantina do

Quartel do Bom Pastor

(espaço da AICART, à Arca d'Água)

A 21 de Dezembro 2001

Em matiné às 17 horas

Prólogo

O coro Trágico da Escola do Porto canta Antero de Quental

Exposição de Fotografia

Marta Terra

I Parte

Ante-estreia do filme

Arca d'Água

Um filme rodado metricamente em uma cena com nove magníficos quadros cinematográficos, em duelo com a luz.

II Parte

Lugar

De André Gonçalves Martins

Karkov

De Marco Miranda

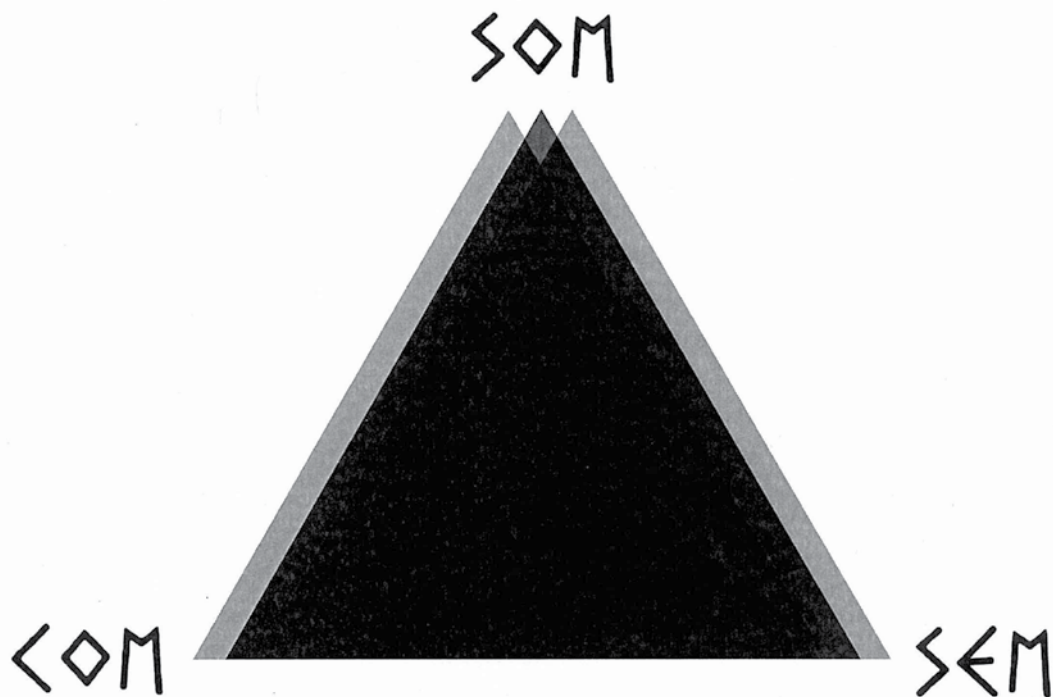
Capital Europeia Da cultura

De quaresma Vieira

Agradecimento

IASFA

OS REALIZADORES DA ESCOLA SUPERIOR ARTÍSTICA DO PORTO
APRESENTAM



AS RAIZES DO VAZIO

UM FILME RODADO METRICAMENTE EM 39 MAGNÍFICOS
QUADROS ARTÍSTICOS CINEMATOGRAFICOS NA
BELÍSSIMA QUINTA DA CONCEIÇÃO

**OS REALIZADORES DA ESCOLA SUPERIOR ARTISTICA DO PORTO
APRESENTAM**

SOM

**AS
RAIZES
DO
VANTO**

COM

UM FILME

SEM

**COM 39 MAGNIFICOS QUADROS ARTISTICOS
CINEMATOGRAFICOS**

RODADO NA BELISSIMA QUINTA DA CONCEICAO

**ESTREIA A 12 DE JUNHO PELAS 16H
NA SALA DE ACTOS - ESAP S.DOMINGOS**

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto, apresentam o filme

AS LÁGRIMAS DE EROS

2º filme da Primeira Trilogia Cinematográfica da Escola do Porto, rodado em 1993 em 35 mm cor, com cópia a preto branco, é constituído por cinco quadros cinematográficos dedicados à cidade do Porto e ao seu Erotismo.

1º Quadro

Realizador - Jaime Ribeiro

2º Quadro

Realizador - Nelson Alexandre

3º Quadro

Realizador - Paulo Santos

4º Quadro

Realizador - Miguel Oliveira

5º Quadro

Realizador - Sérgio Fernandes

O cineclubismo, a realização de filmes e a docência em audiovisuais constituem as principais actividades dos Realizadores de **As Lágrimas de Eros**.

Em **As Lágrimas de Eros**, a cidade do Porto, mantém-se como plateau artístico, na continuidade de **Viva o Porto**, transportando para os fotogramas de 35 mm, Quadros de uma cidade cinematográfica por excelência.

F I L M O G R A F I A

3 ao cubo, Casamento, Aforismos, ESAP: Cine-vídeo, Os anos da minha avó, Cenas da vida em família, Em busca da unidade

Birds in a Cage, O gesto e a altura, O de Litost, Génesis

Who Killed, A última gravação, Marchantes e Assaltantes

O Pudor, 3 discursos sobre o Cine Clube do Porto, O Jacto de Sangue

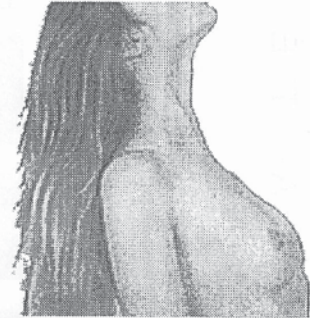
Chico Fininho, Odisseus, Coéforas, Entrada de Cristo no Porto em 1989

Copyright (c) 1993 Cidade do Porto

P O R T O

A S L Á G R I M A S D E E R O S

Um filme em cinco quadros
 dedicado à querida cidade do Porto,
 e ao seu erotismo,
 uma das capitais pioneiras
 do mundo do cinema



22º FESTIVAL
 INTERNACIONAL DE CINEMA
 DA FIGUEIRA DA FOZ
 SETEMBRO / 1993

ANTE-ESTREIA

realizado por
 Jaime Ribeiro
 Nelson Alexandre
 Paulo Santos
 Miguel Oliveira
 Sério Fernandes

F I L M O G R A F I A

3 ao cubo, Casamento, Aforismos, ESAP: Cine-vídeo, Os anos da minha avó, Cenas da vida em família, Em busca da unidade

Birds in a Cage, O gesto e a altura, O de Litost, Génesis

Who Killed, A última gravação, Marchantes e Assaltantes

O Pudor, 3 discursos sobre o Cine Clube do Porto, O Jacto de Sangue

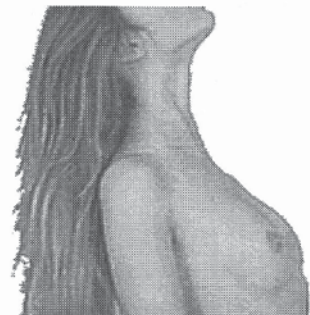
Chico Fininho, Odisseus, Coéforas, Entrada de Cristo no Porto em 1989

Copyright (c) 1993 Cidade do Porto

P O R T O

A S L Á G R I M A S D E E R O S

Um filme em cinco quadros
 dedicado à querida cidade do Porto,
 e ao seu erotismo,
 uma das capitais pioneiras
 do mundo do cinema



CINEMATECA PORTUGUESA

realizado por
 Jaime Ribeiro
 Nelson Alexandre
 Paulo Santos
 Miguel Oliveira
 Sério Fernandes

Os Realizadores da Escola do Porto

apresentam
no ANFITEATRO
da FACULDADE DE BELAS ARTES DO PORTO
em 15/02/96 pelas 17 horas

em estreia

ASFIXIA... ESTAMOS SALVOS

Um filme vermelho em 2 cenas com encadeamento dos quadros cinematográficos.

(ante-estreia em 31/01/96 no Palácio de Belomonte durante o seminário "Rencontre avec Andre Delvaux")

na 1ª PARTE

Porto Épico em 10 Cantos

um filme azul em 10 cenas com 59 quadros cinematográficos
(estreado em 06/12/95 no Ballet Teatro Auditório)

Bainharia 33

um filme amarelo em 7+7 cenas com 42 quadros cinematográficos
(estreado no Auditório da Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo em 14/12/95)

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA DE CENA DE CELESTINO MONTEIRO

de 12 a 15 de Fevereiro de 1996

Anfiteatro da Faculdade de Belas Artes do Porto
Av. Rodrigues de Freitas, nº 265 - Porto

Os Realizadores da Escola do Porto rodaram "ASFIXIA... ESTAMOS SALVOS" em duas cenas. A do Largo do Dragão, à Sé, no Porto, nome do cão figurante do filme, e a do Portal do Inferno, à Serra da Freita entre Arouca e São Pedro do Sul. Os quadros cinematográficos resultantes das duas cenas foram na montagem encadeados, dando assim corpo ao filme que teve o título provisório de "Inferno".

os Realizadores

JOAQUIM ALBINO
DIOGO ANDRADE
LUIS CORDEIRO
VASCO COSTA
VASCO JOSUE
LUIS LEITE
JOÃO NUNO MARTINS
ORLANDO MATEUS
CLÁUDIA MODERNO
FERNANDO MOURÃO
JOÃO PEDRO THEMUDO
DINA DO VALE
JORGE VENTURA
SÉRIO FERNANDES

Actores

CARLA CARREIRA
CLAUDIA MODERNO
DINA DO VALE
JOÃO PEDRO THEMUDO
(da Escola de Cinema do Porto)

JOTA
HUGO
LONGA
AUGUSTO
(do grupo X da Escola Soares dos Reis)

Mulheres e Crianças do Largo do Dragão
Sé, Porto

Caracterização

MARTA SILVA

Montagem

VASCO JOSUE
JOÃO PEDRO THEMUDO

Fotógrafo de cena

CELESTINO MONTEIRO

Produção

JORGE VENTURA
JOAQUIM ALBINO
JOÃO NUNO MARTINS

Som

BANDA SONORA AO VIVO

os realizadores da escola superior artistica do porto
apresentam

Atrás das asas

um filme Circolando em rodagem métrica com 8
magníficos quadros artísticos cinematográficos

realizado por: Eduardo de Sousa, Ivo Reis, Joana Gaio, João Lisboa, João Paulo
Carneiro, Jorge Almeida, Marcelino Sabença, Márcio Laranjeira, Sara Nogueira,
Sérgio Brás d'Almeida/ produção: Sérgio Fernandes

Arquivo Documental da Escola Superior Artística do Porto

**os realizadores da escola superior artística do porto
apresentam:**

Estúdio da reboleira, da ESAP
rua da reboleira (à Ribeira) Porto

6 de Fevereiro de 2004
em matiné pelas 18h

1ª PARTE

“Jardim das Virtudes”

um filme rodado metricamente com quatro magníficos quadros artísticos
cinematográficos em degraus de água

e

“Vertigem de Dança”

um filme rodado metricamente com quatro magníficos quadros artísticos
cinematográficos em pés de salsa

2ª PARTE

ante-estreia do filme

“Atrás das Asas”

um filme *circolando* em rodagem métrica com oito magníficos quadros
artísticos cinematográficos

Os **Realizadores do Curso de Cinema e Vídeo da Escola Superior Artística do Porto**, apresentam em estreia o filme **"Aurora - Um Filme Lusitano, rodado no Mondego em duas Cenas, com Magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos.** A sessão terá lugar na sala do **T.E.U.C.** na Associação Académica da Universidade de Coimbra, Sexta-feira, 20 de Março de 1998, pelas 23h00. Na primeira parte será exibido o filme **"PLOP"**, dos **Realizadores do Curso de Arte Cinematográfica do Cineclube do Porto.**

Continua patente até ao dia 21 de Março, no **"Califa Bar"**, à Rua da Matemática, nº 4, em Coimbra, uma exposição de Fotografias de Cena do Filme **"Aurora"**, da autoria de **Celestino Monteiro.**



CELESTINO MONTEIRO - 98

Fotografia de Cena de CELESTINO MONTEIRO

○ Cineclube do Porto
Clube Português de Cinematografia
Museu de Arte Cinematográfica do Porto
Rua do Rosário, 5-1º, 4050 Porto, Tel./Fax: 02. 2000972

Apresenta na sua sede, à Rua do Rosário, em estreia na Cidade do Porto,
em 27 de Março de 1998, pelas 23h, os filmes:

AURORA

Um filme Lusitano, rodado no Mondego em duas cenas com dois magníficos
Quadros Artísticos Cinematográficos, pelos Realizadores do Curso de Cinema e
Vídeo da Escola Superior Artística do Porto.

PLOP

Um Filme Produzido e Realizado, sob o signo do Oriente, pelos Realizadores
do Curso de Arte Cinematográfica do Cineclube do Porto.

AURORA e PLOP foram estreados na passada Sexta-feira, dia 20 de Março de
1998, na Sala do TEUC - Teatro Experimental da Universidade de Coimbra.

De 23 a 31 de Março, estará patente na sede do Cineclube do Porto, uma exposição
de Fotografia de Cena do Filme AURORA, da autoria de Celestino Monteiro.

*Depois de a Deusa ter descrito os sete céus de Ptolomeu e a
superfície da Terra, os nautas, reembarcando, chegam à Pá-
tria. Camões despede-se da musa e dirige-se, para concluir,
ao rei D. Sebastião.*

145

Não mais, Musa, não mais, que a lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
De ãa austera, apagada e vil tristeza.

**Os Realizadores da
Escola de Cinema e Video do Porto
apresentam**

BAINHARIA 33

**UM FILME AMARELO
EM 7+7 CENAS
COM 42 QUADROS CINEMATOGRAFICOS**

1ª Parte

PORTO ÉPICO EM 10 CANTOS

**UM FILME AZUL
EM 10 CENAS
COM 59 QUADROS CINEMATOGRAFICOS**
estreado no ballet teatro auditório em 8 de dezembro de 1995

**14 de Dezembro de 1995
21h45m**

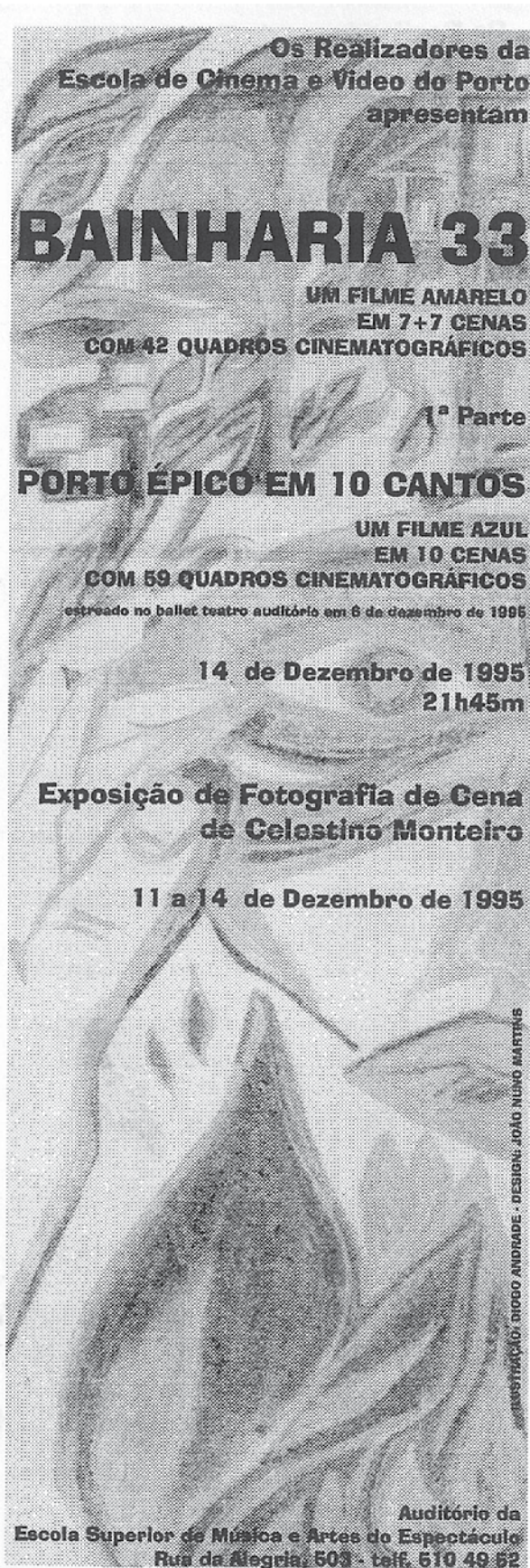
EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA DE CENA DE CELESTINO MONTEIRO

11 a 14 de Dezembro de 1995

**Auditório da
Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo
Rua da Alegria, 503 - telf. 510 49 52**



EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA DE CENA DE CELESTINO MONTEIRO



Os Realizadores da
Escola de Cinema e Vídeo do Porto
apresentam

BAINHARIA 33

UM FILME AMARELO
EM 7+7 CENAS
COM 42 QUADROS CINEMATOGRAFICOS

1ª Parte

PORTO EPICO EM 10 CANTOS

UM FILME AZUL
EM 10 CENAS
COM 59 QUADROS CINEMATOGRAFICOS

estreado no ballet teatro auditório em 6 de dezembro de 1995

14 de Dezembro de 1995
21h45m

Exposição de Fotografia de Gena
de Celastina Monteiro

11 a 14 de Dezembro de 1995

REGISTRAÇÃO: DIOGO ANDRADE - DESIGN: JOÃO NUNO MARTINS

Auditório da
Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo
Rua da Alegria, 503 - telf. 510 49 52

Os Realizadores da Escola do Porto rodaram "Bainharia 33" em 7 cenas de campo, num dia, e 7 cenas de contracampo, num outro dia. Esta gramática artística cinematográfica resultou, na montagem, num filme com 42 quadros cinematográficos. Rodado à chuva, "Bainharia 33" teve o título provisório de "Porto Barroco".

os realizadores

Carla Carreira
Cláudia Moderno
Dina do Vale
Fernando Mourão
Hugo Lopes
João Nuno Martins
João Pedro Temudo
Joaquim Albino
Jorge Ventura
Orilando Mateus
Sério Fernandes
Vasco Josué

montagem

Vasco Costa
Vasco Josué

genérico

Fernando Mourão

produção

Joaquim Albino
Jorge Ventura

som

banda sonora ao vivo

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto
Apresentam

BELOMONTE

Um filme rodado metricamente em uma cena com dez
magníficos quadros artísticos cinematográficos,
num lavar de olhos.



ANTE-ESTREIA: 19 de Julho de 2002
no Auditório do Fórum da Maia

Realização:

Alexandre Perdigão, André Filipe Martins, André Gonçalves Martins, André Peixoto
Fred Oliveira, José Manuel, Marco A. Miranda, Mário Rui Lemos, Pedro Nuno Bastos
Ricardo Pinho, Samuel G. Barbosa, Tiago Afonso, Tiago Mendes

Produção:

Sério Fernandes

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

Apresentam

B E L O M O N T E

**Um filme rodado metricamente em uma cena com dez magníficos
quadros artísticos cinematográficos, num lavar de olhos.**

Ficha Técnica

Realização e Fotografia

Alexandre Perdigão
André Filipe Martins
André Gonçalves Martins
André Peixoto
Fred Oliveira
José Manuel
Marco A. Miranda
Mário Rui Lemos
Pedro Nuno Bastos
Ricardo Pinho
Samuel G. Barbosa
Tiago Afonso
Tiago Mendes

Produção

Sério Fernandes

Actores

André Gonçalves Martins
Cesar
Joana Rocha
Jorge Quintela
Marco Miranda
Ophelia Marçal
Rita Pinto
Tiago Afonso
Varanda do Palácio de Belomonte

Montagem

Fred Oliveira

Generico e Ficha Técnica

André Filipe Martins

Anotação

Pedro Nuno Bastos

Cartaz

Marco Miranda

E.S.A.P. 2002

Os realizadores da Escola Superior Artística do Porto apresentam,

Cântico Negro

um filme em 12 cenas com
12 magníficos quadros artísticos
cinematográficos,
rodado numa madrugada de
Outono, na Baixa do Porto,
gritando
saudades.

ante-estreia em
matinal 17 Dez
18.30 h

Clube Fenianos Portuenses, R. Clube Fenianos, 24

48 ESPECTÁCULOS

JORNAL DE NOTÍCIAS sexta-feira, 17 de dezembro de 1990

Antestreia de filmes de realizadores da ESAP

"A Fome de Camões" e "Cântico Negro" exibidos hoje no auditório do Clube Fenianos Portuenses

Os realizadores da Escola Superior Artística do Porto (ESAP) apresentam hoje em antestreia, às 18.30 horas, no auditório do Clube Fenianos Portuenses, os filmes "A Fome de Camões" e "Cântico Negro".

"A Fome de Camões — Infância lusitana de homenagem à fome" é uma realização colectiva do 1º ano do Curso Superior de Cinema e Vídeo da ESAP.

"Cântico Negro" é um filme em 12 cenas, com 12 magníficos quadros artísticos cinematográficos, rodado numa madrugada de Outono, na Baixa do Porto, gritando saudades.

Com produção de Sérgio Fernandes e Sónia Albuquerque tem realização de Augusto Lado, Cristiano (também actor), Fernando M. Vieira, Jaime R. Lucas, Kaddyja m. Baló, Marco Ribeiro, Nuno Pedro, Paulo A. Resende, Pedro P. Henriques, Pedro R. Nogueira, Pedro Sousa e Sónia S. Gomes.

Antes e depois da projecção, na Avenida dos Aliados, realizam-se, respectivamente, uma performance teatral pelo coro trágico da Escola do Porto, seguindo dionisicamente o grito da saudade e uma pintura da fome na mesa do Tinto d'Honra.

Academia francesa recebe Polanski

Cineasta francês de origem polaca é o membro mais recente

Roman Polanski

O cineasta francês de origem polaca Roman Polanski tomou-se membro da Academia francesa de Belas Artes, ocupando o lugar de Marcel Carné, falecido em 1996, numa sessão solene no prestigioso Instituto de França, em Paris.

O actor Peter Ustinov recebeu o seu amigo de longa data com um discurso de boas-vindas em que ironicamente referiu: "Como mudaram as coisas: eis um homem de origem polaca a pedir a um homem de origem russa que o receba no Instituto de França".

No seu primeiro discurso como membro da Academia, o realizador de "Por Favor não me morda o Pescoço" e de "Chinatown", entre outros, prestou homenagem a Carné, cuja obra desobediuiu aos 13 anos, em Casablanca.

Celebridades como Catherine Deneuve, Fanny Ardant ou Marisa Berenson assistiram ao acto, incluindo para dar os parabéns a Polanski e elogiar o seu trabalho.

Deneuve, por exemplo, declarou que o realizador "é um ser juvenil que trará à Academia a sua inteligência, o seu humor tão particular e o seu espírito irónico".

Polanski, de 66 anos, foi eleito para este lugar em Março de 1990 mas, quando soube que poderia ocupar um dos prestigiosos lugares do Instituto de França, julgou tratar-se de uma brincadeira, segundo a imprensa.

Integram a Academia de Belas Artes três outros cineastas: Claude Autant-Lara, de 86 anos, Pierre Colindouffer, de 71, e Gérard Oury, de 80.

Cinemas **MEDEIA FILMES**

TODOS OS FILMES QUE VOCÊ QUER VER

NOS MELHORES CINEMAS NO CENTRO DO PORTO

4 SALAS • 4 FILMES

O MELHOR SOM • O MÁXIMO CONFORTO

e estacionamento gratuito depois das 20H00

MEDEIA cinemas

CIDADE DO PORTO

ESTREIA HOJE

ANA E O REI

com JODIE FOSTER

OS DIAS DO FIM

com ARNOLD SCHWARZENEGGER e GABRIEL Byrne

CONTINUAM

O MUNDO NÃO CHEGA - 007 com PIERCE BRENSAN

TARZAN

Versão Facada em Português e Versão Original Legendada

MONUMENTAL CIRCUS COLISEU

HOJE ESTREIA 21H30

Os realizadores da Escola Superior Artística do Porto
Apresentam,

Cântico Negro

Um filme em 12 cenas, com 12 magníficos quadros artísticos cinematográficos, rodado, numa madrugada de Outono, na Baixa do Porto, gritando saudade.

Ante-estreia em matinee, dia 17 de Dezembro, pelas 18.30h no Anfiteatro do Clube Fenianos Portuenses na Rua Clube Fenianos Portuenses, 29, Porto.

Ficha Técnica do Filme

Realizadores

Augusto Lado, Cristiano, Fernando M. Vieira, Jaime Rafael Lucas, Khaddyja M' Baló, Marco Ribeiro, Nuno Pedro, Paulo A. Resende, Pedro Proença Henriques, Pedro Rocha Nogueira, Pedro Sousa, Sónia Sucena Gomes

Produção

Sério Fernandes
Sónia Albuquerque

Actor

Cristiano

Montagem de Imagem e Som

Augusto Lado, Jaime Rafael Lucas, Nuno Pedro, Khaddyja M' Baló

Cartaz

Cristiano, Pedro Rocha Nogueira

Agradecimentos

Cineclube do Porto
Polícia de Segurança Pública do Porto

ESAP 99

Fim

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto
Apresentam

CHULA DE BARQUEIROS

Um filme rodado metricamente
em 3 cenas com magníficos
quadros artísticos

*Ante-estreia em matiné
na CASA DAS ARTES,
no Porto*

*Sexta-feira
23 de Maio 2003
18:00h*

cinematográficos,
onde o rio é uma
serpente que grita
dionisiacamente
a Chula Rabela
do
Douro.

Realização

Diana Oliveira, Hugo Levi e Ricardo Rodrigues

Produção

Sério Fernandes

Actores

Rio Douro, Barqueiros e
Grupo Folclórico da Casa do Povo de Barqueiros

ESAP 2003

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

Apresentam

CHULA DE BARQUEIROS

Um filme rodado metricamente em três cenas com nove
magníficos quadros artísticos cinematográficos
fixos e em movimento,
onde o rio é uma serpente que grita dionisiacamente
a Chula Rabeia do Douro.

Ficha Técnica

Realização, Câmara, Direcção de Fotografia e Montagem

Diana Oliveira
Hugo Levi
Ricardo Rodrigues

com um magnífico quadro artístico cinematográfico realizado por Tiago Afonso

Produção

Sério Fernandes
Cristiano Pereira

Assistente

Marta Jardim

Actores

Rio Douro
Barqueiros
Grupo Folclórico da Casa do Povo de Barqueiros

Música

Flauta de Sérgio Silva

Som

Hugo Levi
Ricardo Rodrigues

Efeitos Especiais

Manuel Almeida

Anotação

Diana Oliveira

Cartaz

Diana Oliveira

Fotografia de Cena

Jorge Quintela
Salomé Arieira

Agradecimentos

Luís da Costa Oliveira, Director do Grupo Folclórico da Casa do Povo de Barqueiros
Quinta da Vista Alegre

ESAP 2003



Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto
Apresentam

Corpo de Morte

Um filme em duas cenas rodado na Alfândega
velha do Porto e na necrópole de S. Salvador
do Monte, Amarante à Aboboreira, com nove
magníficos quadros artísticos cinematográficos.

**Estréia sexta-feira, dia 30 de Abril
pelas 22 horas, no Cine-clubes do Porto**

Exposição de fotografia de cena de Celestino Monteiro de 23 de Abril a 7 de Maio

Programa da Sessão dos Realizadores da Escola Superior Artística do Porto
Cine-clubes do Porto dia 30 de Abril de 1999 às 22h

I Parte

Filme - ∞ olhos uma alma

Um filme com onze magníficos quadros artísticos cinematográficos, rodados no jardim da Cordoaria, numa sexta-feira 13, ao cair do pano e em comunhão com Garrett...

Ficha Técnica

Actor - Jardim da Cordoaria, Realizadores - Ana Carrasco, André Leonhartsberger, Jorge Azevedo, Vitor Torpedo, Produção - Sério Fernandes, Montagem - Jorge Azevedo, Som - Vitor Torpedo, Genérico - Ana Carrasco, Cartaz - André Leonhartsberger, Banda Sonora - excertos de: no genérico - "Poeme:Aztec Hotel", nos três primeiros quadros - "Boy About 10", nos quatro últimos quadros - "Dead Horse Allve with Flies" de Harold Budd, nos quatro quadros intermédios - "Wuste" (Ballet version) de Einsturzende Neubauten

Filme - O Grito da Pedra

Um filme rodado em Guimarães em duas cenas, com quatro magníficos quadros artísticos cinematográficos,

Ficha Técnica

Actores - Jorge Azevedo, Ana Carrasco, Hugo Costa, Luís Machado
Realizadores - Jorge Azevedo, Ana Carrasco, Hugo Costa, Luís Machado, Vitor Torpedo, Produção - Vitor Torpedo, Montagem - Ana Carrasco, Assistente de Montagem - Jorge Azevedo, Sonorização - Vitor Torpedo, Genérico - André Leonhartsberger, José Pedro Cartaz - Luís Machado, Banda Sonora - Digital Hardcore

II Parte

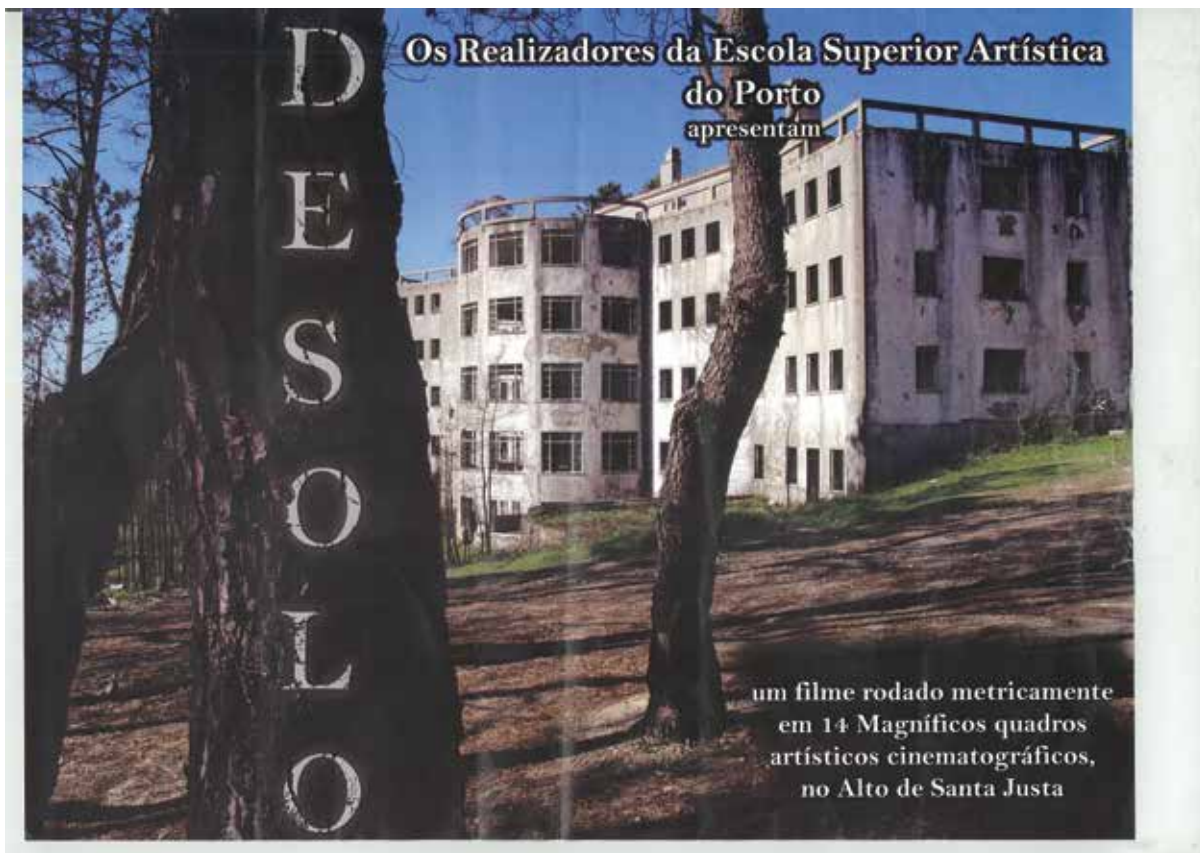
Filme - Corpo de Morte

Um filme em duas cenas rodado na Alfândega velha do Porto e na necrópole de S. Salvador do Monte, Amarante à Aboboreira com nove magníficos quadros artísticos cinematográficos

Estreia sexta-feira, dia 30 de Abril pelas 22 horas, no Cine-clubes do Porto. Rua do Rosário n.º 5 - 1.º Porto

Ficha Técnica

Actores - Vasco, Jorge Azevedo e o Fogo, Realizadores - Luís Machado, Ana Carrasco, André Leonhartsberger, Jorge Azevedo, José Pedro, Hugo Costa, Produção - Sério Fernandes, Montagem - Hugo Costa, Luís Machado, Jorge Azevedo, Sonorização - Vitor Torpedo, Genérico - José Pedro, Pintura do rosto dos actores - Ana Carrasco, Fotografia de Cena - Celestino Monteiro, Cartaz - Luís Machado



LIBERDADE PRISIONAL | Ana Vieira de Campos, Tiago Veloso Dias

A passagem consciente e agressiva através da dança e de fortes ritmos. Duas realidades distintas, a liberdade que um ser vivo tem no seu habitat, em contraste com o sofrimento inerente a estar preso num jardim zoológico.



SACRIFÍCIO NO CASTELO | Paulo Castro

Após prolongada melancolia em sua casa, um realizador decide destruir os seus filmes e fugir, iniciando uma longa caminhada, com uma cruz às costas que o levará a um castelo de um amigo pintor que se refugiou nesse lugar pintando Cristos. Este, já num estado de loucura, acaba por matar o cineasta com o objectivo de o pintar pendurado na cruz.

OESOLO | Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

Filme rodado metricamente, em 14 Magníficos Quadros Artísticos, no Alto de Santa Justa.



GUSTAVO OU O FERRO EM TRÂNSE

| Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

*Estreia *Performance musical | André Couto *Exposição de fotografias de cena

Um filme díptico rodado metricamente com 8+8 belíssimos quadros artísticos cinematográficos a preto e branco na ponte D. Maria e encenado a cores no Estúdio da Reboleira.

Programação 2007

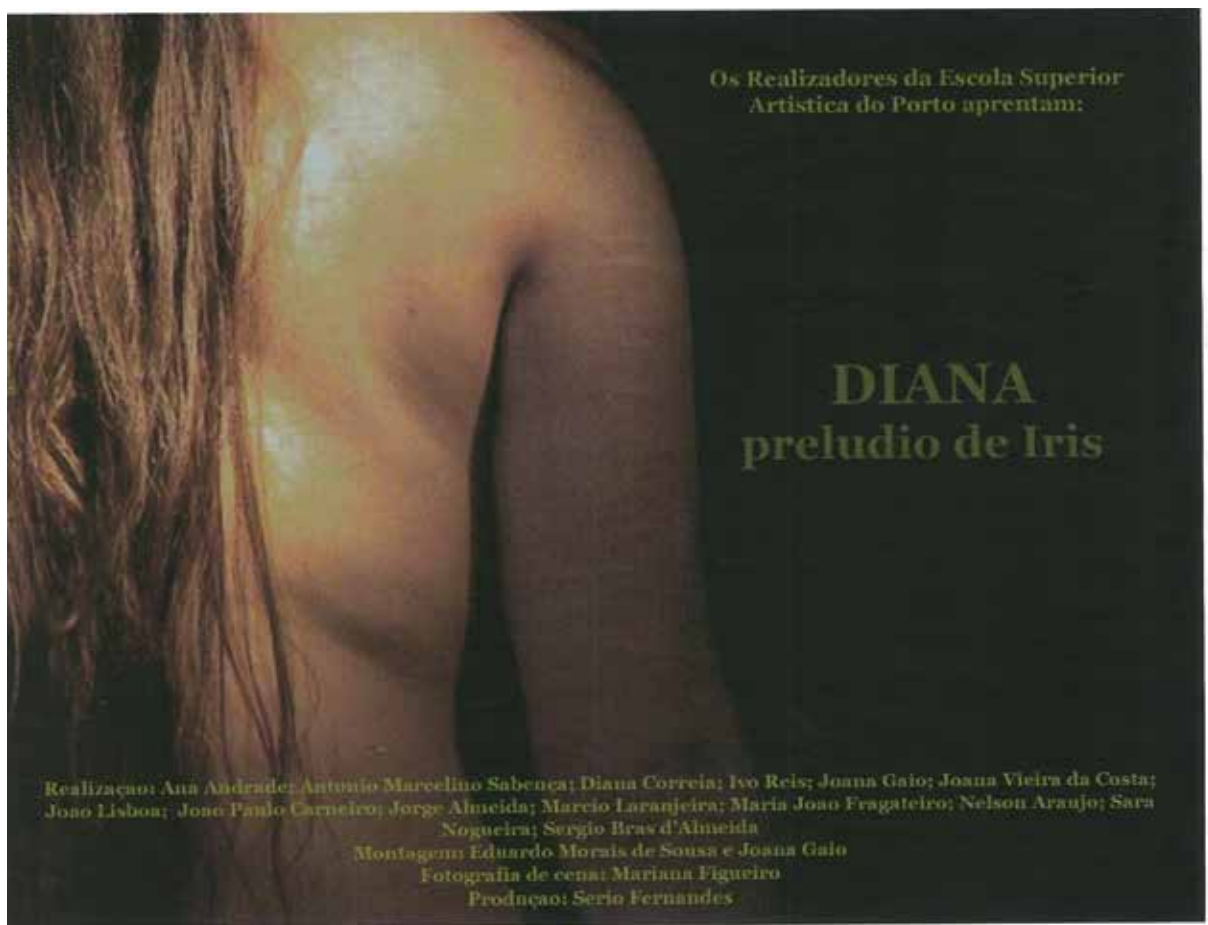
Sala Bebé

Sessão | 21.30 horas

Julho

Dia 27

Noite Realizadores



Os realizadores da Escola Superior Artística do Porto
apresentam:

Retrospectiva:

“Vertigem de Dança”

“Jardim das Virtudes”

“Atrás das Asas”

Ante-estreia:

“Diana – Preludio de Íris”

2 de Abril de 2004

Atelier “Sopa de Pedra”

Em matiné das 18:00h

“Sopa de Pedra” atelier do pintor Ícaro
rua Cândido dos Reis, 46 3º andar

na galeria: exposição da fotografia de cana de Mariana Figueroa

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

Apresentam

no **Cine-estúdio da Reboleira**
Rua da Reboleira, nº65 Porto

28 de Março de 2003
pelas 19h00m

Programa

Prólogo

o coro trágico da Escola do Porto canta
o poema
"O Irremediável"
de Charles Baudelaire

1ª Parte

Ante-estreia do filme

ESPELHO DE SOMBRAS

Um filme rodado metricamente em uma cena com dez
magníficos quadros artísticos cinematográficos,
onde os olhos do céu não penetram.

2ª Parte

FOZ DO GIGANTE

Um filme rodado metricamente em uma cena com 1+5
magníficos quadros artísticos cinematográficos,
onde o fogo não chega e a alma do Douro descansa.

O CAMINHO DA DOR

Um filme rodado metricamente em uma cena com oito
magníficos quadros artísticos cinematográficos,
onde o sangue flui no Purgatório do Douro.

Exposição de Fotografia de Cena
dos filmes
de Jorge Quintela

ESAP 2003

I.LXXXIV
O IRREMEDIÁVEL

I.

Uma Ideia, uma Forma, um Ser
Provindo do espaço e caído
Num lamacento e negro Estige
Onde os olhos do Céu não chegam;

Um Anjo, viajante imprudente,
Tentado plo amor do disforme,
No meio de um pesadelo enorme,
Como um nadador, debatendo-se

E lutando, angústias funéreas!
Contra um remoinho gigantesco
Que vai cantando como os loucos
E rodopiando nas trevas;

Um infeliz enfeitado
Tentando escapar a mil répteis
Com as mais fúteis apalpadelas,
Sem ver a chave e a claridade;

Sem luz, descendo, um condenado
A um abismo cujo perfume
Trai o mofo e a profundidade
De escadas eternas, abruptas,

Onde viscosos monstros velam
Com grandes olhos fosforescentes
Tornando a noite ainda mais negra
Por serem visíveis só eles;

Um navio preso junto ao pólo
Numa armadilha de cristal,
Tentando ver por que canal
Terá caído nessa jaula;

— Claros sinais, perfeito quadro
De uma sorte irremediável,
Levando a pensar que o Diabo
Faz sempre bem tudo o que faz!

II.

Límpido e sombrio face-a-face,
Um coração feito seu espelho!
Claro e escuro poço de Verdade,
Onde brilha lívida estrela,

Farol irónico, infernal,
Archote de graças satânicas,
Alívio e glória sempre únicos
— A consciência que há no Mal!

outra vez Glauber e agora Fassbinder
os dois inspiram este filme
no seu sentido teatral

a luta do santo contra o dragão
a dança dos homens de Genet

a batalha não é a batalha
que se realiza
mas a que *Ésquilo* vê

Ésquilo está presente
na imagem
não em corpo

Ésquilo nómada é
guerreiro grego
mas não é ele próprio

(francisco de bragança weyl
- sobre a *hybris* de *Ésquilo*
miranda do douro - setembro - 2000)

FICHA TÉCNICA

actores

vigia - ALEXANDRE MARTINS
escravo - VASCO CASTRO
querreiros -
ALEXANDRE MARTINS / RICARDO LEITE / VASCO CASTRO
clitemnestra e ifigénia - ANA TINOCO
agamémnon - RICARDO LEITE
ésquilo - SÉRIO FERNANDES

cenografia
CÉLIA GOMES / FRANCISCO DE BRAGANÇA WEYL / RICARDO LEITE

fotografia de cena
CÉLIA GOMES

operadores de câmara
FRANCISCO DE BRAGANÇA WEYL / RICARDO LEITE / VASCO CASTRO

direcção de fotografia
FRANCISCO DE BRAGANÇA WEYL

assistentes de fotografia
ALEXANDRE MARTINS / RICARDO LEITE

montagem
RICARDO LEITE

produção
ANA TINOCO / CÉLIA GOMES

agradecimentos
ANDRÉ CEPEDA

realização
ANA TINOCO / FRANCISCO DE BRAGANÇA WEYL / RICARDO LEITE

ÉSQUILO

segundo filme da
trilogia trágica
de Ana Tinoco,
Francisco de Bragança Weyl,
Ricardo Leite

(...)

ésquilo
não é um filme nítido
no sentido técnico,
mas o é no seu espírito trágico.

projectado,
ésquilo
já não é mais filme.

só o foi quando realizou-se
e por isso veremos
o que já não é.

é um filme paradoxal,
os corpos cénicos
têm um movimento animalesco
mas com a leveza estática
das estátuas gregas.

rodado
na sequência de montagem.
não se realizou
a posteriori.

é o que é,
confuso como o pensamento,
e ao mesmo tempo
sintético na sua lógica
trágica.

ésquilo
é puro,
nietsche e dionísio.

CONVITE

para reposição de IMAGINADO:

ORPHEUZINHO

A Revista Literária Contemporânea
do Grupo Futurista Os Mete Nojo

"MATEMÁTICA SENTIMENTAL"

Um surpreendente livro de M. Fritas

FP25^{co}

Performance ao vivo para filmes
da Escola de Cinema do Porto
"complexo e avançado sem improvisado"

FOTOGRAFIA DE CINEMA

Celestino Monteiro
Nuno S
Rui Simão
Sónia Amen (slides)

NOITE DE POESIA



16 de Dezembro de 2000

Caideira 213, Porto

Contactos: 96 533 92 90
22 537 37 98 - 22 200 96 59

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto apresentam em antebraço o filme:

ETICOGA

*Um Filme Montado Metricamente com 6 Montagens
Quadros Fotográficos e 1 Fotografia de Cena,
na Ilha de Ovar, África*

Ficha Técnica:
*Realizadores: Ana Vieira de Campos, Bruno Marinko, Catarina Baptista,
 Joana Silva Nunes, Paulo de Oliveira Abreu, Tiago Veloso Dias*
Produção: Sérgio Fernandes
Actores: Orianças e Tabanca de Eticoga
Montagem: Bruno Marinko
Fotografia de Cena: Tânia Ramos
Cartaz e Anotação: Tiago Veloso Dias

ESAP - Cinema e Vídeo

Disciplina de Realização
3.º Ano do Curso Superior de Cine-Vídeo
Professor Sérgio Fernandes

Assunto: Rodagem de filme na Guiné-Bissau.

De acordo com o programa da disciplina, rodagem de filmes em Portugal e no estrangeiro, informo que tencionamos rodar um filme na Guiné-Bissau entre os dias 3 e 10 de Abril de 2006.

Mais informo, que este ano foram rodados filmes numa “floresta” ao sul do Douro, numa Mamoa da Serra da Freita e, na sexta-feira passada, no Douro Superior, entre o Pocinho e Barca D’Alva.

Estão previstas mais duas rodagens a seguir à da Guiné-Bissau, numa gruta em Sesimbra e na bacia do Rio Sabor, em Trás-os-Montes.

No âmbito desta disciplina já foram rodados filmes em todo o território português, bem como no estrangeiro, em Paris, Bruxelas, Barcelona, Marrocos (Alcacer-Kibir) e no ano passado na Ilha do Fogo, em Cabo Verde. Como é óbvio, estas deslocações nunca representam quaisquer encargos para a escola.

No caso presente, rodagem de um filme na Guiné-Bissau, estão previstos deslocarem-se, juntamente com o professor Sérgio Fernandes, os seguintes alunos:

Joana Silva Nunes
Paulo de Oliveira Abreu
Tiago Veloso Dias
Bruno Marinho
Ana Vieira de Campos
Catarina Teixeira

Sem outro assunto, subscrevo-me respeitosamente,
O professor,

(Sério Fernandes)
23 de Março de 2006

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

APRESENTAM

FLORBELA

com Mariana Figueroa

um filme rodado métricamente em uma cena com nove magníficos quadros artísticos cinematográficos, na trágica oração da loucura

ANTE-ESTREIA: 5 de Julho de 2002
Capela do Espírito Santo de Miragaia às 17h

Realizadores
André Filipe Martins, André G. Martins, André Peixoto, Frederico Oliveira,
José Manuel, Marco A. Miranda, Mário Rui Lemos, Pedro Nuno Bastos,
Ricardo Pinho, Samuel Gama Barbosa,
Tiago Afonso, Tiago Mendes

Produção
Sério Fernandes

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

Apresentam

No cine-invicta film, instalado na

Capela do Espírito Santo de Miragaia

ao largo de S. Pedro de Miragaia, 11, Porto a 5 de Julho de 2002

em Matiné às 17:00 h

PROGRAMA

Prólogo

Susana Perdigão canta
“Ave Maria” de Shubert

1ª Parte

Ante-estreia do filme

FLORBELA

Com Mariana Figueroa

Um filme rodado metricamente em uma cena com nove magníficos quadros artísticos cinematográficos, na trágica oração da loucura.

2ª Parte

ARCA D'ÁGUA

Um filme rodado metricamente em uma cena com nove magníficos quadros artísticos cinematográficos, em duelo com a luz.

NEGRO CORCEL

Um filme rodado metricamente em uma cena com sete magníficos quadros artísticos cinematográficos, gritando correntes no silêncio.

ALDEIA DA LUZ

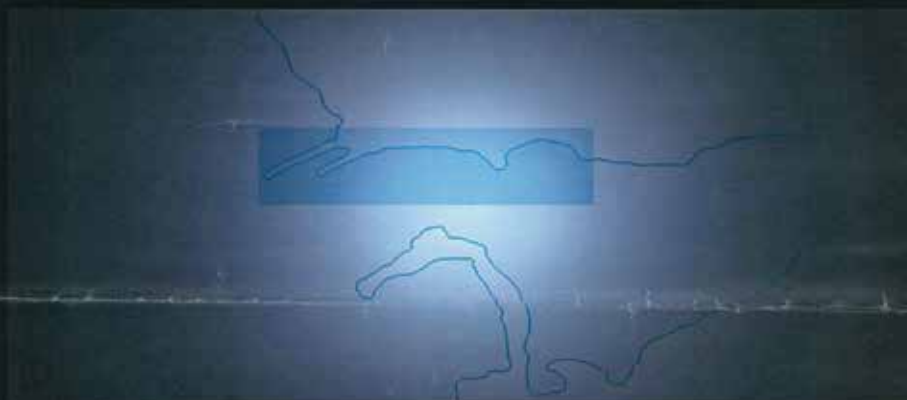
Um filme rodado metricamente em três cenas com onze magníficos quadros artísticos cinematográficos, nas lágrimas da saudade.

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

Apresentam

FOZ DO GIGANTE

Um filme rodado metricamente em uma cena com 1+5.
magníficos quadros artísticos cinematográficos,
onde o fogo não chega e a alma do Douro descansa.



ANTE-ESTREIA

20 de Dezembro de 2002
no coreto do Passeio Alegre
em matiné pelas 17h30m

REALIZAÇÃO

Diana Oliveira, Inês Marques, João Rita, Luís Bernardo, Ricardo Rodrigues,
Sérgio "Águia" Mendes

PRODUÇÃO

Sérgio Fernandes

AGRADECIMENTOS

Junta de Freguesia da Foz do Douro
Chalé Suiço

ESAP 2002

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

Apresentam

no coreto do
Passeio Alegre
à Foz do Douro

20 de Dezembro de 2002
em matiné pelas 17h30m

Programa

Prólogo

O coro trágico da Escola do Porto canta
o poema
"RIO DO OURO"
de Tiago Afonso

1ª Parte

Ante-estreia do filme

FOZ DO GIGANTE

Um filme rodado metricamente em uma cena com 1+5 magníficos
quadros artísticos cinematográficos,
onde o fogo não chega e a alma do Douro descansa.

2ª Parte

Projecção de filmes em suporte cinematográfico
de Super 8 mm

ABLUERE TENEBRAS
Ricardo Leite

IO
Ricardo leite
Mariana Figueiroa

VERIM
Ana Tinoco

COVAS DO DOURO
Tiago Afonso

Exposição de Fotografia de Cena
do filme

FOZ DO GIGANTE
de Jorge Quintela
no Chalé Suiço
ao Jardim do Passeio Alegre

ESAP 2002



realização
Ana Maria Carneiro, André Couto, Catarina Pinto, Carlos Tiago Coelho, José Miguel Oliveira,
Luís Carneiro Ferreira, Luís Garcia, Lukas Palha Koenke, Manuel Pinto Barros, Mariana Pinto,
Nicole Rompante, Paulo Guilherme Caldas, Ricardo Coutinho, Vera Nicola, Yoan Crochet

produção
Sério Fernandes

actores
André Couto, Máscara Angolana, Ponta G, Maria Pia

cenografia
escola do porto

montagem
Manuel Pinto Barros, Ricardo Carneira

pintura do corpo
Brigida Velhote

assistente
Renate Sequeira

fotografia
Ana Maria Carneiro

Som original

GUSTAVO
ou O Ferro em Transe

OS REALIZADORES DA ESCOLA SUPERIOR ARTÍSTICA DO PORTO APRESENTAM
um filme diptico rodado metricamente
com 8+8 bellissimos quadros artisticos cinematográficos
a preto e branco na ponte d. maria e encenado a cores no
estúdio da reboleira

ESAP 2007

escola do porto - arquivo

OS REALIZADORES DA ESCOLA SUPERIOR ARTÍSTICA DO PORTO

Apresentam em Ante - Estreia

O Filme

GUSTAVO
ou o Ferro em Transe

No
Estúdio da Reboleira
Rua da Reboleira, 65 à Ribeira do Porto
dia 1 de Junho de 2007
Matinè às 17 horas

Programa:

1º Parte - Filme: Desolo

2º Parte - Ante - Estreia: GUSTAVO ou o Ferro em Transe

Os realizadores da
escola superior artística do porto
apresentam



Um filme métrico métricamente nos arcos de
miragaia com dois magníficos quadros artísticos
cinematográficos

Realização: João Lisboa; Verónica da Costa
Produção: Sérgio Fernandes

OS REALIZADORES DA
ESCOLA SUPERIOR ARTÍSTICA DO PORTO
APRESENTAM

RETROSPECTIVA

"VERTIGEM DE DANÇA"
"JARDIM DAS VIRTUDES"
"ATRÁS DAS ASAS"
"DIANA - PRELÚDIO DE ÍRIS"
"SODADE"

ANTE - ESTREIA

"IMBO"

*UM FILME RODADO MÉTRICAMENTE NOS ARCOS DE
MIRAGAIA COM DOIS MAGNÍFICOS QUADROS
ARTÍSTICOS CINEMATOGRAFÍCOS*

MATINÉ

DIA 25 DE JUNHO DE 2004, ÀS 17 HORAS
ESTÚDIO DE CINEMA DA ESAP
RUA DA REBOLEIRA, Nº65 (À RIBEIRA)
PORTO

Os Realizadores do Curso de Cinema e Vídeo da Escola Superior Artística do Porto, apresentam na **Sala Estúdio de Massarelos**, a estreia do filme "**Insurreição**", *um filme rodado metricamente, em uma Cena desde a Praia dos Insurrectos, a Massarelos, aos Estaleiros do Ouro, no Porto, com Magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos Encadeados.* A estreia terá lugar Sexta-feira, 20 de Fevereiro de 1998, pelas 21h45, na Sala Estúdio de Massarelos, da Associação de Moradores de Massarelos, Rua D. Pedro V, nº 2, no Porto.

No **Bar Naif**, na Alameda Basílio Teles, nº 11, ao Cais de Massarelos, no Porto, continua patente até ao dia 21 de Fevereiro, uma exposição de Fotografia de Cena do Filme "**Insurreição**", da autoria de **Celestino Monteiro**.

"**Insurreição**", é o segundo filme da Trilogia "**Rumo ao Mar**". O primeiro filme "**Rio Espelho da Noite**" foi estreado em 19 de Dezembro de 1997, no novo **Estúdio da Reboleira** da Escola Superior Artística do Porto, com exposição de Fotografia de Cena de Celestino Monteiro, no bar **Está-se Bem**, à Ribeira do Porto.

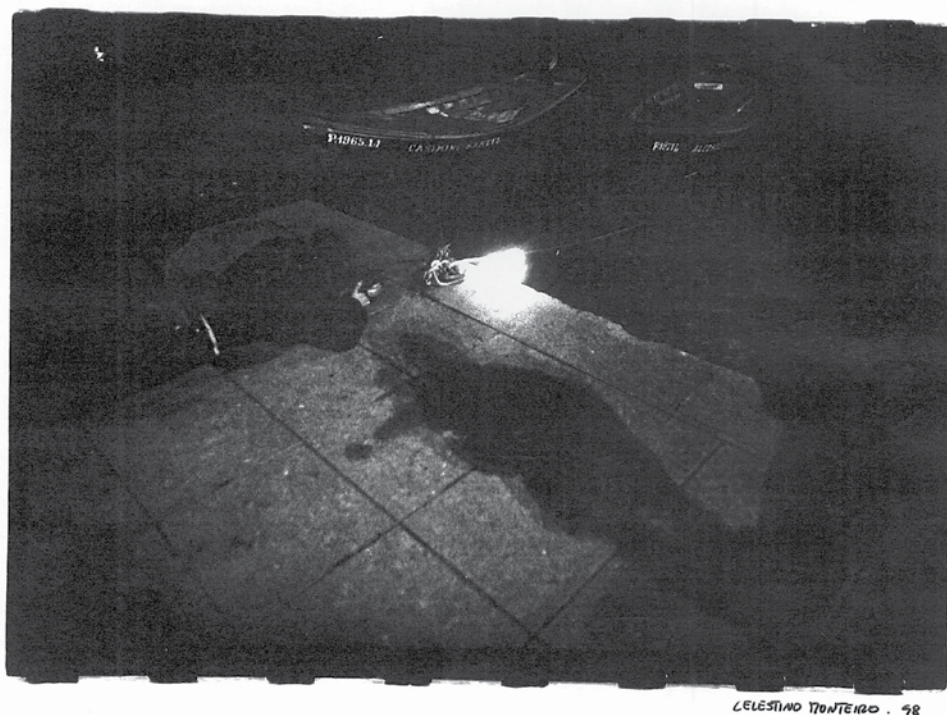


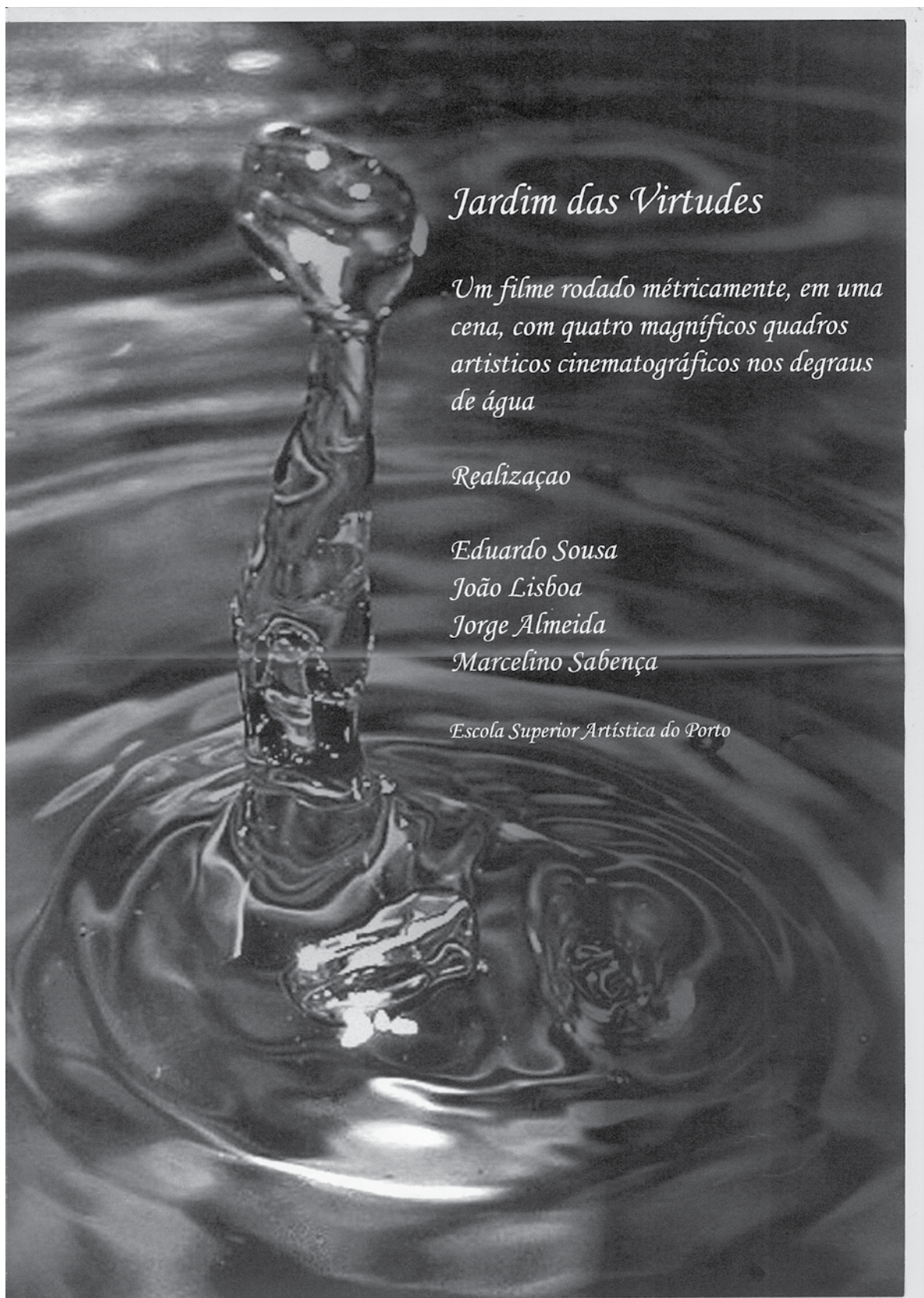
CELESTINO MONTEIRO - '88

Fotografia de Cena de CELESTINO MONTEIRO

Exposição de Fotografia de Cena do Filme **"Insurreição"**, um Filme rodado métricamente, em uma Cena desde a Praia dos Insurrectos a Massarelos aos Estaleiros do Ouro, no Porto, com Magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos Encadeados. A Exposição, de autoria de **Celestino Monteiro**, terá lugar no Bar **"Naif"**, na Alameda Basílio Teles, nº 11, ao Cais de Massarelos, no Porto, de 04 a 21 de Fevereiro, no horário de funcionamento normal.

"Insurreição", segundo filme da trilogia **"Rumo ao Mar"** é um filme dos Realizadores da Escola Superior Artística do Porto, a estrear brevemente. O primeiro filme da trilogia, **"Rio Espelho da Noite"**, foi estreado em 19 de Dezembro de 1997 no novo auditório da Reboleira, com exposição de Fotografia de Cena de **Celestino Monteiro**, no bar Esta-se Bem, à Ribeira do Porto.





Jardim das Virtudes

Um filme rodado métricamente, em uma cena, com quatro magníficos quadros artísticos cinematográficos nos degraus de água

Realização

Eduardo Sousa

João Lisboa

Jorge Almeida

Marcelino Sabença

Escola Superior Artística do Porto

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

apresentam

**no novo auditório da ESAP
Rua do Comércio do Porto, 173 Porto**

Em 19 de Dezembro de 2003, matiné às 18 horas

PROGRAMA

Ante-estreias dos filmes

I^a Parte

Jardim das Virtudes

Um filme rodado metricamente, em uma cena, com quatro magníficos quadros artísticos cinematográficos, nos degraus d'água.

II^a Parte

Vertigem de Dança

Um filme rodado metricamente em uma cena, com magníficos quadros artísticos cinematográficos, no Teatro Camões, em pés de salsa.

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

Apresentam

LAMA GRANDE

Um filme em 3 partes, rodado em Julho de 1999
no Parque Natural de Montesinho, Bragança, Portugal.

Sinópsis da rodagem:
Este duplo feito original da Escola do Porto é, no máximo recuo do arco lusitano,
a arte cinematográfica na totalidade do seu espectro.

Lama Grande

Ficha Técnica

Parte I – Super 8

Rodado em 7 planos sequência, pelos alunos do primeiro ano do Curso Superior de Cinema e Vídeo, da Escola Superior Artística do Porto.

Realizadores:

Alexandre Martins, Ana Tinoco, Cristina Tasqueira, Francisco de Assis Weyl, João Amorim, Luís Miranda, Ricardo Leite.

Produção:

Miguel Oliveira.

Actor:

Ricardo Leite.

Fotografia de Cena:

Sara Coelho e Celestino Monteiro.

Assistente da Cena:

Heros.

Agradecimentos:

André Cepeda
Parque Natural de Montesinho

Película:

Kodak 200 Asa, p/b, Super-8.

Câmara:

Canon Super 8

Laboratório de imagem:

ADF Video, Bruxelas.

Parte II – 16 mm

Rodado em 5 planos fixos, pelos alunos do segundo ano do Curso Superior de Cinema e Vídeo, da Escola Superior Artística do Porto.

Realizadores:

Rafael Lucas, José Manuel Miguel Vieira, Augusto Lado, Nuno Pedro

Produção:

José Alberto Pinto

Direcção de Fotografia:

José Alberto Pinto

Assistente:

Vasco Castro

Fotografia de Cena:

Celestino Monteiro

Assistente da Cena:

Heros

Apoios:

Radiotelevisão Portuguesa - Porto
Parque Natural de Montesinho

Película:

Kodak 50 ASA 16 mm/cor

Câmara:

Eclair 16 mm

Laboratórios de imagem:

Tóbis Portuguesa

Parte III – 35 mm

Rodado em 3 magníficos quadros artísticos cinematográficos, pelos alunos do terceiro ano do Curso Superior de Cinema e Vídeo, da Escola Superior Artística do Porto.

Realizadores:

Ana Carrasco, Hugo Costa, Jorge Azevedo

Produção e Montagem:

Sério Fernandes

Actor:

Jerôme Claude

Operação de Câmara e

Direcção de Fotografia:

José Alberto Pinto

Assistente:

Vasco Castro

Fotografia de Cena:

Celestino Monteiro

Assistente da Cena:

Heros

Apoios:

Bei Film - Porto
Parque Natural de Montesinho

Película:

Kodak 50 ASA 35 mm/cor

Câmara:

Arriflex 35 mm

Laboratórios de Imagem:

Tóbis Portuguesa

"Lama Grande" é espectro da arte cinematográfica

Alunos/realizadores do Curso de Cine-Vídeo da ESAP mostram filmes inéditos, esta noite (22 horas), no Cineclube do Porto

COLABORADORA CARLA TEIXEIRA

No seguimento de um trabalho que vem sendo realizado desde o passado mês de Julho, no âmbito do Curso Superior de Cine-Vídeo da Escola Superior Artística do Porto (ESAP), estreia esta noite, às 22 horas, no Cineclube do Porto, o filme "Lama Grande", de Celestino Monteiro e Sara Coelho. Depois de duas antestreias na Casa das Artes e no Festival de Cinema da Figueira da Foz, prevê-se também para breve a exibição em Lisboa, em data a anunciar, na Cinemateca Portuguesa.

Trata-se de um projecto inédito de realização concebido em conjunto pelos alunos dos três anos curriculares onde, pela primeira vez, se recorre à utilização de três formatos de película diferentes (Super 8, 16 mm e 35 mm), tantas quantas as partes em que a história se divide e que os responsáveis consideram exemplo da "arte cinematográfica na totalidade do seu espectro".

Do programa definido para esta estreia conta ainda a apresentação, em muitos casos pela primeira vez, de 15 outros filmes, na sua maioria curtos-metragens, igualmente realizados pelos alunos/realizadores, para além de mostras de fotografia, uma exposição plástica e uma inter-

venção musical ao vivo, assegurada pelo músico Christophe.

Três olhares diversos
Desenvolvido mediante três olhares diversos (alunos do primeiro, segundo e terceiro anos do curso), em que cada um dos grupos de alunos visou dar o seu cunho pessoal ao projecto, esteve a cargo de cada uma das turmas o trabalho de realização de uma parte do filme, acrescida das funções de produção, montagem, escolha de actores, tipos de película e câmara.

Assim, os alunos do primeiro ano desenvolveram o arranque da história, utilizando uma câmara Canon Super 8.

O primeiro trecho foi rodado em sete planos de sequência pelos realizadores Alexandre Martins, Ana Tinoco, Cristina Tasqueira, Francisco de Assis Weyl, João Amorim, Luís Miranda e Ricardo Leite, cabendo este último igualmente a interpretação.

No que concerne ao desenvolvimento da história, rodada em seis planos fixos pelos alunos do segundo ano, foram responsáveis pela realização Augusto Lado, José Manuel, Miguel Vieira, Nuno Pedro e Rafael Lucas.

A finalizar o processo a turma do terceiro ano encarregou-se do

desenlace da história, pela mão dos realizadores Ana Carrasco, Hugo Costa e Jorge Azevedo. Jérôme Claude deu corpo ao personagem, num trecho rodado em três quadros artísticos.

No apêndice rodagem de "Lama Grande" estiveram a RTP, o Parque Natural de Montesinho, o Cineclube do Porto, e Tóbiás Portuguesa e a Bei Film - Porto.

Cartzaz preenchido

Dando continuidade a uma noite que promete tornar-se histórica para o Curso de Cine-Vídeo da ESAP, serão exibidos 16 outros projectos cinematográficos, também da autoria dos alunos. Na primeira de quatro partes em que o programa desta noite se divide,

que tem início com a projecção de "Lama Grande", terá ainda lugar a sessão inaugural dos filmes produzidos pelos alunos no decorrer do presente ano.

Seguem-se as primeiras sete curtas-metragens: "Morraarte" de Ricardo Leite, "Morph" de Rafael Castro Lopes, "Édipo em Espinho" de Ana Tinoco, Ricardo Faria e Francisco de Assis Weyl, "No Tempo de Glauber", também realizado por Francisco, "Um Filme" de Ana Tinoco, "Kerxet" de Francisco de Assis Weyl

e "Sexto Mandamento" de Filipe Martins.

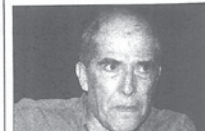
Na terceira parte continua a apresentação das obras destes realizadores: "Um Caminho, Duas Realidades" de Rafael Lucas, José Manuel e Paulo Resende, "Alucinação" de Pedro Prouça Henriques, "Kuluzaílas" de Khaddyja M' Baló, José Manuel, Sónia Garcia e Cristiano, "Gaio" de Augusto Lado, Pedro Sousa e Nuno Pedro (que será acompanhado pela actuação ao vivo de Christophe, "4" e "Luz" de Cristiano, e "Remir" de Miguel Vieira.

Com a madrugada já a espreitar, terá início a quarta parte da sessão, com a exibição de "Helter Skelter", "Revisitação" e "Esta Cidade Que Me Habita", todos realizados por Pedro Rocha Nogueira.

A propósito desta sessão serão inauguradas nas instalações do Cineclube do Porto quatro exposições: a primeira dará a conhecer uma série de fotografias de cena do filme "Lama Grande", a segunda é uma mostra de "performance" teatral da Escola do Porto no 28.º Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, concebida por Célia Gomes; a terceira é uma exposição plástica assinada por Luís Fortunato e a quarta retrata o tratamento cinematográfico dado a "Helter Skelter", filme de Pedro Rocha Nogueira.

Paulo Rocha apresenta novo filme dentro de um ano

É a história de um político de direita que se apaixona por um travesti...



O realizador Paulo Rocha

O novo filme do realizador Paulo Rocha, "Raiz do Coração", deverá estrear dentro de um ano, contando os percursos de um candidato a presidente de Câmara que se enamora por um travesti.

Paulo Rocha, que recebeu o prémio de "Estudos Filmosos da Universidade de Coimbra", contou aos jornalistas que o trabalho "está muito adiantado" e consiste numa "espécie de comédia musical lisboeta" passada no futuro.

O protagonista da história é "um político de extrema direita que quer ser presidente de Câmara, mas que se perde por um travesti, com um ar muito frágil", ao mes-

13 Quinta-feira 18.30

2000 2011 Estados Unidos, 1984
Mário O Jan de Contacto
DE PETER HYAMS
COM ROY SCHEIDER, EDDIE FALGOUT, BELEN MERIS, BOB BALKAN, KATH BELLIA
A primeira tentativa de comunicação interplanetária...

21.30

14 Sexta-feira 18.30

2000 EXISTENZ! Casabá, 1999
A História
DE DAVID CRONENBERG
COM JACQUEE JAGGER, JOHN LUN, WILLEM DAUME, IAN HILMI, DON McKELLAR
O primeiro agente...

15 Sábado 15.30

LAMA GRANDE Portugal, 1999
um filme em três partes dos alunos da Escola Superior Artística do Porto
A Cinesemara promove a divulgação das produções realizadas das Escolas de Cinema, nacionais com a apresentação de uma singular proposta dos alunos do Curso de Cinema e Vídeo da Escola Superior Artística do Porto...

ATENÇÃO AO HORÁRIO 21.00

1980 LA ROUE - França, 1923
Roubé
COM LUIGI GIACCI
Com André MARI, MAURICE, IVY CLARK, GIBRIEL DE GIOVANNI
Monte Carlo é a capital do jogo, o filme seguinte de Abel Gance...

17 Segunda-feira 18.30

2000 UNTIL THE END OF THE WORLD/ENQUA BOUT DU MONDE - França, Alemanha, Holanda, 1991
Até ao fim do Mundo
DE WIN WINDERS
COM BENOÏT DINGEMANS, WILLIAM HURT, JEANNE MORALE, MAX VAN SYDOU, NINA SIEM
Um dos filmes mais polémicos de Wim Wenders, esta epopeia de "depois do fim" das manifestações culturais contemporâneas no cinema, literatura, cinema, etc., tenta de saber acumuladas sucessivamente por um cientista e o seu filho a fim do "homem" à mulher e mãe Jerga, através de uma singular máquina que lhe permite "aperceber" as formas guardadas.

21.30

18 Terça-feira 18.30

2000 SOLARIS URSS, 1972
Solaris
DE ANDRÉI TARKOVSKI
COM NATALIY BOBROTCHIK, YURI YARU, DONATA BARDINA, ANDRÉI SHCHIBRIN
Adaptado de um romance de Stanislaw Lem, Solaris é um dos mais belos filmes de Tarkovski. Narra de um planeta misterioso que uma ciência científica estuda e onde testemunha estranhos fenômenos. Solaris tem a particularidade de "materializar" o que de mais profundo se encontra na consciência humana, o que coloca "novos" problemas morais: "Como se relacionar um homem numa condição desumana?"

19 Quarta-feira 18.30

2000 TRUMAN SHOW - Estados Unidos, 1998
Truman Show - Fide em Direção
DE PETER WEIR
COM JIM CARREY, NATHAN LANE, ED HARRIS, NOLAN FERSTERER, NICHOLA MELINDA
Truman é um personagem real que vive num mundo virtual. Truman Show leva as ideias que inspiraram um estilo de programas de televisão chamados "reality shows" que muitos hoje se costumam a ver. O filme de Peter Weir é certamente um dos mais interessantes em termos de televisão "sem direção" e com a história de um homem cuja vida foi moldada e construída diariamente por um produtor televisivo, sem que ele se aperceba.

20 Quinta-feira 21.00

1999 CINEMAAMOR - Portugal, 1999
DE JACINTO LUCAS PIRES
COM ANTONIO SILVA, VÍTOR RODRIGUES, MANUEL VIEIRA, RITA DELEITE, BRUNO BARRAL, DIANE DE ALMEIDA
Com a presença do realizador

21 Sexta-feira 15.30

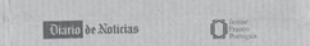
1966 ALPHAVILLE - França, 1966
Alphaville
DE JEAN-LEU GODARD
COM ESTER ROBERTSON, ANNA KARINA
Uma fantástica e peculiar ópera de Godard sobre a sociedade do futuro, transformada em missão do Direttore Lumiere Claudin, e que não foi feita em condições de estúdio, mas unicamente em condições reais, interiores e exteriores, de Paris e da sua periferia. O futuro próximo, a sociedade em



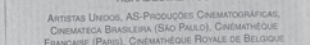
LA BÊTE HUMAINE



MY DARLING CLEMENTINE



APOIOS



AGRADECIMENTOS
ARTISTAS UNIDOS, AS-PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS, CINEMATECA BRASILEIRA (SAO PAULO), CINEMATHEQUE FRANÇAISE (PARIS), CINEMATHEQUE ROYALE DE BELGIQUE



OS REALIZADORES DA ESCOLA SUPERIOR ARTÍSTICA DO PORTO

APRESENTAM:

LAMENTO DA PEDRA

UM FILME RODADO METRICAMENTE COM DOZE MAGNÍFICOS
QUADROS ARTÍSTICOS CINEMATOGRAFÍCOS, NA MAMOA
NO PLANALTO DA SERRA DA FREITA

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO: ADÉRITO PINTO, ANA VIEIRA DE CAMPOS, BRUNO MARINHO, CATARINA BAPTISTA, DIANA MOTA, JOANA SILVA NUNES,
MARLENE LOPES, NUNO VILARES, MARCOS LOURENÇO, PAULO DE OLIVEIRA ABREU, RICARDO CAPELAS, TIAGO VELOSO DIAS
PRODUÇÃO: SÉRIO FERNANDES. ACTORES: MARIANA FIGUEIROA, TIAGO VELOSO DIAS, SÉRIO FERNANDES
CÂMARA: ANA VIEIRA DE CAMPOS, BRUNO MARINHO, DIANA MOTA, JOANA SILVA NUNES, MARLENE LOPES, MARCOS LOURENÇO,
NUNO VILARES, PAULO DE OLIVEIRA ABREU E TIAGO VELOSO DIAS. MONTAGEM: CATARINA BAPTISTA. ANOTAÇÃO: CATARINA BAPTISTA,
CARLAZ: DIANA MOTA.

© SÍMONE GRÁFICO - DIERVA - FICLIVEL.COM

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto
Apresentam em Ante Estreia

O Filme
**Lamento
Da Pedra**

No
Estúdio da Reboleira
Rua da Reboleira, 65 à Ribeira do Porto
dia 10 de Março de 2006
Matiné às 17 horas

Programa:

1.^a Parte - Estreia - Filme Rasgo d'Olhar

2.^a Parte – Ante Estreia – Filme Lamento da Pedra numa
Mamoá num Planalto na serra da Freita



Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

 Apresentam

**No dia 3 de Junho de 2005 em Matiné, às 18h
No Auditório da ESAP (Rua Comércio do Porto, nº 173 - Porto)**

 **Programa:**
1ª Parte

Muralha do Sol - “ Num Pedacoço de Memória “
e **Olhar da Criação** - “ Nave Glaciar “

2ª Parte

 **ANTE-ESTREIAS**

SOMBRA “ da Solidão “ Um Filme Rodado Metricamente em Treze Magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos, no Purgatório do Douro.

LAVA “ Crioula “ Um Filme Rodado Metricamente em Oito Magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos, à Sombra do Vulcão.

RIOS “ Tranquilamente “ Um Filme Rodado Metricamente em Oito Magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos, Tranquilamente.

**FILMES SOMBRA e LAVA apresentados com Música ao Vivo.
Exposição de Fotografia de Cena de Carolina Conde**

TINTO D'HONRA



ESAP - Cinema e Vídeo - Abril/Junho 2005

CINECLUBE DO PORTO
Clube Português de Cinematografia
Rua do Rosário n.º 5 - 1.º 4050 Porto - Tel/Fax 2000972

PROGRAMA DA SESSÃO DOS REALIZADORES DA ESCOLA DO PORTO

Sexta-Feira, 30 de Outubro de 1998, 22 horas

1ª Parte

Estreia do filme "Mar Lusíada"
um filme dos Realizadores da Escola Superior Artística do Porto, rodado em Sagres, com
Um Magnífico Quadro Artístico Cinematográfico

Ficha técnica

Director de Fotografia, José Alberto Pinto
Montagem, Jaime Ribeiro e Sérgio Fernandes
Actores, Filipe, José Pedro, Tiago, Vasco, Promontório e Mar de Sagres
Pintura de Rostos, Brigida Velhote
Fotografo de Cena, Celestino Monteiro
Assistente, Eugénia Miranda
Película, Fuji Super F 8521/35mm Cor
Câmara, Arriflex IIC 35mm
Laboratório de Imagem, Tóbis Portuguesa
Ano, 1998

"Mar Lusíada" teve Estreia Absoluta no 27º Festival Internacional da Figueira da Foz,
na Jornada do Cinema Português, Sábado 5 de Setembro de 1998

2ª Parte

As Duas Tri logias Cinematográficas dos Realizadores da Escola Superior Artística do Porto,
constituídas pelos filmes em 35mm

Viva o Porto
As Lágrimas de Eros
Cidade da Virgem



Tragédia D'Oiro
Morrer Sim, Mas Devagar

Tempo total da sessão, cerca de 60 minutos

No Cineclube do Porto, estará patente uma **Exposição de Fotografia de Cena do filme**
"Mar Lusíada" de Celestino Monteiro, de 30 de Outubro a 13 de Novembro de 1998

O CINECLUBE DO PORTO E OS ANEURISMA APRESENTAM: "MAR LUSÍADA" um filme dos realizadores da escola superior artística do Porto . Os Aneurisma reuniram-se pela primeira vez, virtualmente, na banda sonora do filme "Vende-se barato". Fizeram o primeiro concerto inconsciente na noite de S. João no Porto em 96 intitulado posteriormente de "Dança psicótica entre um pombo atropelado e um frango do campo em decomposição". Desde então, têm feito desvirtualizações públicas no Cine clube do Porto, no Peso da Régua (Bar 1) , no Sanatório de Valongo , na casa do povo de Vagos , no Califa Bar em Coimbra , no bar Portas largas em Lisboa , nas Moagens Harmonia no Porto , no café NiKo em Matosinhos , no bar EsTá-se BeM no Porto , no 444 Sta. Catarina , no Hardeclube no Porto, no 27º festival internacional de cinema da Figueira da Foz e na casa de banho do 167 da rua Oliveira Monteiro . Neste momento ainda se dedicam ao estudo das linhas assimpóticas de transverssão angular (variante ponto de cruz).

6ª FEIRA 30 de OUTUBRO no CINECLUBE do PORTO às 22h.

Prazo para "Oscar" termina no dia 2

"Inquietude", de Oliveira, é candidato ao melhor filme de língua estrangeira

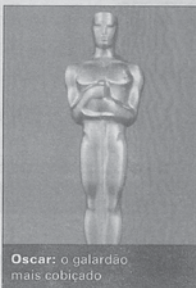
O prazo para a apresentação de filmes candidatos ao Oscar da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood nas categorias de melhor película estrangeira e curta-metragem termina na próxima segunda-feira, dia 2 de Novembro.

Há dois anos, o cinema português protagonizou uma situação canicada com o filme "Cinco Dias, Cinco Noites", de José Fonseca e Costa, a ser excluído da candidatura por alegada entrega tardia da película.

Este ano, Portugal escolheu o penúltimo filme de Manoel Oliveira, "Inquietude", para candidato ao Oscar de melhor filme de língua estrangeira.

A candidatura dos filmes tem de ser feita até segunda-feira, mas a entrega da película propriamente dita pode ser feita até 16 de Novembro para visionamento, no caso da categoria de melhor filme estrangeiro, disse Patrick Stockstill, coordenador da Academia de Hollywood.

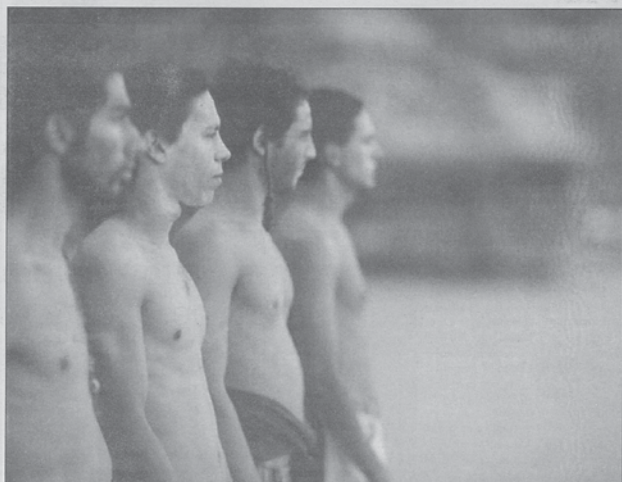
Os nomeados para o Oscar são anunciados no dia 9 de Feve-



Oscar: o galardão mais cobiçado

reiro na sede da Academia e o anúncio dos vencedores e respectiva cerimónia de entrega no dia 21 de Março.


Este ano, o filme neerlandês "Character" foi o vencedor na categoria de melhor filme em língua não inglesa. Nesta categoria concorriam também a película espanhola "Segredos do Coração" e a brasileira "Quatro Dias de Setembro".



"Mar Lusíada", filme de realizadores da Escola Superior Artística, vai ser exibido hoje, em estreia, no Cineclube do Porto (CCP), às 22 horas. Apresentado pela primeira vez no Festival da Figueira da Foz (Setembro último) o filme foi rodado em Sagres. José Alberto Pinto foi o director de fotografia e Jaime Ribeiro e Sério Fernandes assinam a montagem. São actores o Filipe, o José Pedro, o Tiago e o Vasco

"acompanhados", naturalmente, do promontório e do mar de Sagres. Eugénia Miranda foi assistente. Na mesma sessão serão ainda exibidos outros filmes de realizadores da mesma escola portuguesa, intitulados "Viva o Porto", "As Lágrimas de Eros" e "Cidade Virgem". Entretanto, no CCP está patente uma exposição de fotografias de cena de "Mar Lusíada" feitas por Celestino Monteiro.

Design by >>>



Os realizadores da escola superior artística do porto apresentam :

“MÉTROS”

Um filme rodado métricamente com 8+8 magníficos quadros cinematográficos artísticos fixos e em movimento, num grito d'ouro.

Realização

Catarina Baptista, Bruno Marinho, Paulo Abreu, Nuno Vilares, Tiago Dias
Joana Nunes, Ricardo F.G. Capelas e Marlene Lopes.

Produção

Mestre Sérgio Fernandes

Anotação

Catarina Baptista

Montagem

Paulo Abreu, Diana Mota

E.S.A.P. 2006

Cinema e Video

Dnognama Programa



No Estúdio da Reboleira, na Rua da Reboleira, 65 ribeira do Porto

Dia 19 de Maio 2006 | Matiné às 17h

Design by >>>

1ª Parte

“Rasgo de D’olhar”

Um filme rodado métricamente com 10 magníficos quadros artísticos cinematográficos, na floresta na margem sul do Douro

2ª Parte

Estreia



“Lamento da Pedra”

Um filme rodado métricamente com 12 magníficos quadros cinematográficos, na mamoa do planalto da Serra da freita

3ª Parte

Ante-Estreia



“Margens”

Um filme rodado métricamente com 8+8 quadros cinematográficos fixos e movimento, num grito d’ouro

Exposição de fotografia “Guiné Bissau” de Tiago dias e Ana campos

**Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto
Curso Superior de Cinema e Video**

Apresentam

no 26º Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz

dia 6 de Setembro, pelas 23 horas

PROGRAMA

1ª Parte

Ante-estreia absoluta do filme em 35 mm cor

**MORRER SIM
MAS DEVAGAR**

**Um filme em uma Cena rodado em Alcácer-Quibir
com um Quadro Artístico Cinematográfico**

2ª Parte

Primeira Trilogia Cinematográfica em 35 mm cor e preto branco da
Escola do Porto

**VIVA O PORTO - 1992
AS LÁGRIMAS DE EROS - 1993
A CIDADE DA VIRGEM - 1994**

Segunda Trilogia Cinematográfica em 35 mm cor
da Escola do Porto



- 1995

**TRAGÉDIA D'OIRO - 1996
MORRER SIM MAS DEVAGAR - 1997**

**No foyer do Casino e durante o Festival, exposição de Fotografias de
Cena dos filmes da Escola do Porto, da autoria de Celestino Monteiro
e Filipe Melo**



EXMO SENHOR EMBAIXADOR DO
REINO DE MARROCOS
RUA ALTO DO DUQUE, 21
1400 LISBOA
FAX - 01-3020935

0430 / 97 - ER / 5.1.2. 3

97/07/16

Excelência:

Na sequência de contactos previamente efectuados entre o Professor / Realizador Sérgio Fernandes e o Exmo. Senhor Alami dessa Embaixada, cumpre-me informar V. Exa. que os alunos finalistas do Curso Superior de Cinema e Vídeo da Escola Superior Artística do Porto, acompanhados pelo referido Professor, deslocar-se-ão em Agosto próximo a Marrocos à zona de Alcacer -Quibir/Arzila, para procederem a filmagens integradas na sua formação artística e sem nenhum objectivo comercial.

As filmagens implicam meios mínimos e os equipamentos a deslocar são uma Câmara de Filmar Arriflex de 35 mm com o respectivo tripé bem como algumas câmaras vídeo VHS, de tipo amador, dos alunos, para um registo documental.

Como nota suplementar, informo que estes alunos e respectivo docente representaram Portugal, em Fevereiro deste ano, em Paris, nos Encontros das Escolas de Cinema da Europa.

A pedido dos interessados, solicito a V. Exa. que se digne mandar informar os Serviços Alfandegários e outros que considerar oportunos desta iniciativa.

Agradecendo a boa atenção ~~atencão~~ dispensada, subscrevo-me com a mais alta estima e consideração.

De V. Exa.

Muito respeitosamente
A Directora Académica

(Dra. Rosa Bizarro)

Com conhecimento do Exmo. Senhor Alami

Eugénia Amador Porto de Albuquerque

OS REALIZADORES da ESCOLA SUPERIOR ARTISTICA do PORTO

Apresentam

MURALHA do SOL



Cenário e Fotografia - Pedro Cunha

Um Filme Rodado Metricamente em Dezoito Magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos, " Num Pedaco de Memória "

Ficha Técnica: **Realização** - André Diego, Bernardo Gomes de Almeida, Carolina Conde, Edgar Moreira, Hugo Carvalho Araújo, João Mendes, João Sampalo, João Leitão, Luis Malheiro, Miguel Matos Cruz, Nuno Malheiro, Nuno " Viana " Ribeiro, Pedro Cunha, Pedro Dias, Rui Mota Pinto, Rui Tavares, Tiago Araújo e Gama, Tiago Santos **Produção** - Sérgio Fernandes **Actores** - Pedra, Sol **Montagem** - Bernardo Gomes de Almeida, Tiago Araújo e Gama **Anotação** - Carolina Conde **Fotografia de Cena** - Mariana Figueiroa **Música ao Vivo** - Luis Malheiro, José Miguel Moreira e Edgar Moreira **Título** - Muralha do Sol Sub Título - Num Pedaco de Memória ESAP. Cinema e Vídeo Porto Nov/Dez. 2004.

OS REALIZADORES da ESCOLA SUPERIOR ARTÍSTICA do PORTO

PROGRAMA

Apresentam em Ante-Estrela

no

AUDITÓRIO da ESAP, Rua Comércio do PORTO nº 173

Acompanhado com Música ao Vivo
e Exposição de Fotografia de Cena

O FILME

MURALHA do SOL

" Num Pedaco de Memória "

Dia 17 de Dezembro 2004

Matiné às 18 Horas

Com Tinto D´Honra

Escola Superior Artística do Porto
Apresenta

"Muro dos Bacalhoeiros"

Um filme rodado em cinco magníficos
quadros cinematográficos

POR
C B

Realização
Adriano Alves da Rocha
André Oliveira
Marta Pulk
Teresa Sampaio
Rute Moreira

Produção
Sério Fernandes

Participação
Filipa Gomes e Sofia de Pina

Montagem
André Oliveira

Fotografia de cena e cartaz
Cristiano Gonçalves

Estreia dia 12 de Junho de 2013 na Sala de Atos,
Edifício São Domingos

OS REALIZADORES DA ESCOLA SUPERIOR ARTÍSTICA DO PORTO
APRESENTAM

NEGRO CORCEL



um filme rodado metricamente em uma cena com sete magníficos quadros artísticos cinematográficos, gritando correntes no silêncio

ANTE-ESTREIA: 22 de Março de 2002
Auditório cinematográfico de MIRAGAIA
Grupo musical de MIRAGAIA
Rua Arménia, nº 18 Porto

Realizadores:
Alexandre Perdigão, André Filipe Martins, André Gonçalves Martins,
André Peixoto, Fred Oliveira, José Manuel,
Marco A. Miranda, Mario Rui Lemos, Pedro Nuno Bastos,
Samuel G. Barbosa, Tiago Mendes

Produção:
Sério Fernandes

Fotografia de Cena:
André Peixoto

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

Apresentam no

Auditório cinematográfico de MIRAGAIA

Grupo musical de MIRAGAIA

Rua Arménia, Nº 18 Porto

PROGRAMA

22 de Março de 2002

matiné às 17 horas

1ª Parte

Ante-estreia

NEGRO CORCEL

Um filme rodado metricamente em uma cena com sete magníficos quadros artísticos cinematográficos, gritando correntes no silêncio.

2ª Parte

ARCA D' ÁGUA

Um filme rodado metricamente em uma cena com nove magníficos quadros cinematográficos, em duelo com a luz.

(Ante-estreado no Quartel do Bom Pastor a 21 de Dezembro de 2001)

UM GESTO AZUL

De Fred Oliveira

GRANDE JORGE

De Cristiano

Exposição de fotografia de cena do filme Negro Corcel de

André Peixoto

«MORS»-AMOR

(A LUIS DE MAGALHÃES)

*Esse negro corcel, cujas passadas,
Escuto em sonhos, quando a sombra desce,
E, passando a galope, me aparece
De noite nas fantásticas estradas.*

*Donde vem ele? Que regiões sagradas
E terríveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?*

*Um cavaleiro de expressão potente,
Formidável, mas plácido, no porte,
Vestido de armadura reluzente,*

*Cavalga a fera estranha sem temor:
E o corcel negro diz: «Eu sou a Morte!»
Respondê o cavaleiro: «Eu sou o Amor!»*



OS REALIZADORES
DA
ESCOLA SUPERIOR ARTÍSTICA DO PORTO
APRESENTAM
NOVEMBRO
UM FILME RODADO METRICAMENTE EM UMA CENA
NO JARDIM DE FREI BONIFÁCIO
COM CINCO MAGNÍFICOS QUADROS ARTÍSTICOS CINEMATOGRAFICOS

ESTREIA EM MATINÉ NO ORFEÃO DO PORTO (Praça da Batalha nº123 1º)
DIA 2 DE FEVEREIRO ÀS 18 HORAS

MARIANA FIGUEROA EXPÕE FOTOGRAFIA DE CENA DO FILME "NOVEMBRO" Porto 2001

**Escola Superior Artística do Porto
Curso superior de Cinema e Vídeo**

Disciplina de Realização

Sinopsis dos filmes rodado e a rodar
durante o ano lectivo 2000/01.

Filme:

"NOVEMBRO"

"Um filme rodado metricamente em uma cena, com cinco
Magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos,
no jardim de Frei Bonifácio".

Sinopsis:

Nos anos 20, a Invicta Film, uma grande produtora de nível mundial com sede no Porto, rodou no Palácio de Cristal, um filme experimental no intuito de entrar a sua equipa técnica. Dessa rodagem nasceu "Frei Bonifácio", que dada a sua qualidade artística se tornou numa obra prima do mundo.

Nos finais do século xx, os Realizadores da E.S.A.P., regressam ao mítico espaço para em comunhão rodarem "NOVEMBRO", um filme com sensibilidade outonal.

Rodagem em Novembro de 2000.

Estreia no Orfeão do Porto a 02 de Fevereiro de 2001.



Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

Apresentam

O CAMINHO DA DOR

Um filme rodado metricamente em uma cena com oito
magníficos quadros artísticos cinematográficos,
onde o sangue flúi no Purgatório do Douro.



ANTE-ESTREIA

*31 de Janeiro de 2003, pelas 18h00m
no Auditório de Miragaia, Rua Arménia n.º18*

REALIZAÇÃO

Diana Oliveira, Filipe Miguel, Hugo Levi, Inês Marques, João Rita, Luís Bernardo,
Pedro Leitão, Ricardo Rodrigues, Sérgio "Águia" Mendes

PRODUÇÃO

Sério Fernandes

ACTOR

Tiago Afonso

AGRADECIMENTOS

Cine-clube do Porto

Pedro Pena

ESAP 2002/03

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

Apresentam

O CAMINHO DA DOR

Um filme rodado metricamente em uma cena com oito magníficos quadros artísticos cinematográficos, onde o sangue flui no Purgatório do Douro.

Ficha Técnica

Realização e Câmara

Diana Oliveira
Filipe Miguel
Hugo Levi
Inês Marques
João Rita
Luís Bernardo
Pedro Leitão
Ricardo Rodrigues
Sérgio "Águia" Mendes

Produção

Sério Fernandes

Actor

Tiago Afonso

Direcção de Fotografia e Montagem

Inês Marques
Luís Bernardo

Cenografia

Inês Marques
Jorge Quintela
Luís Bernardo

Caracterização

Brígida Velhote
Diana Oliveira

Anotação

Diana Oliveira

Música

O Suicídio de Shostakovich

Cartaz

Diana Oliveira
Sérgio "Águia" Mendes

Fotografia de Cena

Jorge Quintela

Agradecimentos

Cine-Clube do Porto
Pedro Pena

Suporte DV / 10min.

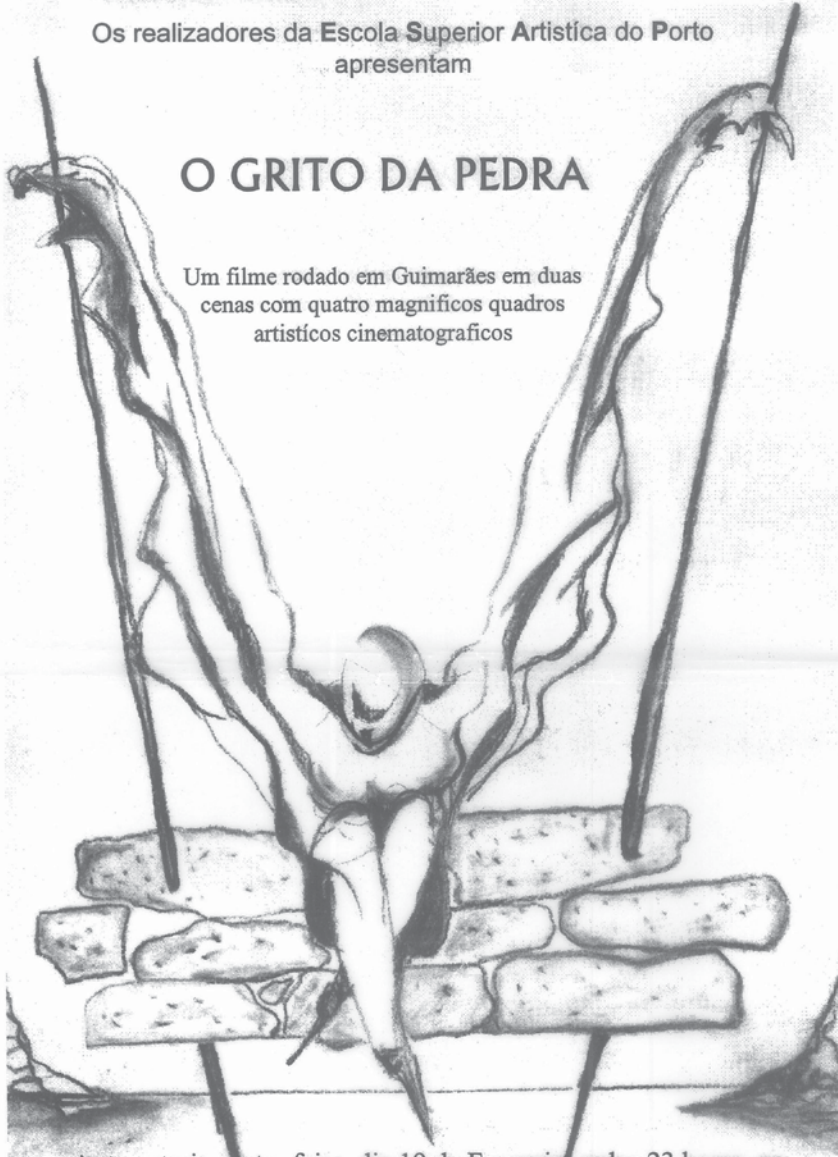
ESAP 2002/03



Os realizadores da Escola Superior Artística do Porto
apresentam

O GRITO DA PEDRA

Um filme rodado em Guimarães em duas
cenas com quatro magníficos quadros
artísticos cinematográficos



Ante-estreia sexta- feira, dia 19 de Fevereiro pelas 23 horas, no
Café Cinecitta, Praça Santiago - Guimarães

REALIZADORES DA ESCOLA SUPERIOR ARTÍSTICA DO PORTO

NA SEMANA DAS ARTES DA ESCOLA SECUNDÁRIA DE ESPOSENDE

APRESENTAM

23/ 04/99 – Sexta –Feira –14.30 horas

VIDEO ARTE FILMES

«VALE DE FOGO-UM FILME RUPESTRE»
- 10'-1995-

«CABO MONDEGO-UM FILME FÓSSIL»
- 10'-1995-

«F.I.L.-MAGENS»
- 10'-1995-

«SONHAR TALVEZ...»
- 22'-1995-

«O ASSALTO»
- 5'-1994-

«AURORA»
- 10'-1998-

«FÉNIX»
- 10'-1998-

«OO OLHOS UMA ALMA»
- 14'-1999-

«GRITO DA PEDRA»
- 7'-1999-

«HOSPITAL PSIQUIÁTRICO»
- 8'-1992-

1999



Os realizadores da Escola Superior Artística do Porto
Apresentam,

OPERA

Um filme trágico em 1 cena, com 9 magníficos quadros artísticos cinematográficos, rodado na Foz do Douro numa manhã de Inverno **salgando o Amor** .

Ante-estreia em matineé, dia 3 de Março, pelas 18.30h no espaço **Caldeira213** na Rua dos Caldeireiros, 213,Porto.

Ficha Técnica do Filme

Realizadores

Augusto Lado, Cristiano, Jaime Rafael Lucas, Khaddyja M' Baló, Mervi Junkkonen, Nuno Pedro, PauloA. Resende, Pedro Proença Henriques, Pedro Rocha Nogueira, Pedro Sousa, Sónia Sucena Gomes

Produção

Sério Fernandes

Actores

Medeia: Sónia Sucena Gomes
Augusto Lado

Montagem de Imagem e Som

Augusto Lado(imagem), Pedro Rocha Nogueira(som)

Cartaz

Pedro Rocha Nogueira

Agradecimentos

Hugo Costa
Cineclube do Porto

ESAP 2000

Fim

Os Realizadores da Escola Superior Artística do
Porto

Apresentam

no Espaço

Caldeira 213

à Rua dos Caldeireiros 213, Porto,

Sexta-feira, 3 de Março de 2000, pelas 18H30,

a ante-estreia em Matiné dos filmes:

Estranho Atractor

Filme experimental.

Ópera

Um Filme Trágico em 1 cena, com 9 Magníficos Quadros
Artísticos Cinematográficos, rodado na Foz do Douro, numa
manhã de Inverno, salgando o amor.

OS REALIZADORES DA ESCOLA DE CINEMA E VIDEO DO PORTO APRESENTAM

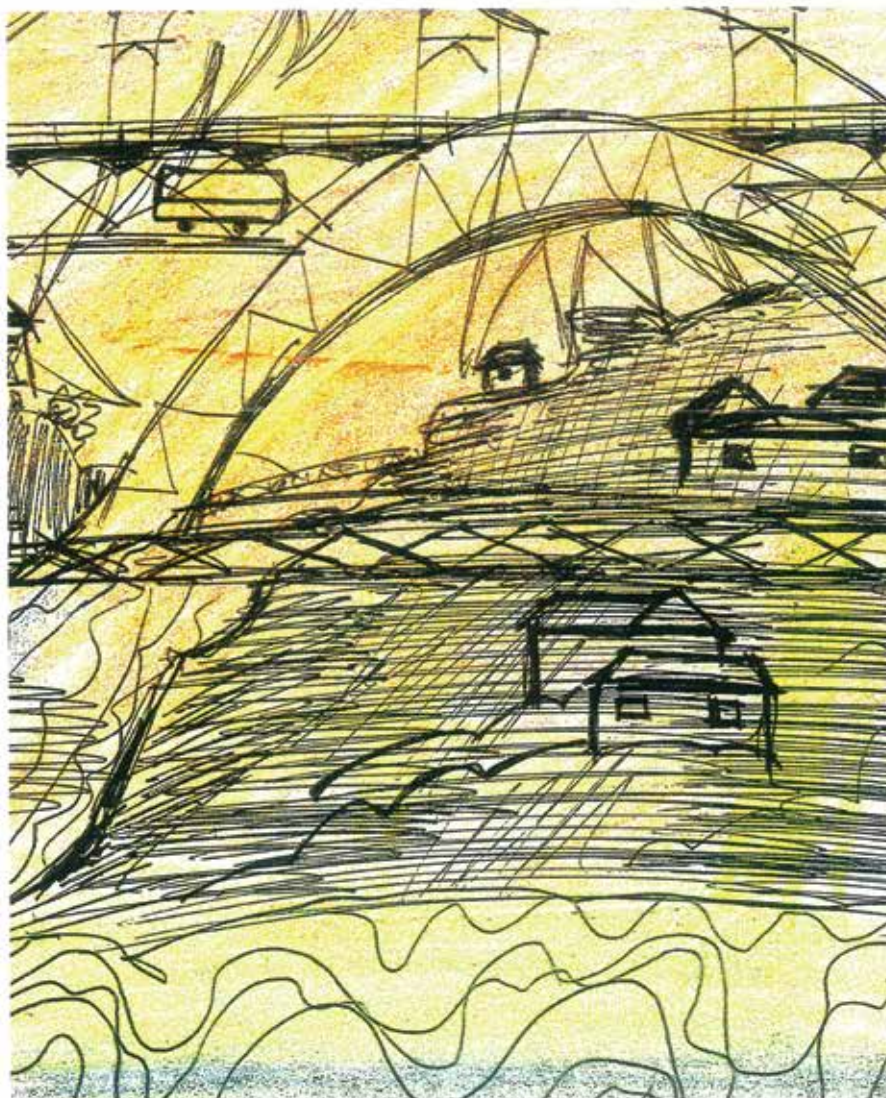
PORTO ÉPICO EM 10 CANTOS

UM FILME AZUL EM 10 CENAS COM 59 QUADROS CINEMATOGRAFICOS

6 DE DEZEMBRO DE 1995 - 21h45m

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA DE CENA DE CELESTINO MONTEIRO

30 DE NOVEMBRO A 7 DE DEZEMBRO DE 1995



BALLET TEATRO AUDITÓRIO PRAÇA 9 DE ABRIL, 76 - JARDIM ARCA D'ÁGUA - 550 89 18

ILUSTRAÇÃO: DIOGO ANGRADE - DESIGN: JOÃO NUÑO MARTINS

PORTO ÉPICO EM 10 CANTOS

um filme azul em 10 cenas com 59 quadros cinematográficos

Sinopse

Os realizadores da Escola de Cinema e Vídeo do Porto iniciaram a rodagem do filme “Porto Épico em 10 Cantos” às 7 horas da manhã do dia 3 de Novembro de 1995, na praia do Areíño, continuando a filmagem a decorrer em panorâmica solar cinematográfica sobre o Porto até às 7 horas da tarde, altura em que foi rodada a última cena, na praia da Afurada. As cenas inicial e final realizaram-se à cota zero do rio Douro, com o ponto mais alto a ser atingido ao meio-dia, no Canto 5, à Serra do Pilar.

Realizadores

Joaquim Albino
Diogo Andrade
Carla Carreira
Luis Cordeiro
Vasco Costa
Sério Fernandes
Luis Leite
Hugo Lopes
João Nuno Martins
Orlando Mateus
Cláudia Moderno
Fernanda Mourão
João Pedro Temudo
Dina do Vale
Jorge Ventura

Montagem e Genérico

João Nuno Martins

Produção

Joaquim Albino
Jorge Ventura

Copyright

Porto 1995



Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto
Apresentam em Ante Estreia

O Filme **Rasgo d'Olhar**

No
Estúdio da Reboleira
Rua da Reboleira, 65 à Ribeira do Porto
dia 16 de Dezembro 2005
Matiné às 17 horas

Programa:

1.ª Parte - Ante Estreia - filme Rasgo d'Olhar

2.ª Parte - Filme "Liberdade Prisional" de Ana Vieira de
Campos e Tiago Veloso Dias

Filme "Cybernetic Control" de Diana Mota

Filme "Mouth" de Catarina Baptista e Joana Silva

Nunes

Filme "Eu, a Vida e a Morte" de Adérito Pinto,
Bruno Marinho e Marcos Lourenço

Filme "Project" de Nuno Vilares

Filme "Ensaio sobre a Calvicie" de Paulo de
Oliveira Abreu e Renata Sequeira

Os realizadores do Curso De Cinema e Vídeo da Escola Superior Artística do Porto apresentam no *novo* ESTÚDIO DA REBOLEIRA, rua da reboleira, 65, à Ribeira do Porto.

RIO ESPELHO DA NOITE



CELESTINO MONTEIRO

Um filme do Douro, em duas partes, rodado nas ribeiras de Gaia e porto, em sete cenas com magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos.

A estreia terá lugar Sexta-feira, 19 de Dezembro de 1997, pelas 22 horas, no ESTUDIO DA REBOLEIRA, rua da reboleira, 65, à Ribeira do Porto.

No bar Está-se Bem, à rua Fonte Taurina nº 70, à Ribeira do Porto, continua patente uma exposição de Fotografia de cena do Filme **RIO ESPELHO DA NOITE** da autoria de Celestino Monteiro.

Na 1ª parte da sessão será ante-estreado o filme **O TEATRO**, realização de Pedro Ribeiro com Joana Candido, texto de Emma Santos.

EMERGENCIAS

- FARMÁCIAS**
- PORTO**
- DIA E NOITE**
- Faça do Moura - R. do Fátima, 1463 - Tel. 431244
- Serpa Pinto - R. do S. Paulo, 649 - Tel. 818697
- Antes - A. de Fátima de Magalhães, 1076 - Tel. 537726
- Sandá - R. do Fátima, 216 - Tel. 2002925
- Sarcobone - Lq. dos Lários, 26 - Tel. 2001701
- ATE ÀS 22H05**
- Garretista - R. do Formoso, 496 - Tel. 2004645
- Pambeiro - Campo dos Mártires da Fátima, 151 - Tel. 311295
- Suarez - R. de Castro Cabral, 43 - Tel. 220470
- Instituto - R. do Bonfim, 330/332 - Tel. 373212
- Alves da Silva - R. do João de Deus, 22 - Tel. 6066613
- GAIA**
- DIA E NOITE**
- Central de Gaia - R. de Álvares Cabral, 137 - Tel. 302557
- Margareta - Lq. de Francisco Rodrigues, 89/91 (Vilar de Andorinha) - Tel. 7822836
- Avarede - R. do Ocaso do Sil, 387 - Tel. 782592
- S. Félix - Avenida Nacional 109, 312 - Tel. 7213474
- ATE ÀS 22H08**
- Mano Preto - Lq. de Santo António, 253 (Greij) - Tel. 7640195
- Miriam - Av. do Hócio do Côrte (Nimmar Amarelo) - Tel. 1620929
- Moura - R. do Jardim, 1758 (Vilar de Paços) - Tel. 7110819
- MATOSINHOS**
- DIA E NOITE**
- Laço do Bolso - R. de Gonçalo, 484 (Laço do Bolso) - Tel. 5127271
- João Morais - Povoado de António Sérgio, 319 (C. Pau) - Tel. 9375367
- Bastina - R. do Ocaso do Sil, 387 - Tel. 782592
- OUTRAS LOCALIDADES**
- DIA E NOITE**
- Agueda - Vila
- Albergaria-a-Velha - Fátima Janeiro
- Alfindade - R. de Fr. Gringo
- Alga - R. do Henrique Pereira Amarelo - de Forte
- Azideia - Vila Nova, São João Gonçalves
- Arões de Valdevez - do Lapa
- Argemil - Moderna
- Arzobispo - Santo António
- Arouca - Arroios, Arroios
- Figueiredo (Ela)
- Borrelas - R. Alves de Faria
- Braga - Moura, Penalande
- Bragança - Moura
- Cambará - Bairro Randano, Brito
- Vila Trinta de Arcos
- Cantanhoso - Cruz, Neves, Sto. (Anj), Elias André (Tcha)
- Carrizado de Resendes - Vieg
- Carrizado de S. Lourenço
- Castelo de Paiva - Central
- Castro Daire - Moderna
- Colares da Balsa - Duarte Dias
- Chaves - Modilares
- Cinfaes - Conaco
- Coimbra - H. Nazari, Universal
- Condado - Roca
- Esplenho - Conceição
- Espinho - Monteiro
- Estarreja - Lige
- Fafe - Fernando de Castro

- Telefones úteis**
- Hospital Santa Antónia - 2002354
- Hospital S. João - 327131
- Hospital Maria Pia (Cranganos) - 6099861
- Hospital de Vila Verde - 6033137
- Hospital Gaia - 3799503
- Hospital Matosinhos - 2991000
- Bomboneiros Portimão - 4168486
- Sepedroses Beira-Mar - 324123
- Vilamaior da Serra - 332787
- Sepedroses de Gaia - 3792474
- Bomboneiros Matosinhos/Lago - 9953334
- Conselho de PSP - 2002885
- Brigada de Acidentes - 2096821
- Divisão de Tráfego - 2036840
- Policia Judiciária/Piquete SMAS (piquete) - 2037446
- Porto - 390600
- Gaia - 3770460
- Matosinhos - 9372915
- Identificação da Moura (vozadas) - 390600
- Porto - 0800246246
- Gaia - 0800246246
- Matosinhos - 0800246246
- Melo - 0800246246
- Rodrigues - 328661
- Trota Inverde - 611132
- Cruz Vermelha/Emergências - 6066833
- SOS Crianca - 011 7901617
- SOS SIDA (1h ou 22h) - 0800 28 18 40
- Drogas/Linha Aberta (12h-24h) - 591212
- Proteção Civil - 6199280

LAZERES

- CINEMAS**
- PORTO**
- Batofeira**
- Tel. 2022497
- 1430, 1640, 2145
- SOZINHO EM CASA 3 de Raça Gonalves, M/5
- Casa das Artes**
- Tel. 5102153
- 1430
- AS AVENTURAS DE WALLACE & GROMIT de The Anderson Collection, M/6
- 17h, 1930, 22h
- PARABENS (Cura-Metragem) de João Pedro Rodrigues e OSOSOS de Pedro Costa, M/2
- Central Shopping (Sala 1)**
- Tel. 2004725
- 15h, 1640, 1840, 2140
- HÉRCULES de John Mulkerr e Ron Clements, M/6
- Central Shopping (Sala 2)**
- 14h, 1620, 1845, 2145, 2340
- 007 - O AMANHÃ NUNCA MORRE de Roger Spottiswoode, M/2
- Central Shopping (Sala 3)**
- 15h, 18h, 2140, 0900
- O JOGO de David Fincher, M/2
- Central Shopping (Sala 4)**
- 14h15, 1840, 19h, 22h, 0930
- G.I. JANE - ATE AO LIMITE de Ridley Scott, M/2
- Central Shopping (Sala 5)**
- 1430, 1620, 1820, 2145, 20h15
- DURO TEAM de Tai Hark, M/6
- Central Shopping (Sala 6)**
- 1430, 1630, 1830, 2215, 24h
- SOZINHO EM CASA 3 de Raça Gonalves, M/6
- Charlot**
- Tel. 4097210
- 1730, 1930, 1930, 1930, 2130
- HÉRCULES de John Mulkerr e Ron Clements, M/6
- Cidade do Porto (Sala 1)**
- Tel. 4097164
- 14h15, 1645, 1845, 1915, 2145, 20h15
- 007 - O AMANHÃ NUNCA MORRE de Roger Spottiswoode, M/2
- Cidade do Porto (Sala 2)**
- 1430, 17h, 1930, 22h, 2030
- O JOGO de David Fincher, M/2
- Cidade do Porto (Sala 3)**
- 14h15, 1615, 1815, 20h15, 22h15
- 0015
- SOZINHO EM CASA 2 de Raça Gonalves, M/6
- Cidade do Porto (Sala 4)**
- 14h, 1630, 19h, 2130, 24h
- G.I. JANE - ATE AO LIMITE de Ridley Scott, M/2
- Cinecube**
- Tel. 2002972
- A ESPERA de Pedro Lazares

- Estúdio do Rebeloite**
- 22h
- RIO ESPINHO DA NOITE de Catarina Monteiro
- NurAlveres**
- Tel. 4095078
- 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, 24h
- EM CARNE VIVA de Pedro Almodovar, M/6
- Passos Manuel**
- Tel. 2030708
- 1430, 17h, 1930, 22h
- SERA QUE VAI NEVAR NO NATAL? de Sándora Vesszel, M/2
- Solo Babó**
- Tel. 2022497
- 14h45, 1645, 2145
- GEORGE, O REI DA SELVA de Sam Weisman, M/6
- Trindade 1**
- Tel. 2004172
- 1620, 1645, 2140, 24h
- 007 - O AMANHÃ NUNCA MORRE de Roger Spottiswoode, M/2
- Trindade 2**
- 14h45, 1645, 2145
- HÉRCULES de John Mulkerr e Ron Clements, M/6
- AGUADA**
- S. Pedro**
- Tel. 822837
- 2130
- G.I. JANE - ATE AO LIMITE de Ridley Scott, M/2
- ARGANIL**
- Biblioteca Municipal (Auditeário)**
- 1430
- SPACE JAM de Ivan Reitman, M/6
- AVERÍO**
- Estúdio 2002**
- Tel. 21132
- 15h, 2145
- 007 - O AMANHÃ NUNCA MORRE de Roger Spottiswoode, M/2
- Estúdio Oito**
- Tel. 29249
- 1430, 1630, 1830, 2145
- SOZINHO EM CASA 3 de Raça Gonalves, M/6
- Arélio da Póvoa (Sala 1)**
- Tel. 8097164
- 14h15, 1645, 1845, 1915, 2145, 20h15
- 007 - O AMANHÃ NUNCA MORRE de Roger Spottiswoode, M/2
- Arélio da Póvoa (Sala 2)**
- Tel. 815010
- 15h30, 2130, 20h30
- 007 - O AMANHÃ NUNCA MORRE de Roger Spottiswoode, M/2
- Arélio da Póvoa (Sala 3)**
- 14h15, 1615, 1815, 20h15, 22h15
- 0015
- SOZINHO EM CASA 2 de Raça Gonalves, M/6
- Bragá (Sala 1)**
- Tel. 218775
- 15h, 1730, 2145, 09h10
- G.I. JANE - ATE AO LIMITE de Ridley Scott, M/2
- Bragá (Sala 2)**
- Tel. 2002972
- 15h, 1730, 1930, 2145, 2340
- SOZINHO EM CASA 3 de Raça Gonalves, M/6
- Bragá (Sala 3)**
- 1430, 1745, 2130, 2330
- SOZINHO EM CASA 3 de Raça Gonalves, M/6
- Bragá (Sala 4)**
- 15h, 1845, 1830, 2145, 2340
- HÉRCULES de John Mulkerr e Ron Clements, M/6
- Bragá (Sala 5)**
- 15h, 2130
- O JOGO de David Fincher, M/2
- 1730, 1930, 2345
- DURO TEAM**
- de Tai Hark, M/6
- Bragá (Sala 6)**
- 15h, 1730, 1930, 2145, 2340
- 007 - O AMANHÃ NUNCA MORRE de Roger Spottiswoode, M/2

LUSOMUNDO

450\$

3 CALLSHOPPING

Todas as Horas Para Estudantes

PO.N.T.I. - PORTO NATAL THEATRO INTERNACIONAL



- AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO**
- Rua das Oliveiras, 43 - Tel. 2004540
- 21330**
- O GATO QUE CHOVE**
- A partir de textos de Mário Casanary. Encenação de Maria Emilia Correia pelo grupo O Vermelho e o Negro
- BALLETTEATRO AUDITÓRIO**
- Pt. 9 de Abril, 74 - Tel. 5509318
- 14h, 17h**
- BUCKETTING**
- de Chloé Perrault. Encenação de Chloé Gourd. pelo Societas Refatório Sanzão e Teatro Comunitário Borralha-Correia
- Bragá (Sala 7)**
- 15h, 1645, 1840, 2145, 2340
- GEORGE, O REI DA SELVA de Sam Weisman, M/6
- Teatro-Circo**
- Tel. 242403
- 15h, 1730, 2145
- OS VITUSOSOS de Mark Helman, M/2
- COIMBRA**
- Castelo Lopes (Sala 1)**
- Tel. 702466
- 1430, 1645, 19h, 2130
- SOZINHO EM CASA 3 de Raça Gonalves, M/6
- Castelo Lopes (Sala 2)**
- 14h45, 17h, 1915, 2145
- 007 - O AMANHÃ NUNCA MORRE de Roger Spottiswoode, M/2
- Estúdio Avenida (Sala 1)**
- Tel. 22131
- 13h45, 15h45, 17h45, 19h45, 21h45
- HÉRCULES de John Mulkerr e Ron Clements, M/6
- Estúdio Avenida (Sala 2)**
- 14h, 1630, 19h, 2130, 24h
- O JOGO de David Fincher, M/2
- Estúdio Oito**
- 14h, 1645, 1830, 2120, 2335
- SOZINHO EM CASA 3 de Raça Gonalves, M/6
- Estúdio Geminí-1**
- Tel. 474427
- 15h30, 2130
- GEORGE, O REI DA SELVA de Sam Weisman, M/6
- Estúdio Geminí-2**
- 13h45, 21h45
- SOZINHO EM CASA 3 de Raça Gonalves, M/6
- Estúdio Geminí-3**
- 13h45, 1930, 2130, 2145, 20h20
- 007 - O AMANHÃ NUNCA MORRE de Roger Spottiswoode, M/2
- Estúdio Geminí-4**
- Tel. 5102153
- 13h45, 1930, 2130, 2145, 20h20
- 007 - O AMANHÃ NUNCA MORRE de Roger Spottiswoode, M/2
- Estúdio Geminí-5**
- Tel. 22131
- 13h45, 15h45, 17h45, 19h45, 21h45
- HÉRCULES de John Mulkerr e Ron Clements, M/6
- Estúdio Geminí-6**
- Tel. 5102153
- 13h45, 15h45, 17h45, 19h45, 21h45
- HÉRCULES de John Mulkerr e Ron Clements, M/6
- Estúdio Geminí-7**
- Tel. 5102153
- 13h45, 15h45, 17h45, 19h45, 21h45
- HÉRCULES de John Mulkerr e Ron Clements, M/6
- Estúdio Geminí-8**
- Tel. 5102153
- 13h45, 15h45, 17h45, 19h45, 21h45
- HÉRCULES de John Mulkerr e Ron Clements, M/6
- Estúdio Geminí-9**
- Tel. 5102153
- 13h45, 15h45, 17h45, 19h45, 21h45
- HÉRCULES de John Mulkerr e Ron Clements, M/6

LUSOMUNDO

9770400

3 791 705

3 CALLSHOPPING

Reserve o seu bilhete de cinema

as estrelas do PÚBLICO

	SÓTI VOTOS PÚBLICO	NOTAS CRÍTICAS	IMPRESSOES	TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO	SERVO PÚBLICO	VERSÃO GARÇA
EM CARNE VIVA	***	**	****	****	****	****
G.I. JANE - ATE AO LIMITE	*	*	*	*	*	*
SERA QUE VAI NEVAR NO NATAL	**	**	**	**	**	****
O JOGO	**	**	**	**	**	**
HÉRCULES	**	**	**	**	**	**
OSOS	*****	*****	*****	*****	*****	*****
007 - O AMANHÃ NUNCA MORRE	*	*	*	*	*	*
SOZINHO EM CASA 3	*	*	*	*	*	*

***** Clássico **** Impressional *** A não perder ** A ver * Desaproveitado * A evitar

HÉRCULES de John Mulkerr e Ron Clements, M/6

Feira Nova (Sala 3)

15h45, 21h45

O JOGO de David Fincher, M/2

Feira Nova (Sala 4)

15h30, 18h, 21h30

GEORGE, O REI DA SELVA de Sam Weisman, M/6

Feira Nova (Sala 5)

15h30, 18h15, 21h45

SOZINHO EM CASA 3 de Raça Gonalves, M/6

Feira Nova (Sala 6)

15h30, 18h15, 21h45

007 - O AMANHÃ NUNCA MORRE de Roger Spottiswoode, M/2

Santa Clara

Tel. 42424

G.I. JANE - ATE AO LIMITE de Ridley Scott, M/2

FONÇA AZEÍTA I de Wolfgang Peterson, M/2

SANTO TIRO

Cine teatro

Tel. 659644

16h30, 21h30

SOZINHO EM CASA 3 de Raça Gonalves, M/6

TONDELA

Sala-Estúdio Acent

Tel. 82200

21h45

LOUTA de Afonso Lima, M/6

VILA NOVA DE FAMILIACAO

Centro Cultural de Joaze

Tel. 99396

21h30

O REI DA RÁDIO de Betty Thomas, M/2

Estúdio Town

Tel. 27970

15h, 21h30

HÉRCULES de John Mulkerr e Ron Clements, M/6

VILA NOVA DE GAIA

AMC - Arrábida Shopping

Tel. 371111

* 13h45, 16h30, 1830, 2120, 24h, 0030

SOZINHO EM CASA 3 de Raça Gonalves, M/6

* 14h10, 15h, 17h, 1930, 19h40, 21h15, 22h20, 23h55, 09h10, 02h30

007 - O AMANHÃ NUNCA MORRE de Roger Spottiswoode, M/2

* 13h15, 16h, 18h45, 2130, 22h25, 03h

G.I. JANE - ATE AO LIMITE de Ridley Scott, M/2

* 1430, 1645, 19h15, 22h20, 09h30, 02h15

EM CARNE VIVA de Pedro Almodovar, M/6

* 13h40, 16h20, 19h25, 21h45, 03h30, 03h10

O JOGO de David Fincher, M/2

* 14h, 1830, 19h45, 21h25, 23h45

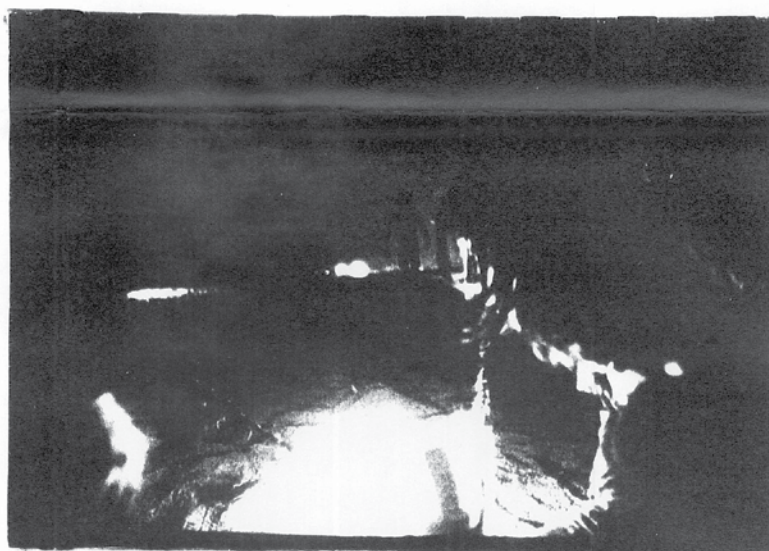
GEORGE, O REI DA SELVA de Sam Weisman, M/6

* 1430, 1645, 1930, 22h25, 01h

Os Realizadores do Curso de Cinema e Vídeo da Escola Superior Artística do Porto, apresentam no **Cineclube do Porto**, em ante-estreia o Filme "**Rumo ao Mar**", *um Filme rodado no Areal do Cabedelo, à Foz do Douro, em uma Cena, com Magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos Encadeados*". A ante-estreia terá lugar Sexta-feira, 24 de Abril de 1998, pelas 23h00, no Cineclube do Porto, Rua do Rosário, nº 5 - 1º.

"**Rumo ao Mar**" é o último filme da Trilogia. Os restantes filmes, "**Rio Espelho da Noite**" e "**Insurreição**" foram já estreados.

Estará patente até ao dia 7 de Maio de 1998, no Cineclube do Porto, uma Exposição de Fotografia de Cena de **Celestino Monteiro** de "**Rumo ao Mar**". Esta exposição esteve patente no bar **Trintaem** no Passeio Alegre à Foz do Douro.



CELESTINO MONTEIRO - 58

Fotografia de Cena de CELESTINO MONTEIRO

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto
apresentam a

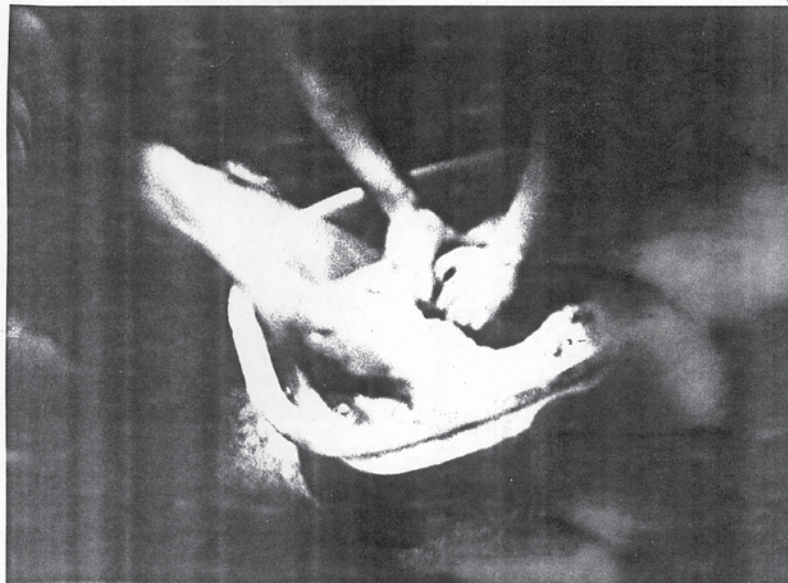
Trilogia Cinematográfica Rumo ao Mar

em estreia no
Orfeão da Foz do Douro
à Rua das Motas , nº 19, à Foz do Douro, Porto
em 19 de Junho de 1998, pelas 21h45

e com exposição de Fotografia de Cena da Trilogia da autoria de
Celestino Monteiro
de 12 a 19 de Junho de 1998

a Trilogia Cinematográfica é constituída pelos filmes
Rio Espelho da Noite
Insurreição
Rumo ao Mar

a Trilogia foi ante-estreada na 1ª Semana do Cinema Lusiada
e 7ª e última Semana do Cinema Europeu,
que decorreu na cidade do Porto em Maio de 1998



Fotografia de Cena de CELESTINO MONTEIRO

BELOMONTE ARTE FILMES

Centro da Produção de Cinema e vídeo da CESAP

Ficha Artística e Técnica do Filme

"SINFONIA DE IMAGENS PARA QUATRO ELEMENTOS"
UM FILME DO PORTO EM SETE ANDAMENTOS

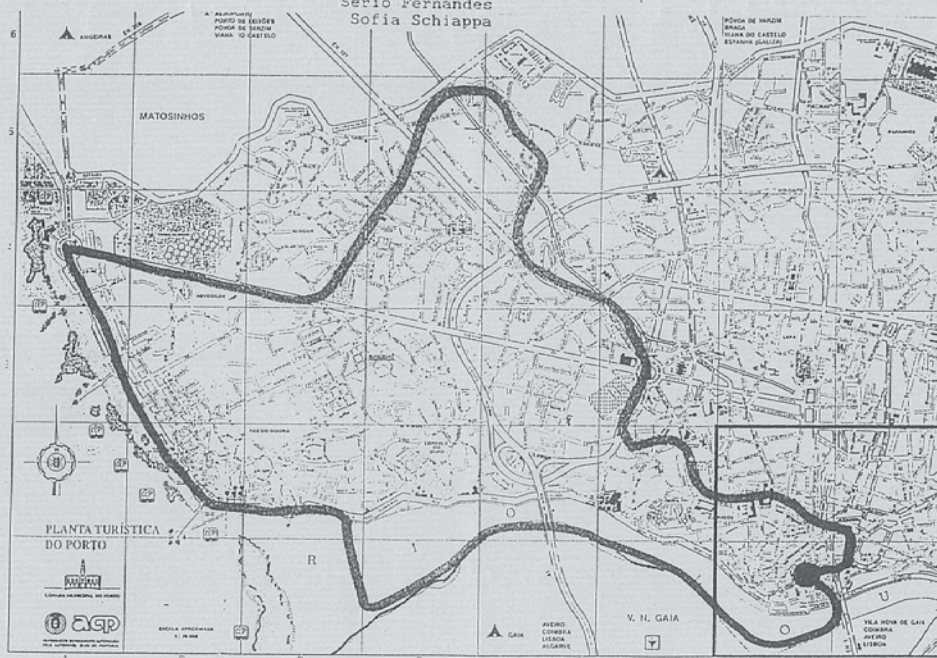
1. OVERTURE
2. RIBEIRA CON SPIRITO
3. DOURO MAESTOSO
4. NOITE MODERATO
5. MOLTO ALLEGRO
6. MADRUGADA ANDANTE
7. FINALE

MONTAGEM
Carlos Morais

GENÉRICO
El Pássaro

ACOMPANHAMENTO MUSICAL
Guitarra
Luís Miguel Sousa

REALIZAÇÃO
Carla Pinto
Carlos Morais
El Pássaro
João Paulo Campos
Luís Miguel Sousa
Miguel Ortigão
Sérgio Fernandes
Sofia Schiappa



A rodagem do filme Sinfonia de Imagens para Quatro Elementos teve início cerca das 16:00 horas de Sexta-Feira, 13 de Janeiro de 1995, no edifício de Mouzinho da Silveira da CESAP - Cooperativa de Ensino Superior Artístico do Porto, tendo terminado ao nascer do sol, cerca das 8:00 horas da manhã do dia 14 de Janeiro de 1995, na Praça da Ribeira, da cidade do Porto, depois de 16 horas seguidas de filmagens.

BELOMONTE ARTE FILMES
Centro de Produção de Cinema e Vídeo da CESAP

Ficha Artística e Técnica do Filme

"SINFONIA DE IMAGENS PARA QUATRO ELEMENTOS"
UM FILME DO PORTO EM SETE ANDAMENTOS

1. OVERTURE
2. RIBEIRA CON SPIRITO
3. DOURO MAESTOSO
4. NOITE MODERATO
5. MOLTO ALLEGRO
6. MADRUGADA ANDANTE
7. FINALE

MONTAGEM
Carlos Morais

GENÉRICO
El Pássaro

ACOMPANHAMENTO MUSICAL
Guitarra
Luís Miguel Sousa

REALIZAÇÃO
Carla Pinto
Carlos Morais
El Pássaro
João Paulo Campos
Luís Miguel Sousa
Miguel Ortigão
Sério Fernandes
Sofia Schiappa

A rodagem do filme Sinfonia de Imagens para Quatro Elementos teve início cerca das 16:00 horas de Sexta-Feira, 13 de Janeiro de 1995, no edifício de Mouzinho da Silveira da CESAP - Cooperativa de Ensino Superior Artístico do Porto, tendo terminado ao nascer do sol, cerca das 8:00 horas da manhã do dia 14 de Janeiro de 1995, na Praça da Ribeira, da cidade do Porto, depois de 16 horas seguidas de filmagens.

FIM

Filme:

"SOAJO"

Sinopsis:

Filme ópera, no qual os realizadores da E.S.A.P., reconstituem o coro trágico, na vila do Soajo, encenado no anfiteatro rochoso entre os espigueiros.

A rodagem do filme ópera "SOAJO",
será em finais de Abril de 2001.

Sessão de filmes dos Realizadores da E.S.A.P.

Dia 8 de Junho de 2001 às 21 horas, no Cine Invicta Film, instalado na Casa do Povo da Vila do Soajo.

PROGRAMA

**1ª Parte
(Em estreia)**

“SOAJO”

Um Filme rodado metricamente em uma cena, no Trágico Altar dos Espigueiros com treze Magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos.

“NOVEMBRO”

Um Filme rodado metricamente em uma cena, no Jardim de Frei Bonifácio com cinco Magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos.
(Estreado no Orfeão do Porto a 02 de Fevereiro de 2001)

“A MULHER”

Realização de sónia Amen.

INTERVALO

2ª Parte

“ANGÚSTIA”

Um Filme rodado metricamente em uma cena, no Negro Porão de Belomonte com sete Magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos.
(Estreado no Novo Auditório Cinematográfico do Grupo musical de Miragaia, a 6 de Abril de 2001)

“ABISMO”

Um filme rodado em uma cena, no Lodo do Túnel da Alfândega do Porto com nove magníficos Quadros Artísticos Cinematográficos.
(Estreado no Stand da E.S.A.P. na FOTIMAG/EXPONOR, a 11 de Maio de 2001)

Mariana Figueroa e Celestino Monteiro expõem Fotografia de Cena do Filme “SOAJO”, de 4 a 8 de Junho na Casa do Povo da Vila do Soajo.

**OS REALIZADORES DA ESCOLA SUPERIOR ARTÍSTICA DO PORTO
APRESENTAM**



DESENHO E GRÁFISMO: JOÃO LISBOA

**UM FILME RODADO MÉTRICAMENTE NA MOURARIA COM 5 MAGNÍFICOS QUADROS ARTÍSTICOS CINEMATográfICOS
REALIZADORES: EDUARDO SOUSA, JOÃO LISBOA, JOÃO PAULO CARNEIRO, MARCIO LARANJEIRA,
MARIA JOÃO FRAGATEIRO, NÉLSON AGOSTINHO, SARA NOGUEIRA, SÉRGIO ALMEIDA, VERÓNICA DA COSTA
MÚSICA ORIGINAL: CRISTIANO - MONTAGEM: JOÃO LISBOA - PRODUÇÃO: SÉRIO FERNANDES - ESAP/2004**

OS REALIZADORES DA ESCOLA SUPERIOR
ARTÍSTICA DO PORTO
APRESENTAM

RETROSPECTIVA

“VERTIGEM DE DANÇA”

“JARDIM DAS VIRTUDES”

“ATRÁS DAS ASAS”

“DIANA – PRELÚDIO DE ÍRIS”

ANTE – ESTREIA

“**SODADE**”

UM FILME RODADO MÉTRICAMENTE NA MOURARIA COM
CINCO MAGNÍFICOS QUADROS ARTÍSTICOS
CINEMATOGRAFÍCOS

MATINÉ

DIA 14 DE MAIO DE 2004, ÀS 17 HORAS
ESTÚDIO DE CINEMA DA ESAP
RUA DA REBOLEIRA, N^o 65 (À RIBEIRA)
PORTO

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto
Apresentam:

Sombra da Solidão

Um filme rodado metricamente com
13 magníficos quadros artísticos cinematográficos.
No Purgatorio do Douro

FICHA TÉCNICA:

REALIZAÇÃO: Bernardo, Carolina, Diego, Filomena Ferreira, João Mendes, João Sampaio,
Miguel Malheiro, Matos Cruz, Pedro Cunha, Pedro Dias, Rui Mota Pinto, Tiago Rocha, Zé Miguel

PRODUÇÃO: Sérgio Fernandes

ACTORES: Bernardo, Carolina, João Sampaio, Pedro Dias, Tiago Rocha, Zé Miguel

MONTAGEM: Diego, João Sampaio, Rui Tavares

ANOTAÇÃO: Carolina

FOTOGRAFIA DE CENA: Carolina

MÚSICA AO VIVO: Edgar Moreira, Luis Malheiro

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto
Apresentam:



Um filme
rodado
metricamente
com
13 magníficos quadros
artísticos
cinematográficos, no
Purgatorio do Douro

FICHA TÉCNICA:

REALIZAÇÃO: Bernado, Carolina, Diego, Filomena Ferreira, João Mendes, João Sampaio,
Miguel Malheiro, Matos Cruz, Pedro Cunha, Pedro Dias, Rui Mota Pinto, Tiago Rocha, Zé Miguel

PRODUÇÃO: Sério Fernandes

ACTORES: Bernardo, Carolina, João Sampaio, Pedro Dias, Tiago Rocha, Zé Miguel

MONTAGEM: Diego, João Sampaio, Rui Tavares

ANOTAÇÃO: Carolina

FOTOGRAFIA DE CENA: Carolina

MUSICA AO VIVO: Edgar Moreira, Luis Malheiro

TEATRO DE CRISTAL
um filme em cenas do Fazer a Festa com múltiplos quadros cinematográficos

Sinopse

Os realizadores da Escola de Cinema e Vídeo do Porto rodaram "Teatro de Cristal", um filme em cenas do Fazer a Festa - Festival Internacional de Teatro para a Infância e Juventude -, organização do Teatro Art'Imagem, nos jardins do Palácio de Cristal de 18 a 28 de Abril de 1996.

Realizadores

Fernando Mourão
João Pedro Temudo
João Nuno Martins
Joaquim Albino
Jorge Ventura
Luis Artur
Orlando Mateus
Pedro Pena
Sério Fernandes
Vasco Josué

Montagem

Vasco Josué
Jorge Ventura

Copyright

Porto 1996

AMANHÃ

UM FILME DE CRISTAL D'ARQUES

Respeitável público, os realizadores da Escola de Cinema e Vídeo (esclareço desde já que o acento agudo que suprimi na palavra vídeo é da inteira responsabilidade dos realizadores) do Porto têm o orgulho de apresentar um filme. Teatro de Cristal é o resultado de uma montagem baseada nos 11 dias do Fazer a Festa. Os bastidores, os trabalhos, peças, actores, jornalistas e outros bichos, são o tema desta curta-metragem de 40 minutos. Começamos a vê-la por volta das onze da noite.

Oubi d'zer qué na tenda amarela.



R' Inferno - grupo x

celebrando Mariafeia

Colaboração com o TEATRO DE CRISTAL da Escola de Cinema e Vídeo

LIVROS SELECIONADOS
RARIIDADES BIBLIOGRÁFICAS

NÃO COMPRE SEM NOS VISITAREMOS
NÃO VENHA SEM NOS CONSULTAR

LIVRARIA ACADÉMICA



RUA DOS MÁRTIRES DA
LIBERDADE, 10
TELEFONE 2005988 FAX 31537
4000 PORTO - PORTUGAL

FICHA TÉCNICA

REDACÇÃO: Ana Paula ALVES, José ALMEIDA, Maria José OLIVEIRA, Rodrigo Viana de FREITAS, Rui Patrício DAVID, Sandra FERREIRA, Sónia LACERDA e Vera CARNEIRO
FOTOGRAFIA: Bruno CARVALHO

TEATRO DO QUOTIDIANO

um filme em 7+1 cenas

Realizadores

Joaquim Albino
Diogo Andrade
Luis Cordeiro
Vasco Costa
Vasco Josué
Luis Leite
João Nuno Martins
Orlando Mateus
Cláudia Moderno
Fernando Mourão
Pedro Temudo
Dina do Vale
Jorge Ventura

Actores

Marta Silva
Ana Reimão
Hugo
Inês Lua
Jóia
Augusto
Inês Coutinho
Cláudia
Hugo

Montagem e Genérico

João Nuno Martins

Copyright

Porto 1996



Os realizadores da Escola de Cinema e Vídeo do Porto, produziram e realizaram 7 filmes, sob o tema *Imagens do Quotidiano*, para a peça *INFERNO*, que o Grupo X - Teatro Experimental da Soares dos Reis irá levar à cena 5ª, 6ª e Sábado, dias 11, 12 e 13 de Abril de 1996, pelas 22h00, no ginásio da Escola Artística Soares dos Reis do Porto. Este espectáculo irá também ser exibido no Festival de Teatro Fazer a Festa, a decorrer no mês de Abril, no Palácio de Cristal, organização do Teatro Art`Imagem.

Título dos 7 filmes, de *Imagens do Quotidiano*:

O Louco na Avenida dos Aliados;
A Engraxadora no Café Imperial;
Os Vagabundos nos caixotes do lixo da rua da Vitória;
O Toxicodependente nas passagens subterrâneas da Praça da Liberdade;
As Mulheres no Bar da rua Cimo de Vila;
A Zélia à porta do Swing;
A Viagem no Rádiotaxi.

Imediatamente a seguir à apresentação em simultâneo destes 7 filmes, cujas imagens vão lentamente desaparecendo sobre fundo vermelho, será exibido nos 7+1 ecrans em presença, uma versão de 3 minutos do filme *Asfixia...* Estamos Salvos, estreado em 15/02/96, na Escola Superior de Belas Artes do Porto.

TEATRO NEGRO

um filme em 12 cenas com 12 quadros cinematográficos

Sinopse

Os realizadores da Escola de Cinema e Vídeo do Porto rodaram “Teatro Negro” em 12 cenas e com 12 quadros cinematográficos. Aqui, e pela primeira vez, a fusão do teatro com o cinema aconteceu. A gramática artística cinematográfica utilizada na montagem foi a da fusão a negro.

Realizadores

Pedro Temudo
Vasco Josué
Dina do Vale
Jorge Ventura
Sério Fernandes
Fernando Mourão
Luis Leite
Luis Cordeiro
Susana Amaral
Carla Carreira
Orlando Mateus
Vasco Costa
Diogo Andrade
Cláudia Moderno
Joaquim Albino

Actores

Jota
Pedro Temudo
Rodrigo
Hugo
Cláudia
Marta
Ana
Tatiana
Longa
João Paulo Campos
Vasco Costa
Débora Mota
António Pedro
El Pássaro
Sério Fernandes

Carla Carreira
Gatos
Fogo

Montagem e Genérico

Orlando Mateus
Fernando Mourão

Copyright

Porto 1996

Realizadores da Escola de Cinema e Vídeo do Porto
"Teatro Negro"


FILME OU CONCERTO?

Desde o princípio, mostrei-me um pouco reticente à proposta dos alunos da Esc. Artist do Porto em apresentarem um filme com música ao vivo, "Enfim, são artistas"-pensi. Ou as pessoas vão ver cinema, ou vão ver concertos. Acho que há espaço para tudo, mas uma coisa de cada vez.


O espectáculo começava à meia-noite mas eram para aí onze e meia e a "agitação" disparou na tenda. Era mais uma actuação do Paulo e do Jota, os incansáveis do Fazer a Festa. Desta vez não foi cuspir fogo, nem tocar birimbau que pasmou a audiência. Desta vez foi capoeira. O moreno do rabo-de-cavalo (não era eu, não façam confusão) e o louro do cabelo às tranças (que também não é o José Leitão) contagiaram-nos por completo. Minutos depois já estava tudo a lutar, ao som da música do pessoal do Grupo X, da Esc. Artist e até do Art'imagem, num belíssimo show de galinheiro(sim...porque de capoeira tinha pouco). Enfim, valeu na mesma. Até eu tive vontade de ir lá p'ró meio.

Era meia-noite e o filme começou. Silêncio na tenda e tudo às escuras-"o que é que vai sair daqui?". As sete televisões começavam a aquecer e os 18 músicos, sentados entre elas e nós, aqueciam também os seus instrumentos preparando o que iria ser o melhor improviso que já vi. "Teatro Negro"...doze realizadores filmaram doze cenas negras e arrepiaram a espinha de muito boa gente. Um filme mudo com música ao vivo, pena é que não tenham adoptado esta política nas doze cenas e houvesse uma que tivesse som, que quanto a mim quebrou o que estava a ser um grande espectáculo. Foram vinte minutos de filme em que se fechassemos os olhos víamos tudo na mesma. Conseguiram realmente transmitir alguma coisa. Aquilo não se faz com teoria, aquilo foi mesmo sentido. No final, ou se gostou ou não se gostou. Várias opiniões e vários comentários, entre abraços e desculpas pelo som e imagem. Só é pena não haver nenhum Sr. Oscar na direcção deste festival, para lhes entregarmos uma estatueta, talvez com barba, por melhor banda sonora original. Continuem assim, não deem "luz" ao cinema...

Rodrigo Viana de Freitas



ESPLANADA JARDIM DO MORRO
Junto ao tabuleiro superior da Ponte D
Luís - Vila Nova de Gaia



SHOPPING CENTER CIDADE DO PORTO
LOJA 72 PISO LAZER (-1) LOJA 69

Ler a festa
Boletim Informativo do Fazer a Festa
Festival Internacional de Teatro Para a Infância e Juventude

LIVROS SELECIONADOS
RARIDADES BIBLIOGRÁFICAS

NÃO COMPRE SEM NOS VISITAR
NÃO VENDA SEM NOS
CONSULTAR

LIVRARIA ACADÉMICA



RUA DOS MÁRTIRES DA
LIBERDADE, 10
TELEFONE 2005988 FAX 315373
4000 PORTO ☆ PORTUGAL

Os Realizadores da Escola de Cinema e Vídeo do Porto, vão exibir no dia 22 de Abril de 1996, nos Jardins do Palácio de Cristal, pelas 24h00, o Filme "TEATRO NEGRO - Um filme em 12 cenas com 12 quadros cinematográficos". A estreia deste filme está integrada no XV Festival Internacional de Teatro para a Infância e Juventude, FAZER A FESTA, que decorrerá entre 18 a 28 de Abril no Palácio de Cristal, organização do Teatro Art'Imagem.

Os Realizadores da Escola de Cinema e Video do Porto

Apresentam

No 25º Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz

Hoje, 7 de Setembro de 1996

Pelas 23h 30' no Casino III

Em Antestreia Absoluta

TRAGÉDIA D'OIRO

Na 2ª parte

PENTALOGIA em 35mm da **ESCOLA DO PORTO**

NO FOYER DO CASINO III
EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS
DE CENA DOS FILMES POR CELESTINO MONTEIRO

* Imediatamente a seguir à projecção Tinto d'Oiro

CALENDÁRIO

Outubro

- Dom. 13 10h30 - Sede - "O Espírito da Colmeia" de Victor Erice (Esp. 1973), dur: 97min;
 21h30 - Carlos Alberto - "O Espírito da Colmeia" de Victor Erice (Esp. 1973),
 dur: 97min;
- Seg. 14 18h00 - Carlos Alberto - "O Espírito da Colmeia" de Victor Erice (Esp. 1973),
 dur: 97min;
- Dom. 27 10h30 - Sede - "Ao Sol de Satanás" de Maurice Pialat (Fr. 1987), dur: 90min;
 21h30 - Carlos Alberto - "Ao Sol de Satanás" de Maurice Pialat (Fr. 1987), dur: 90min;
- Seg. 28 18h00 - Carlos Alberto - "Ao Sol de Satanás" de Maurice Pialat (Fr. 1987), dur: 90min.

ESTREIAS NA SEDE

Setembro

- Seg. 30 22h00 - "Édipo É Encontrado em Panóias" de Paulo Castro (Port.-1995) dur: 13min e
 "Sacrifício no Castelo" de Paulo Castro (Port. - 1996) dur: 23min;
 Acompanha esta sessão uma "Exposição de Fotografias de Cena"
 da autoria de Limamil e Armando Pinheiro

Outubro

- Sáb. 12 22h00 - "Tragédia d'Oiro" dos realizadores da Escola de Cinema e Vídeo do Porto
 (Port. - 1996), dur: 4min.

EXTENSÃO

Outubro

- "Extensão dos 2^{os} Encontros de Cinema Europeu"
 iniciativa, INATEL (ver calendário no interior).

SEDE - MUSEU DE ARTE CINEMATOGRAFICA DO PORTO

Outubro

- De 1 a 7 Exposição - "Capas de Programas do Cineclube do Porto dos Anos 50/60"
 (ver no interior)
- De 8 a 14 Exposição - "Cartazes de Filmes Portugueses" do Período Revolucionário do
 25 de Abril de 1974

O Espírito da Colmeia

de Victor Erice

Ano de 1940. Uma aldeia perdida na Meseta Castelhana. É Domingo e chega a camioneta do cinema. No desengonçado edifício que serve para tudo, improvisa-se a projecção do filme *O Doutor Frankenstein*. Durante noventa minutos, pelas ruas solitárias da povoação, ressoam as velhas palavras do mito romântico. Na sala improvisada, entre o público, estão duas meninas: chamam-se Isabel e Ana. Seguem atentamente a projecção. São irmãs. A pequena, Ana, pergunta à mais velha porque é que o monstro mata e porque, no fim, morre. São as primeiras questões que Isabel resolve, graças à imaginação: o monstro é um espírito que pode apresentar-se como amigo e pode-se invocá-lo por meio de certas palavras.

O que para Isabel é um jogo imaginativo, torna-se, para Ana, numa realidade vital. Quer ver o monstro. Procura-o. Invoca-o. O velho casarão onde vivem as meninas, com os pais, vai-se enchendo da presença de algo inapalpável que só Ana parece fundamentalmente decidida a descobrir. Fernando e Teresa, os pais, vivem as suas nostalgias, as suas frustrações, sem suspeitarem o que se esconde na mente da filha mais nova. Um dia, Ana desaparece. A procura vai ser angustiosa. A menina é encontrada. Mas ninguém, a não ser ela, poderá saber o fim da aventura.

BELOMON ARTE FILMES
Centro de Produção de Cinema e Vídeo da CESAP

NO AUDITÓRIO DE VIDEOARTE DA CESAP
APRESENTA
DIA 31 DE MARÇO DE 1995
PELAS 21:30 HORAS

AUDITÓRIO DE VIDEOARTE
da Cooperativa de Ensino Superior Artístico do Porto
Rua Mouzinho da Silveira, 75
4050 Porto
Tel/fax: 02 2002330

NA GALERIA DE FOTOGRAFIA DA CESAP
EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA DE CENA DO FILME
"VALE DE FOGO - UM FILME RUPESTRE"
De João Paulo Campos
Impressão de Celestino Monteiro

FILME
"VALE DE FOGO - UM FILME RUPESTRE"
Encontro com as Gravuras do Cão

REALIZAÇÃO DA ESCOLA DE CINEMA DO PORTO

TEATRO
"ANTIGUIDADE E GODOT"
Encenação de António Pedro
TEATRO EXPERIMENTAL DA ESCOLA SOARES DOS REIS

SEGUE-SE
"DEBATE"

A Exposição irá decorrer da 31 de Março a 7 de Abril

FOTOGRAFIA DE CENA
João Paulo Campos

BELOMONTE ARTE FILMES
Centro de Produção de Cinema e Vídeo da CESAP

TRAILLER DO FILME

"VALE DE FOGO - UM FILME RUPESTRE"
ENCONTRO COM AS GRAVURAS DO CÔA

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

RODAGEM

- CARLA PINTO
- CARLOS MORAIS
- JOÃO PAULO CAMPOS
- LUÍS MIGUEL SOUSA
- SÉRIO FERNANDES

ASSISTENTES DE RODAGEM

- BRÍGIDA VELHOTE
- FERNANDA VIEIRA

REPRESENTAÇÃO

- BRUNO MIGUEL
- JOÃO PAULO CAMPOS

GENÉRICO

- SOFIA SCHIAPPA

MONTAGEM

- EL FÁSSARO
- MIGUEL ORTIGÃO

FOTOGRAFIA DE CENA

- JOÃO PAULO CAMPOS

IMPRESSÃO FOTOGRÁFICA

- CELESTINO MONTEIRO

AGRADECIMENTOS

- ESCOLA SECUNDARIA DE VILA NOVA DE FOZ-CÔA
- DR. MANUEL RIBEIRO
- DR. SOTERO
- ACÁCIO PIMENTA
- ADRIANO
- JOSE CARLOS
- CÉSAR PINTO
- MARIA DE FÁTIMA PINTO

27/28
mm

Em 24 de Fevereiro de 1995, os realizadores da Escola do Porto deslocaram-se ao Vale do Côa, mais precisamente à aldeia de Castelo Melhor com o objectivo de registar a arte feita pelos nossos antepassados que está gravemente ameaçada por uma barragem que teima em afogá-la.

Foi um encontro entre uma criança, o cinema e um dos seus antepassados.

Ao chegar ao vale, é facilmente perceptível o porquê deste ser o local eleito.

Depois deste breve encontro, continuamos sem perceber como é que alguém pode ter o direito de decidir apagar da História a sua própria história.

Nota: A construção da barragem implicará não só a submersão das gravuras rupestres, como também levará ao desaparecimento de um vale com uma paisagem e um clima muito próprios.

FIM

Vertigem de Dança

Um filme rodado metricamente em uma cena com magníficos quadros cinematográficos no Teatro Camões, em pés de salsa.

Ante-estreia em matiné às 18:00 no novo auditório da ESAP.

Rua do Comércio do Porto 173

Promovido pelo

Congresso Mundial de Salsa

Realizado no

**Teatro Camões em Lisboa
a 14/15/16 de Novembro 2003**

Realização:

Ivo Reis
João Carneiro
Marcelino Sabença
Maria João Fragateiro
Sérgio d'Almeida

Produção:

Sério Fernandes

Escola Superior Artística do Porto
3º Ano de Cine – Vídeo

Os Realizadores da Escola Superior Artística do Porto

apresentam

**no novo auditório da ESAP
Rua do Comércio do Porto, 173 Porto**

Em 19 de Dezembro de 2003, matiné às 18 horas

PROGRAMA
Ante-estreias dos filmes

I^a Parte

Jardim das Virtudes

Um filme rodado metricamente, em uma cena, com quatro magníficos quadros artísticos cinematográficos, nos degraus d'água.

II^a Parte

Vertigem de Dança

Um filme rodado metricamente em uma cena, com magníficos quadros artísticos cinematográficos, no Teatro Camões, em pés de salsa.

Principal Filmografia dos 10 Realizadores de "Viva o Porto"

<p>Viva o Porto Filme em 10 quadros</p> <p>1º Quadro Saída do pessoal operário da Fábrica Confiança <i>Realização: Pedro Gil de Vasconcelos</i></p> <p>2º Quadro Cortejo eucarístico saindo da Sé do Porto no aniversário da sagração do Eminentíssimo Cardeal Américo <i>Realização: Paulo Castro</i></p> <p>3º Quadro Rio Douro <i>Realização: Mário Augusto</i></p> <p>4º Quadro Vista da praia de Ourigo <i>Realização: Rui Cunha</i></p> <p>5º Quadro O senhor dos Matosinhos <i>Realização: Sérgio Fernandes</i></p> <p>6º Quadro Chegada de um comboio "Americano" a Cadouços <i>Realização: Eduardo Gradim</i></p> <p>7º Quadro Feira de gado na Corujeira <i>Realização: Ana David</i></p> <p>8º Quadro Porto <i>Realização: Nuno de Teyxeira</i></p> <p>9º Quadro Um arraial no Bonfim <i>Realização: Abel Meireles</i></p> <p>10º Quadro Uma salva de artilharia na Serra do Pilar <i>Realização: Tiago Dias</i></p>	<p>Pedro Gil de Vasconcelos: De "A" a "A" / "O Corno" / "Trilogia Industrial" / "Terror no Hipermercado"</p> <p>Paulo Castro: "O Silêncio ou Nada" / "Mastroshenko" / "O Caos supera a Catástrofe" / "Perdidos na Viagem"</p> <p>Mário Augusto: "Homenagem a James Joyce" / "Mãos em Agonia" / "Vagueando pelos cemitérios na noite do dia de finados" / "Elas voam".</p> <p>Rui Cunha: "Noite é Não" / "Adeus o Amante" / "Vindimas em Castelo de Paiva" / "Os Pedreiros levantam-se às sete"</p> <p>Sérgio Fernandes: "Chico fininho" / "Odísseus" / "Coéforas" / "Entrada de Cristo no Porto em 1989".</p> <p>Eduardo Gradim: "Mare Nostrum" / "História Negra"</p> <p>Ana David: "Primórdios" / "Situação I e II" / "Fronteiras"</p> <p>Nuno de Teyxeira: "Enteu" / "Eu + Eu" / "Ar Tério I's Clero se Fascista" / "Moto - Motion"</p> <p>Abel Meireles: "Maresia" / "1"</p> <p>Tiago Dias: "De eléctrico" / "Sobressaltos In-De-gestos" / "O Silêncio" / "O último suspiro"</p>
--	--

"Viva o Porto"

Ficha artística e técnica de rodagem dos 10 Filmes

Saída do Pessoal operário da fábrica confiança

Realização: Pedro Gil de Vasconcelos / Director de Fotografia: José Ernesto Monteiro / 1º Assistente de Realização: Sérgio Fernandes / 2º Assistente de Realização: Rui Cunha, Silvana Góes / Banda: Victor Ribeiro / Assistente de Banda: Sandra Costa, Mário Augusto / Alargamento: Paulo Castro / Caracterização: Graça Pinto / Assistente de Caracterização: Ana David / Vales de Cena: Paulo Soares / Designador de Cena: Paulo Soares / Operária da Fábrica Confiança: Alexandra Carapça, Berta Fernandes, Célia Vilela, Dileza Maia, Ildefonso Magalhães, Graça Pinto, Lara Dias, Maria da Graça Silva, Maria João Pomes, Maria da Luz, Maria Pinheiro, Maria, Sara, Sónia e Teresa, Teresa Pires

Cortejo Eucarístico saindo da Sé do Porto no aniversário da sagração do eminentíssimo Cardeal Américo

Realização: Paulo Castro / Director de Fotografia: José Ernesto Monteiro / Assistente de Realização: Sérgio Fernandes / Assistente de Imagem: Ana David / Caracterização: Lúcia Costa

Rio Douro

Realização: Mário Augusto / Director de Fotografia: José Ernesto Monteiro / Assistente de Realização: Sérgio Fernandes / Assistente de Imagem: Ana David / Desenvolvimento: Miguel Vilela

Vista da Praia de Ourigo

Realização: Rui Cunha / Director de Fotografia: José Ernesto Monteiro / Assistente de Realização: Sérgio Fernandes / Assistente de Produção: Pedro Gil de Vasconcelos / Fotografia de Cena: José Luís de Coimbra

O Senhor dos Matosinhos

Realização: Sérgio Fernandes / Director de Fotografia: José Ernesto Monteiro / Alargamento: Paula, Elisabete Espanca / Graça Pinto

Chegada de um comboio "Americano" a Cadouços

Realização: Eduardo Gradim / Director de Fotografia: José Ernesto Monteiro / 1º Assistente de Realização: Sérgio Fernandes / 2º Assistente de Realização: José Vilela / Operário de Usina: Fernando Lopes / Fotografia de Cena: Rui Vilela / Assistente de Realização: Filizete Hódé Ferraz, Graça Pacheco, Rui Cunha / Caracterização: Graça Pinto / Graça, José Manuel Falcão / Condutor do Eléctrico: António da Silva / Motonista da Usina: Berta Fernandes, Dileza Maia, Graça Pinto, Lara Dias, Paula

Feira de gado na Corujeira

Realização: Ana David / Director de Fotografia: José Ernesto Monteiro / Assistente de Realização: Sérgio Fernandes / Assistente de Produção: Abel Meireles / Caracterização: Ana David / Fotografia de Cena: Sandra Costa / Saco do Foz: Paulo Gil de Vasconcelos

Porto

Realização: Nuno de Teyxeira / Director de Fotografia: José Ernesto Monteiro / Assistente de Realização: Sérgio Fernandes / Fotografia de Cena: Paula Vilela

Um arraial no Bonfim

Realização: Abel Meireles / Director de Fotografia: José Ernesto Monteiro / Assistente de Realização: Sérgio Fernandes

Uma Salva de artilharia na Serra do Pilar

Realização: Tiago Dias / Director de Fotografia: José Ernesto Monteiro / Assistente de Realização: Sérgio Fernandes / Assistente de Produção: Lúcia Costa

O género de "Viva o Porto" foi realizado por ANI Feijó e Produzido pela FILMÓGRAFO - Estúdio de Cinema de Animação do Porto no âmbito de um atelier de operador de truca, orientado por Martin Kocincinick

Design gráfico: ANI Feijó / Foto-composição e Faldatos: Faldatos / Operadores de Truca: Pedro Saraiva, Nuno Lourenço / Montagem: Jorge Neves / Logótipo Viva o Porto de rodagem: José Paulo Lemos

"Viva o Porto" foi rodado no âmbito do caderno de Realização do curso Supervisor de Cinema, de Escola Superior Artística do Porto e produzido com os equipamentos de 35 mm da DEI FILM, com a colaboração da SINAL.

"Viva o Porto" reúne o Espírito dos Filmes do programa do Cinema Português, Amélia da Paz dos Reis, rodados na cidade do Porto no ano de 1896.

Agradecimentos

Ballet Teatro Contemporâneo do Porto / Centro Comercial Unice / Estabilidade de Portugal EP / Lieben Filmes / Metadano Industrial do Porto / Polícia de Segurança Pública do Porto / TQP - Marketing e Publicidade / Serviço de Transportes Colectivos do Porto / Homenoi Descomprometidos / José de Matos/Cuz

Felícula - Fuji Negativo de 35 mm
Laboratório de Imagem - Tóbia Portuguesa

Ano de 1992

Copyright (c) 1992 - Cidade do Porto

Design de Abel Meireles para "Viva o Porto"

CINE-TEATRO 8 JORGE

SÁBADO 10 DE ABRIL DE 1993

O Porto berço do Cinema Português
M. Felix Ribeiro

Viva o Porto
Filme em 10 quadros

"Viva o Porto" é dedicado à querida cidade do Porto, uma das capitais pioneiras do mundo do cinema.

Jovens cineastas repetem os passos do pioneiro do cinema português

Porto revive filmes de Paz dos Reis

Sérgio C. Andrade

Os filmes que o pioneiro do cinema português, Aurélio da Paz dos Reis, rodou no Porto, há quase um século, estão a ser recriados por jovens alunos de cinema. São dez quadros que se unirão num só filme, intitulado "Viva o Porto", para mostrar ao público da cidade numa Festa do Cinema a realizar lá para o início do próximo Outono.

Um grupo de jovens alunos de cinema iniciou, na sexta-feira passada, no Porto, a realização de dez quadros que se propõem repetir e reencenar alguns dos filmes que o pioneiro do cinema português, Aurélio da Paz dos Reis, realizou nesta cidade há quase um século.

Este grupo de jovens, que têm em comum o facto de frequentarem o 3º ano do curso de Cine-Video da Escola Superior Artística do Porto (ESAP), iniciou o seu projecto pela "Saída do Pessal Operário da Fábrica Confiança", o primeiro filme que Paz dos Reis realizou no Porto, no Verão de 1896. Foi na mesma Rua de Santa Catarina, frente ao lugar onde há um século existia a referida fábrica, que Pedro Gil Vasconcelos — res-

ponsável pela realização deste primeiro quadro — orientou uma pequena equipa constituída pelos seus colegas e pelas figurantes recrutadas no Ballet Teatro Contemporâneo. Aliviou o pequeno quadro em que Paz dos Reis, reconhecidamente, se inspira num dos primeiros filmes dos irmãos Lumière, "A Saída da Fábrica Lumière", realizada um ano antes, e que fez parte da série apresentada na histórica primeira sessão do cinematógrafo, a 29 de Dezembro de 1895, em Paris.

Uma releitura irónica

O segundo quadro a ser "refilmado", antecedente, junto à Sé Catedral do Porto, é da autoria de Paulo Castro, que se propôs reler, "de uma forma irónica" — segundo disse ao PÚBLICO —, o "Cortejo Eucarístico Saído da Sé do Porto no Aniversário da Sagrada do Eminentíssimo Cardinal-Americo". Seguir-se-ão, ao longo das duas próximas semanas e ao ritmo que as condições climáticas permitirem, "Um Arraial no Bonfim" (realização de Abel Meireles), "Uma Salva de Artilharia na Serra do Pilar" (Tiago Dias), "Feira de Gado da Cozueira" (Ana David), "Vista da Praia de Ourigo - Foz" (Rui Cunha), "Rio Douro" (Mário Augusto), "Porto" (Nuno Teixeira), "Chegada



"Viva o Porto": uma grande paixão pelo cinema e pela cidade

de um Comboio Americano a Cadouços" (Eduardo Gradim) e "O Senhor de Matosinhos" (este último a realizar por Sério Fernandes, professor de realização e produção na ESAP).

No final, os dez quadros — que terão durações entre um e cinco minutos — serão montados num filme único, intitulado "Viva o Porto", que será apresentado nesta cidade, em Setembro ou Outubro próximo.

nos, no decorrer de uma festa do cinema cujos contornos estão ainda a ser delineados.

O trabalho deste grupo de jovens alunos — um projecto que, no entanto, é exterior às actividades da ESAP — é apoiado por dois produtores independentes portugueses, a Sinal e a Bei Filmes (que cedem o material necessário às filmagens, incluindo a película de 35 mm), devendo a montagem ser também concretizada noutra produtora da cidade, a Filmógrafo, que vem desenvolvendo uma actividade de mais virada para o cinema de animação.

Pedro Gil Vasconcelos, responsável pelo primeiro quadro, explicou ao PÚBLICO que "Viva o Porto" se "propõe recriar mais o espírito do que a essência dos filmes de Paz dos Reis" — tarefa naturalmente impossível devido à profunda alteração que, entretanto, sofreram todos os "décors" em que trabalhou o pioneiro do cinema português. Ao mesmo tempo, "Viva o Porto" é a manifestação de uma "grande paixão pelo cinema e pela cidade que acolheu Paz dos Reis", num país que foi — lembra Gil Vasconcelos —, depois da França, da Inglaterra e da Alemanha, o quarto europeu a ter produção cinematográfica, no início da história daquela que viria a ser a Sétima Arte. ■

Rushdie e o comércio

O EDITORIAL de um diário fundamentalista de Teerão, em protesto pela visita do escritor Salman Rushdie ao Parlamento britânico, na sua edição de ontem, defendia o corte de relações comerciais com a Grã-Bretanha. "A participação britânica no mercado iraniano deve ser limitada e o Irão deve mesmo levá-la ao mínimo", escrevia o director Jomhuri Eslami. O encontro de Rushdie com um grupo de membros do Parlamento, na passada quarta-feira, inseriu-se nos esforços que o Governo britânico tem desenvolvido para a anulação da sentença de morte, decretada por ayatollah Khomeini, em 1989, quando do lançamento de "Os Versículos Satânicos". O diário iraniano, no editorial citado pela Reuter, lembrava que o Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico assegurara a Rushdie que as relações comerciais com o Irão não seriam normalizadas até à anulação da sentença. "Tanto quanto nos diz respeito", escrevia Eslami, "a sentença é irrevogável". Ontem, a agência noticiosa iraniana IRNA anunciava o cancelamento da visita do ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, agendada para esta semana, devido à recusa de Teerão anular a sentença sobre Rushdie. ■

Presuntos no Porto

O GRUPO espanhol Presuntos Implicados vai actuar amanhã à noite no Coliseu do Porto. Grupo criado em 1983, tornou-se, nos últimos anos, um dos mais conhecidos da moderna música popular em língua castelhana. Gostam de "funk", canções com um jeto de "soul music" e de "blues". O seu último álbum, "Almas de Blues", foi editado em fins de 1989 e é dedicado à cantora Billie Holiday. ■

Kusturica abre San Sebastian

"AMERICAN Dreamers", o último filme do realizador jugoslavo Emir Kusturica, com Johnny Depp e Faye Dunaway, inaugurará, no dia 17 de Setembro, a 40ª edição do Festival Internacional de Cinema de San Sebastian. Na selecção oficial, estarão em competição, até ao dia 26 do mesmo mês, 16 obras que concorrerão à Concha de Ouro a um prémio de 12,9 milhões de pesetas, valor destinado a ajudar o produtor para a promoção e distribuição do filme. San Sebastian fará uma homenagem ao cineasta norte-americano Joseph L. Mankiewicz, projectará um documentário sobre a sua vida e filmografia e dedicará uma retrospectiva a John Cassavetes. ■



Palacete

